

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIA DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

VINÍCIUS SOARES R. GOMES FÉRES

**O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA EM CAMPOS  
DOS GOYTACAZES**

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIA DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA EM CAMPOS  
DOS GOYTACAZES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientadora: Dra. Silvana Cristina da Silva

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2017

VINÍCIUS SOARES R. GOMES FÉRES

**O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA EM CAMPOS  
DOS GOYTACAZES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Data da apresentação: 13 de julho de 2017

Resultado: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana Cristina da Silva (Orientadora)  
Universidade Federal Fluminense

---

Profa. Dra. Teresa Peixoto Faria  
Universidade Estadual Fluminense Darcy Ribeiro

---

Prof. Dr. Leandro Bruno Santos  
Universidade Federal Fluminense

## **Agradecimentos**

Na realização da presente dissertação, contei com o apoio direto ou indireto de múltiplas pessoas e instituições às quais estou profundamente grato. Correndo o risco de injustamente não mencionar algum dos contributos quero deixar expresso os meus agradecimentos:

A Instituição Federal fluminense, seus funcionários e professores que contribuem de forma íntegra para que esteja em um nível de excelência de ensino e pesquisa na região Norte fluminense.

A minha orientadora desta dissertação a Professora Doutora Silvana Cristina da Silva, pela orientação prestada, pelo seu incentivo, presteza, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou. Aqui lhe exprimo a minha gratidão.

A banca examinadora composta pelos professores, Doutor Leandro Bruno Santos e Doutora Teresa Peixoto Faria que contribuíram com argumentos que enriqueceram o debate sobre o espaço urbano de Campos dos Goytacazes.

Não poderia deixar de agradecer à minha família por todo o apoio, pela força e pelo carinho que sempre me prestaram ao longo de toda a minha vida acadêmica, bem como, à elaboração da presente tese a qual sem o seu apoio teria sido impossível.

A minha esposa Gabriela por ter caminhado ao meu lado, pela sua paciência, compreensão e ajuda prestada durante a elaboração da presente dissertação, especialmente por apresentar sempre um sorriso, quando sacrificava os dias, as noites, os fins de semana e os feriados em prol da realização deste estudo. E claro pelo seu ótimo entendimento em Inglês.

A minha filha Sophia, que mesmo no interior da barriga de sua mãe, com suas peripécias e seus incansáveis chutes traziam uma enorme felicidade que me abastecia com forças para seguir nesta difícil empreitada acadêmica.

Agradeço também a todos aqueles que se dispuseram a colaborar na realização das entrevistas, respondendo e contribuindo para o seu sucesso. Agradeço a vossa atenção e paciência, sem vós a recolha desses dados teria sido impossível. Por isso muito obrigado!

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar o comércio do Centro da cidade de Campos dos Goytacazes baseando-se principalmente na teoria dos circuitos da economia urbana. Como metodologia foram realizados trabalhos de campo, entrevistas com os envolvidos e pesquisa bibliográfica. Verificou-se que o Centro não é apenas um local específico do comércio popular, mas detentor de diversas atividades modernas. As atividades comerciais não saíram do Centro para outros bairros comerciais, elas se mantiveram e se transformaram. Algumas abriram filiais com o intuito de ampliar seu mercado consumidor. As atividades comerciais, especialmente os comércios tradicionais da cidade por serem possuidoras de um grande poder de decisões, pressionam o Estado a tomar medidas que as beneficiaram como vinha ocorrendo no Governo Rosinha Garotinho com a execução de reformas estruturais para atender ação da ACIC (Associação comercial e industrial de Campos) junto ao ministério público questionando a falta de acessibilidade e organização nas calçadas do Centro. As reformas das ruas levaram a realocação das microatividades do circuito inferior, antes localizadas pelas calçadas, para espaços institucionalizados como Shopping Popular Michael Haddad, intensificaram-se as normatizações e o controle do espaço. Por final, após 2010 constata-se uma maior expansão de símbolos modernos de consumo pela área central de Campos dos Goytacazes. Essa expansão é resultado de novas estratégias do circuito superior, em contemplar o consumo dos grupos sociais menos abastados através da ampliação do crédito (expansão dos bancos, casas de empréstimos e crédito desburocratizado), levando a novas formas de dependência da economia das classes sociais mais pobres, em que as finanças se capilarizam pela economia através de diferentes formas.

**Palavras Chave:** Circuitos da economia urbana, circuito inferior, Centro, comércio, Campos dos Goytacazes.

## **Abstract**

This work has the purpose to analyze the trade of the Center of the city of Campos dos Goytacazes based mainly on the theory of urban economy circuits. As a methodology, fieldwork, interviews with those involved and bibliographic research were carried out. It has been found that the center is not only a specific place of popular commerce, but holds several modern activities. The commercial activities did not leave the center to other commercial neighborhoods, they were maintained and opened branches with the intention of expanding its consumer market. The commercial activities, especially the traditional traditions of the city, are being possessed by a great power of decisions, pressure the State to take measures that benefited them as happened in the Rosinha Garotinho government with the execution of structural reforms to participate in the ACIC (Commercial and Industrial Association of Campos) with the Public Prosecutor's office questioning the lack of accessibility and organization on the sidewalks of the center. On the other hand, these same urban interventions lead to relocation of microactivities the lower circuit in institutionalized spaces (Shopping Popular Michael Haddad. Finally, after 2010, there is a further expansion of modern consumption symbols by the central area of Campos dos Goytacazes. This expansion is the result of new strategies of the superior circuit to contemplate the consumption of less favored social groups through the expansion of credit ( expansion of banks, credit houses and bureaucratized credits) leading to new forms of dependence of the economy of the poorest Classes Social , in which finance has been capillary by the economy in different ways.

**Keywords:** Urban economy circuits, Lower circuit, Downtown, Trade, Campos dos Goytacazes.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Vendedor de Vassouras, Campos dos Goytacazes início do século XX .....	22
<b>Figura 2</b> – Boulevard Francisco de Paula Início do século XX .....	24
<b>Figura 3</b> - Largo das verduras 1890 .....	43
<b>Figura 4</b> - Mercado do Largo do Rocio durante a enchente de 1906 – Final do século XIX .....	43
<b>Figura 5</b> - Praça São Salvador antes (1999) e depois da reforma de 2005.....	50
<b>Figura 6</b> – Rua Alberto torres na proximidade da Praça São Salvador – 2009.....	53
<b>Figura 7</b> – Rua Alberto Torres, nas proximidades da Praça São Salvador – 2016.....	54
<b>Figura 8</b> – Calçadão: entroncamento entre Treze de Maio, Sete de Setembro e Santos Drumond .....	64
<b>Figura 9</b> – Estrutura provisória do Shopping Popular Michael Haddad visto do Mercado Municipal – 2015.....	69
<b>Figura 10</b> – Rua João Pessoa vista pela Rua Lacerda Sobrinho .....	71
<b>Figura 11</b> - Microatividades na área central de Campos – 2015.....	72
<b>Figura 12</b> - Avenida Alberto Torres com vista da Igreja Boa Morte .....	81
<b>Figura 13</b> - Propaganda da Loja Moulin Rouge Monitor Campista .....	86
<b>Figura 14</b> - Relojoaria Renée final do século XIX e loja vivo 2017.....	89
<b>Figura 15</b> - Vista da Avenida 7 de Setembro.....	90
<b>Figura 16</b> – Avenida 7 de Setembro Boulevard do comércio.....	90
<b>Figura 17</b> – Propaganda da Casa Rabelo na Folha do comércio .....	92
<b>Figura 18</b> – Fachada dos prédios na Rua 13 de Maio.....	94
<b>Figura 19</b> - Microatividades que se encontravam localizadas em frente a agência dos correios e previdência social –2014.....	111
<b>Figura 20</b> - Embates entre fiscais da postura e Trabalhadores autônomos – 2010.....	112
<b>Figura 21</b> - Obras do Novo Shopping popular Michael Haddad – 2016.....	114
<b>Figura 22</b> - Foto da fachada do Central Plaza Shopping (Vista da Praça 7 jornadas) – 2016 .....	116
<b>Figura 23</b> - Entrada do Campos Shopping -2016 .....	117

## LISTA DE MAPAS

<b>Mapa 1</b> – Centralidades comerciais em Campos dos Goytacazes - 2017.....	28
<b>Mapa 2</b> – Centralidade comercial na Pelinca - 2017.....	32
<b>Mapa 3</b> – Centralidade em Goytacazes - 2017.....	35
<b>Mapa 4</b> - Centralidade comercial no Jardim Carioca – 2017.....	38
<b>Mapa 5</b> – Expansão das favelas no município de Campos dos Goytacazes – 2005.....	46
<b>Mapa 6</b> - Atividades comerciais no Centro de Campos .....	75
<b>Mapa 7</b> – Especialização comercial nas ruas do centro de Campos dos Goytacazes - 2017.....	76

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Número de estabelecimentos comerciais na Avenida Pelinca .....	31
<b>Quadro 2</b> – Atividades e serviços do distrito de Goytacazes .....	34
<b>Quadro 3</b> – Atividades comerciais no Jardim Carioca .....	37
<b>Quadro 4</b> - Elite comercial e industrial de Campos dos Goytacazes no início do século XX ...	40
<b>Quadro 5</b> – Microatividades e sua localização no centro .....	73
<b>Quadro 6</b> – Atividades comerciais na Rua João Pessoa no final do século XIX e início do século XX.....	77
<b>Quadro 7</b> – Atividades comerciais da Rua João Pessoa no ano de 2016.....	78-79
<b>Quadro 8</b> - Atividades comerciais na Rua Alberto Torres no ano de 2016.....	83
<b>Quadro 9</b> – Atividades comerciais da Rua 13 de Maio no final do século XIX e início do século XX .....	87-88
<b>Quadro 10</b> - Atividades comerciais da Rua 13 de Maio 2016 .....	95
<b>Quadro 11</b> - Estabelecimentos comerciais da Rua Santos Drumond.....	95
<b>Quadro 12</b> - Estabelecimentos comerciais na Rua 7 de Setembro .....	96
<b>Quadro 13</b> - Atividades comerciais localizadas na Rua Barão de Cotegipe século XIX e início do século XX.....	97-98
<b>Quadro 14</b> - Atividades comerciais da Rua Teotônio Ferreira de Araújo em 2016.....	99
<b>Quadro 15</b> - Atividades comerciais na Rua Tenente Coronel Cardoso no ano de 2016 .....	101-102
<b>Quadro 16</b> - Atividades comerciais da Avenida 15 de Novembro no início do século XIX.....	104-105
<b>Quadro 17</b> - Atividades comerciais na Avenida 15 de Novembro.....	106
<b>Quadro 18</b> - Evolução da formalização em Campos dos Goytacazes.....	119
<b>Quadro 19</b> - Número de estabelecimentos e emprego por tamanho no setor terciário – 2015.....	121

## LISTA DE SIGLAS

**CDL** – Câmara de dirigentes lojistas

**CAJORPA** – Comerciantes e Amigos da Rua João Pessoa e Adjacências

**AVASP** – Associação dos Vendedores Ambulantes do Shopping Popular Michel Haddad

**ACIC** – Associação comercial e industrial de Campos

**SEBRAE** – Serviço Brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas

**PREFEITURA** – prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes

**DANS** - Declaração Anual do Simples Nacional

**IDEB** – Índice de desenvolvimento da educação básica

**MEI** – Microempreendedor individual

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

**OMPETRO** – Organização dos municípios produtores de petróleo

**ME** – Microempreendedor

**PE** – Pequena empresa

**TAC** – Termo de ajustamento de conduta

**PDUC** – Plano de desenvolvimento urbano de Campos dos Goytacazes

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 01 – ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES: O CENTRO HISTÓRICO E OS SUBCENTROS COMERCIAIS.....</b>	<b>17</b>
1.1. A formação do Centro Histórico e o comércio popular: as centralidades do espaço urbano em Campos dos Goytacazes.....	17
1.2. As elites e os projetos de renovações urbanísticas no século XX: a migração do comércio popular no Centro .....	39
1.3. Os projetos de reformas urbanas no início do século XXI no Centro Histórico de Campos dos Goytacazes: o disciplinamento do espaço urbano.....	47
<b>CAPÍTULO 02 - O CIRCUITO INFERIOR DO CENTRO: TRABALHO E RESISTÊNCIA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES.....</b>	<b>56</b>
2.1 - O Centro e os circuitos da economia urbana: o comércio lojista e o comércio de rua.....	59
2.2 – As ruas do Centro e os circuitos da economia urbana .....	74
<b>CAPÍTULO 03. A CRIMINALIZAÇÃO DO COMÉRCIO POPULAR E A EXPANSÃO DOS SHOPPING CENTERS NO CENTRO: AGENTES E CONFLITOS.....</b>	<b>108</b>
3.1. Os projetos de formalização das atividades do circuito inferior.....	118
3.2. O circuito inferior do centro resiste: trabalho e renda.....	120
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>126</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a dinâmica do comércio e dos serviços no Centro urbano de Campos dos Goytacazes a partir da problemática das normatizações e reformas urbanísticas que removeram parte das microatividades das áreas centrais nos anos recentes (década de 1990 a 2016).

O município de Campos dos Goytacazes pertencente ao Estado do Rio de Janeiro, distante 280 km da capital Rio de Janeiro, detentor de uma população de 483.970 habitantes (IBGE, 2015) destaca-se na Região Norte Fluminense como um centro regional<sup>1</sup>, destacando-se com atividades comerciais e prestação de serviços, sendo o recebimento de *royalties* do Petróleo e participações especiais fontes importantes de recursos ao orçamento municipal.

Ainda em meados do século XX, Campos dos Goytacazes possuía uma economia baseada na agroindústria sucroalcooleira. A produção de açúcar e cachaça inseriu a cidade na virada do século XIX para o XX em um processo de modernização capaz de criar novos serviços e infraestrutura a partir de equipamentos urbanos modernos (ALVES, 1995), que resultaram na diversificação econômica da cidade, sobretudo na expansão do comércio varejista e atacadista na área central (FARIA, 2008).

Os capitais oriundos da cana de açúcar foram responsáveis por inserir Campos em um projeto de modernidade do seu espaço urbano através de sucessivas reformas urbanísticas e sanitárias que inseriram símbolos compatíveis com a pujança econômica da elite local (ALVES, 1995). O objetivo das reformas urbanas e da elite política e econômica era transformar Campos dos Goytacazes na capital do Rio de Janeiro (SOUSA, 2014).

A cidade se estruturou e formou o núcleo central como o principal lugar da cidade, detentor do comércio sofisticado, do lazer e moradia da elite. Para isso, o poder público agiu de forma a reprimir e retirar os grupos considerados “inconvenientes” dessa faixa da cidade e empurrá-los para áreas distantes ao centro desprovidas de infraestrutura e repletos de atoleiros e alagadiços.

---

<sup>1</sup> De acordo com o (IBGE, 2010) Campos dos Goytacazes possui um *status* de Centro regional por possuir uma área de influência de âmbito regional, sendo referido como destino de outros municípios, para atender a população com um conjunto de atividades econômicas.

Campos dos Goytacazes definiu seu centro já na virada do século XIX para o XX como o quadrilátero que compreende as ruas Tenente Coronel Cardoso, Avenida 15 de Novembro, Rua Marechal Floriano e Avenida José Alves de Azevedo.

O comércio cresceu rapidamente, resultado da associação dos capitais comerciais e agroindustriais, o que consolidou a classe burguesa e possibilitou a diversidade e crescimento do comércio em atacado e varejo (CARVALHO, 1991).

Do início do século XX até o final da década de 70 diversos acontecimentos econômicos e algumas decisões políticas tais como as reformas urbanísticas de saturnino de Brito (1902), Salo Brand (1944) e a elaboração do PDUC em 1979 pelo prefeito Raul Linhares que pelas bases de 1944 define a lei de zoneamento, parcelamento, uso do solo e lei de obras. Tal plano foi definido na tentativa de promoção do desenvolvimento físico e territorial urbano do Município de Campos (FARIA, 2005).

Já na década de 80 do século XX, o Brasil e a Região Norte Fluminense não conseguem passar ilesos pela década perdida, resultando para Campos<sup>2</sup> numa crise sem precedentes no parque sucroalcooleiro. Das dezessete usinas de cana-de-açúcar existentes, muitas deixaram de existir (CRUZ, 2003), mesmo que renovadas tecnicamente, a mão de obra arcaica, de baixo valor, atrelada a baixa capitalização da cidade e a ociosidade produtiva contribuíram para agravar ainda mais a crise do setor (BERNARDES, 2014).

A perda da hegemonia do setor sucroalcooleiro e o ceticismo quanto ao poder da economia tradicional em promover o desenvolvimento regional põe em xeque um padrão local de desenvolvimento pautado no processo de modernização conservadora (CRUZ, 2003).

O fechamento de diversas usinas no município, acentuou o processo de êxodo rural e um consequente adensamento populacional na cidade à procura de empregos. Como os postos de trabalho eram escassos, muitos desses trabalhadores passam a atuar como vendedores autônomos na área central, comprovando a acentuação da pobreza urbana no município.

Em 1987 Campos dos Goytacazes passa a fazer parte de um seleto grupo de municípios após os ganhos de *royalties* e participações especiais<sup>3</sup> oriundas das atividades

---

<sup>2</sup> Utilizaremos ao longo do texto Campos para se referir a Campos dos Goytacazes.

<sup>3</sup> Em 1987 Campos recebeu 40 milhões de cruzados de *royalties* oriundos do Petróleo. Na atualidade, esses recursos que chegam a uma quantia de R\$ 373.433.890,23 anuais (OMPETRO, 2015) tornam o município detentor do 19º PIB entre as cidades do país.

de extração de hidrocarbonetos. Esses recursos foram responsáveis por novas transformações no espaço, na política e na economia, embora mantendo características de uma economia periférica, atrasada e sem mudanças na estrutura e na dinâmica do emprego e da renda (CRUZ, 2003).

Nas décadas subsequentes, o município é inserido em uma nova divisão territorial do trabalho que implicou na presença maior de agentes econômicos e atividades modernas em seu território de ação. Entretanto, este mesmo processo de modernização trouxe também a ampliação de formas econômicas menos modernas que acolhem uma parte da pobreza urbana, permitindo a existência de um circuito distinto do hegemônico, que se constitui de atividades de dimensões reduzidas, criadas e atuantes no espaço local e normalmente com vinculações que não extrapolam a região, estando a economia urbana de Campos convergente com a análise de Santos (2004), sobre a existência de dois circuitos econômicos: circuito inferior e circuito superior.

Milton Santos (2004), afirma que a economia urbana da cidade pode ser vista como subsistemas do sistema urbano. Coexistem no espaço econômico da cidade, atividades distintas em nível de trabalho, capital e tecnologia. De um lado, existe um circuito superior onde predominam atividades modernas subsidiadas por ciência e tecnologia, integradas as redes mundiais e capazes de atuar nos espaços de diversos lugares, modificando-os de acordo com seus interesses. Seu poder econômico faz com que se apropriem das melhores localizações e interfiram na organização do espaço urbano. Estas atividades possuem uma organização burocratizada e o predomínio do uso de capital intensivo. Por outro lado, uma grande diversidade de atividades, desprovida de capital e excluída do circuito superior, busca se inserir no mercado por meio de atividades econômicas de dimensões reduzidas, com pouco ou nenhum capital, com o uso intensivo de um trabalho, geralmente precarizado, com a venda de produtos com um baixo valor agregado.

Santos (2013) já havia percebido que a população desabrigada pelo circuito superior desenvolve atividades que não se alicerçam em grandes quantidades de capital, mas, sim, em pequenos estoques com preços flexíveis e baixo valor agregado.

O rearranjo nas dinâmicas do mercado, graças a modernização técnica e organizacional, faz as grandes empresas se tornarem menos empregadoras e o circuito inferior se afirmar como principal provedor de ocupação e renda da população (MONTENEGRO, 2013).

Desta forma, teríamos atividades executadas por uma população com baixa escolaridade, explorada e oprimida economicamente que coexistem com outras possuidoras de uma organização burocratizada e uso de conteúdo em ciência e tecnologia.

A diversidade comercial da área central resulta da presença de atividades dos circuitos superior, superior marginal e inferior, no entanto, existe uma maior proporção de atividades do circuito inferior, compostos por microatividades e os estabelecimentos tradicionais locais.

As microatividades do circuito inferior realizadas com poucos recursos encontram, assim, seu lugar e sua existência na área central do município de Campos dos Goytacazes, onde o intenso fluxo de pessoas contribuíram para a reprodução desses grupos reprimidos pelas normatizações, fiscalizações e pressões dos comerciantes. A presença destes atores não hegemônicos revela que na cidade cada agente encontra seu lugar, ou seja, um meio apto para a produção de uma vida de relações que possibilite o trabalho (SILVEIRA, 2004). Essas atividades não hegemônicas do circuito inferior tornam-se importantes para a geração de renda e trabalho para os trabalhadores desempregados.

O comércio tradicional compõe uma diversidade de situações. Uma parte configura-se no circuito superior marginal e a grande maioria pertencente ao circuito inferior. No entanto, ao contrário das microatividades, possuem um certo poder decisório local por seus proprietários participarem como membros gestores das associações comerciais municipais e colocando seus interesses em primeiro plano.

A repressão de uma parte das atividades comerciais, caracterizadas como circuito inferior, tem sido uma prática comum nas cidades brasileiras e, em Campos dos Goytacazes não tem sido diferente. Dessa forma, essa pesquisa busca analisar como as atividades comerciais, referentes aos dois circuitos se organizaram ao longo do tempo no Centro e como a atuação dos agentes modeladores do espaço urbano, especialmente o Estado, na escala municipal, e os capital comercial e fundiário tem atuado na interação com as microatividades na área central da cidade. O Centro configura-se como o recorte espacial da pesquisa, mas sem perder de vista a articulação desse fragmento da cidade com o espaço urbano como um todo. O recorte temporal privilegiou o início do século XXI, em razão das últimas intervenções urbanas ocorridas no espaço urbano na área central de Campos, entretanto, para a análise, foram recuperados processos estruturantes do espaço urbano e do disciplinamento da área central, que condicionou a dinâmica atual da economia urbana no centro.

A normatização sobre as microatividades comerciais ganhou destaque no governo de Anthony Garotinho (1989-1992), após pressão do comércio e da Câmara de dirigentes lojistas que alegavam a concorrência desleal e a falta de pagamento de impostos pelos ambulantes, o então prefeito inaugura em 1991 o Shopping Popular Michael Haddad na Rua Barão de Miracema, inserido nesse espaço todos os ambulantes dispersos pelas ruas do Centro.

Já no século XXI, no segundo mandato da prefeita Rosinha Garotinho (2012-2016), é posto em prática um novo projeto de reforma estrutural do Centro, com a reforma de praças, prédios históricos, rede de esgoto, fiação subterrânea e calçamento de ruas. Estas reformas acabaram por modificar o posicionamento de algumas microatividades pelas calçadas do Centro e para os comerciantes, tais mudanças não trouxeram um aumento dos lucros e das vendas.

Seguindo exemplos de outras cidades médias, o Centro de Campos torna-se alvo de outros seguimentos comerciais do circuito superior, antes localizadas especificamente na Pelinca ou nos shopping centers, permitindo a expansão de suas franquias para atender a demanda de consumo das classes sociais menos abastadas. Isso quer dizer que a expansão das redes comerciais não significou uma transformação nos grupos sociais que frequentam o Centro, mas sim uma nova tendência do circuito superior em ampliar seu mercado para um grupo potencial de consumidores que mesmo pela baixa remuneração, o desejo por tais símbolos e mais crédito os fazem consumir sem nenhum precedente.

Em nosso ponto de vista, o Centro não é apenas um espaço de comercialização popular, o Centro é possuidor de algumas ruas com um comércio “mais popular” como a João Pessoa e Barão de Amazonas, onde também é possível encontrar elementos do circuito superior. No mais, nas áreas de comércio tradicional conhecido como Boulevard Francisco de Paula ainda encontramos o comércio menos popular, com produtos de alto valor agregado e os principais prestadores de serviços públicos.

Para atingir os objetivos dessa pesquisa, o trabalho teve como base teórica a teoria dos dois circuitos da economia urbana, como apresentamos brevemente nesta introdução e como metodologia, além da revisão bibliográfica, foram realizadas entrevistas qualitativas com agentes do Estado, do SEBRAE, associações de comerciantes, trabalhadores envolvidos em microatividades comerciais no Centro de Campos e estabelecimentos comerciais. Também se levantou dados secundários em jornais e bibliografia locais, além da realização de trabalhos de campo na área central para levantamento dos dados e

elaboração dos mapas. Todos esses dados foram sistematizados e analisados, que foram expostas nas diversas observações sobre o Centro de Campos.

Para expor a pesquisa realizada, essa dissertação está dividida em dois capítulos. O Capítulo 1 aborda a estruturação da área central de Campos dos Goytacazes e as reformas urbanas que levaram a atual organização do comércio. Esta parte divide-se em três subitens: o primeiro analisa a formação do centro histórico de Campos e a formação das centralidades comerciais no passado e no presente, como também suas características. No segundo momento, discute-se o papel das elites na transformação do espaço através das reformas urbanísticas do século durante o século XX e por fim, as reformas estruturais do século XXI projetadas pelos governos dos prefeitos Dr. Arnaldo França Viana e Rosângela Barros Assed Matheus de Oliveira.

No capítulo 2, debatemos sobre a atuação das microatividades pelo Centro de Campos como atividades fornecedoras de renda e trabalho. Este capítulo foi compartimentado em cinco subitens. O primeiro sobre a teoria dos dois circuitos à luz da realidade do Centro de Campos dos Goytacazes. O segundo subitem realizamos uma caracterização detalhada sobre as atividades comerciais e de serviços no Centro, tomando as referências do passado e as atuais atividades. No terceiro subitem tratamos da criminalização do comércio popular e da expansão dos shopping centers. No quarto subitem, destacamos os processos recentes de formalização das microatividades de comércio e serviços. Para finalizar, tratamos do comércio de Campos dos Goytacazes a partir da parcela caracterizada como circuito inferior, aonde refletimos sobre a capacidade de geração de trabalho e renda por esse circuito.

Dessa forma, buscamos explicar e mostrar a importância do Centro para a cidade de Campos dos Goytacazes, inclusive como responsável pela geração da área de influência regional da cidade no Norte Fluminense.

## **CAPÍTULO 01 – ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES: O CENTRO HISTÓRICO E OS SUBCENTROS COMERCIAIS**

Este capítulo apresenta um breve histórico sobre a formação do comércio da cidade de Campos dos Goytacazes, e do seu desenvolvimento, a partir de processos de modernização baseados e influenciados pelos princípios do urbanismo higienista, e da produção canavieira além do sempre presente apelo à modernidade pelas elites através de elementos que contribuiram, decisivamente, para modificar as suas feições, e reestruturá-lo pelo espaço durante os séculos XIX e XX.

A expansão do espaço urbano de Campos deu origem a outros subcentros comerciais e de serviços na cidade. A partir daí, avançaremos na gênese e expansão do comércio, traçando novos processos, formas e funções no espaço da cidade.

### **1.1 A formação do Centro Histórico e o comércio popular: as centralidades do espaço urbano em Campos dos Goytacazes**

Na formação do Centro, dos centros expandidos e da nova centralidade do espaço urbano de Campos dos Goytacazes ficam evidentes os conflitos e cooperações dos agentes modeladores do espaço urbano. Os agentes modeladores do espaço urbano de acordo com Corrêa (1995) são: a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; b) os proprietários fundiários; c) os promotores imobiliários d) o Estado e) os grupos sociais excluídos.

Os proprietários dos meios de produção necessitam de terrenos amplos e baratos e para que isso aconteça é necessário um grande investimento do poder público em saneamento, meios de transporte para que se torne uma área de interesse para a sua instalação. Os proprietários fundiários têm interesse na expansão do espaço da cidade, porque o valor da terra urbana é maior que a rural. Como promotores imobiliários entende-se como um conjunto de agentes que realizam as incorporações; o financiamento; o estudo

técnico; a construção ou produção física de um imóvel; a comercialização ou transformação do capital mercadoria em capital dinheiro, agora acrescido de lucros. O Estado atua também na organização espacial da cidade e ele tem o poder de regulação do uso do solo.

Considerando esses agentes modeladores do espaço urbano, observa-se que Campos dos Goytacazes teve a forte atuação do Estado, da associação dos comerciantes e dos proprietários fundiários na estruturação da área central.

O núcleo original e histórico da cidade de Campos dos Goytacazes, estruturou-se ao redor da Praça São Salvador, onde se encontravam, desde o século XVII, os edifícios públicos mais importantes, como a Igreja (hoje Catedral); a Casa da Câmara e Cadeia, e, posteriormente, a Santa Casa de Misericórdia. Em torno desta Praça, as casas da cidade antiga, construídas com Adobe e Taipa<sup>4</sup> se apertam, ao longo de vias estreitas, sempre alinhadas pela testada da rua, sobre a qual se abrem suas portas e janela (FREITAS, 2006),

Debruçado sobre o Rio Paraíba, Campos possui uma feição particular por ser um polo regional, devido a seu progresso na indústria, na agricultura e no comércio. Em fins do século XIX e início do XX, Campos teve ativa participação nos acontecimentos sociais e políticos do país e região (ALVES, 1995).

De acordo com a carta do Visconde de Itaboraahy, já em 1835, Campos dos Goytacazes ao se elevar como uma cidade em função da sua prosperidade econômica oriunda da produção canavieira, possuía uma Praça (a Principal da constituição<sup>5</sup>), quatro Largos (Rosário, Pelourinho ou Capim, Rocio e das Verduras), dezenove Ruas<sup>6</sup> e seis Travessas, quase todas sem pavimentação, crivadas de atoleiros (SOUSA, 2014).

Desde sua fundação a cidade servia como entreposto prestador de serviços que concentrava toda a riqueza gerada. Como principal praça de negócios da região, utilizava

---

4 Adobe: pequeno bloco semelhante ao tijolo, preparado com argila crua, secada ao sol; Taipa: parede feita de barro, com estrutura de madeira pau-a-pique.

<sup>5</sup> A Praça principal em 1835 era a única praça da cidade, ao seu redor existiam edifícios como a velha Matriz Mãe dos homens, a Santa Casa de Misericórdia, a cadeia que também servia de passo municipal, o Fórum e os edifícios dos habitantes mais abastados. Em 1867 a câmara aprovou a nova designação de Praça São Salvador (TEIXEIRA DE MELO, 1886).

<sup>6</sup> Rua da Direita, Rua do Sacramento, terminava na rua Formosa, Rua do Rosário, ia até encontrar a rua da direita, Rua do Alecrim, hoje Barão do Amazonas, Rua Fôfa, Rua Beira Rio Parahyba, Rua do furtado, Rua nova constituição, Rua das flores, Rua da Quitanda, hoje Barão de Cotegipe, Rua da Matriz, Rua do Rosário, Rua do ouvidor, Rua Formosa, Rua das cabeças, hoje Aquidaban, Rua da Boa morte, Rua do propósito, Rua do Mafra, Rua Santa Iphigênia e Rua do frade (SOUSA, 2014).

o Rio Paraíba do Sul como via de transporte<sup>7</sup> de seus produtos até São João da Barra, onde eram embarcados em navios que distribuíam a produção pelo mercado interno, atendendo principalmente Rio de Janeiro, Sul de Minas e municípios vizinho e o mercado externo, exportando milho, feijão, porcos, queijos, açúcar e aguardente (FREITAS, 2006), ou seja, Campos vista como uma sede do capital comercial.

A cidade se torna a sede do capital comercial que, controlando a produção agroexportadora, fazem a ligação dessa produção com a circulação mundial de mercadorias, fazendo a urbanização se tornar mais intensa (OLIVEIRA, 1982). Dessa forma podemos considerar Campos uma cidade cosmopolita antes mesmo do seu processo de industrialização no século XX.

A economia de Campos desenvolveu-se a partir de estreitas ligações com o mundo rural, que segundo Faria (2008), formava um espaço imbricado, sem limites entre urbano e rural<sup>8</sup>. A urbe era circundada por inúmeras chácaras e canaviais, tinha como principal atividade econômica a lavoura de cana, o que levou a conexões entre o capital agrário e o capital comercial, estabelecidos graças a uma combinação de financiamento da produção, alianças políticas e laços matrimoniais (ALVES, 1995).

O comércio configura-se, não apenas como um complemento da produção agrária, mas como uma atividade econômica em si mesmo poderosa, tanto na sua capacidade de acumulação de capital, quanto na configuração do espaço urbano (FARIA, 2005). Neste quadro, o comércio no final do século XIX e início do século XX, motivada pela melhoria do sistema de escoamento e a grande produção, alavancada pelos novos modelos industriais de produção (engenhos e as usinas) vinham monopolizando os lucros, tornando-se vantajoso aos comerciantes (LAMEGO, 1945).

---

<sup>7</sup> Na Rua Beira Rio Parahyba, encontravam-se diversos portos utilizados para carga e descarga de mercadorias. Porto da lancha – porto preferido pelas lavadeiras de roupa; porto de Anna Maria – recebe o nome da fazendeira, matrona de muitos haveres, Anna Maria da Conceição Teixeira; Porto das pedras – Fronteiriço a rua do Alecrim, local de desembarque de grandes pedras trazidas pelas canoas; Porto do Ingá – recebe o nome pelos dois pés de Ingá; Porto da cadeia – Fronteiriço a praça; Porto Grande; Porto do Pelourinho – Conhecido pelo local onde os escravos eram açoitados; Porto da Banca – recebeu o nome por possuir diversas bancas de venda de pescado; Porto da escada – Recebeu esse nome em homenagem aos campistas que lutaram na guerra do Paraguai; Porto da Fragata; Porto da lapa onde era descarregado madeira; Porto das Vaccas; Porto do Amorim; Porto do Genipapo – Porto da Coroa, quase em frente a cadeia e o porto da Jacca (SOUSA, 2014).

<sup>8</sup> Para Faria (2003), a demarcação entre campo e cidade é pouco demarcada, a definição das funções especificamente urbanas é essencial para a distinção entre rural e urbano. Dessa forma, ela utiliza da definição de Lefebvre sobre o urbano sendo preferencialmente uma forma, a do encontro e da união de todos os elementos da vida social, desde os frutos da terra até os símbolos e as obras ditas culturais.

O progresso da cidade é expressivo, as transformações no parque produtivo açucareiro com a demolição dos velhos engenhos e a instalação de engenhos movidos a vapor, engenhos centrais e usinas, possibilitaram o surgimento das ferrovias, multiplicando as vias de escoamento de produtos como também as possibilidades de desenvolvimento da produção de açúcar, aguardente, café alimentos e outros (CRUZ,2003).

Segundo Lamego (1945), a indústria açucareira representava a riqueza da planície, mas era o comércio que monopolizava os lucros. O comércio a varejo era beneficiado pela ida do homem do interior a cidade para obter artigos de consumo, enquanto, o comércio atacadista, atendia as fábricas do açúcar.

O desenvolvimento econômico, trouxe consigo novas empresas comerciais que se instalaram na cidade, para atender à crescente demanda do mercado local, se tornando, dessa forma, a principal praça de negócios<sup>9</sup> da região Norte Fluminense. Entre essas empresas, podemos citar os ingleses<sup>10</sup> e franceses<sup>11</sup> encarregados da modernização dos engenhos, instalação das usinas, comércio varejista de armarinhos, tecidos, joalherias, etc., e ainda portugueses (LAMEGO, 1945) e mais tarde os turcos, mascates no início, que dominavam o pequeno comércio e gradativamente expandiram sua influência.

A prosperidade do comércio segundo Carvalho (1991) fez ampliar na cidade o número de estabelecimentos comerciais no Centro da cidade<sup>12</sup> ao lado das já tradicionais casas comerciais como Miranda & Salgado, Arthur Rockert, João Vigne, Antônio Zulchner, Machado Viana, Castro Faria e João Renne.

Concomitante a expansão dos negócios, a cidade passava a dispor de um amplo leque de obras e serviços como abastecimento de água potável e esgoto, instalados por firmas inglesas, instalação dos correios e telégrafos, implantação da companhia de bondes

---

<sup>9</sup> Teixeira de Mello (1886, p. 123) quantifica os estabelecimentos comerciais: A cidade continha em 1880 exactamente 130 casas de seccos e molhados, 33 lojas de fazendas, 4 lojas de livros, 1 fábrica de cerveja, 11 hotéis e casa de pasto ou hospedarias, 21 açougues, 12 padarias, 5 relojoarias, 4 lojas de ourives e mercadores de jóias, 8 officinas de alfaiate, 2 de chappelaria, 5 charutarias, 3 officinas de fogos artificiaes, 2 ferradores, 4 caldeireiros, 8 ferreiros, 14 marceneiros, 7 sapateiros, 9 selleiros, 2 segeiros, 3 tintureiros, 2 photógraphos e retratistas, 3 fábricas de fundição mecânica, 5 serrarias, 2 tanoeiros e 1 tamanqueiro .

<sup>10</sup> Podemos citar os estabelecimentos de maquinários Henry Spittle, a Reid & Fernandes; a Terris e Findlay com negócios de máquinas e fundição e a Thomson e Black e cia encarregadas da modernização dos engenhos e instalação das usinas (ALVES, 1995)

<sup>11</sup> Fives Lillie e Mariolle Frères responsáveis pela montagem da usina São José ( CRUZ, 2003).

<sup>12</sup> Para Alves (1995) o centro da cidade é a área circunscrita à Praça São Salvador e ruas adjacentes, pois é desta praça que sai os principais traçados como Rua da direita, Rosário, sacramento, Conselho, 7 de Setembro, Barão de Amazonas, Beira Rio, Andradas, Quitanda, Vigário João Carlos e Oliveira Botelho.

para o transporte urbano nas principais ruas da cidade e a instalação de serviços de iluminação a gás e logo em seguida. Em 1883 a cidade passa a ser servida por luz elétrica.

Campos do final do século XIX se comparado ao perímetro urbano em 1835, observava-se um progresso incomum, os atoleiros e as dúzias e meias de ruas deram lugar a uma cidade com um comércio diversificado em sua área central, possuidora de 130 casas de seco e molhado, 33 lojas de fazendas, 1 fábrica de cerveja, 11 hospedarias, 21 açougues, 12 padarias, 5 relojarias, 4 lojas de ourives, 6 oficinas de alfaiates, 2 chapelarias e 3 fábricas de fundição (TEIXEIRA DE MELO, 1886).

Já no início do século XX, mais precisamente 1910, Alves (1995) acrescenta um aumento significativo de estabelecimentos comerciais. Ao todo, a cidade possuía agora 403 casas comerciais agrupadas no Centro da urbe.

É neste período, como aponta Lamego (1945), que o capital comercial urbano veio mesmo a ampliar significativamente a sua participação na produção agroindustrial e agropecuária. Este processo, por sua vez, contribuiu de forma notável para a sua pujança, que, ela mesma, se traduzia, de modo cada vez mais inequívoco, na modernização da cidade, que atinge seu apogeu no início dos anos 20 do século XX.

Ainda segundo este mesmo autor, a importância do comércio campista, compreendia desde os vendedores de rua, passando pelos varejistas de diversas escalas, até o comércio de atacado, que reunia e exportava a produção de várias indústrias locais, além de fornecer insumos materiais e financeiros para a sua produção<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> A indústria é a riqueza da planície, mas é o comércio que monopoliza os lucros. O comércio é vantajoso aos negociantes, alguns dos quais são ricos, e quase todos empregados nele são portugueses, no que são felicíssimos, apesar de virem para ali na última indigência, principiando, com pequenos abonos, a mascatear miçangas, canivetes, carapaças, tesouras, dedais e outras semelhantes bugigangas, e, valendo-se da generosidade dos brasileiros, que lhes franqueiam gratuitamente quanto é preciso para a subsistência, em pouco tempo ajuntam um fundo considerável (LAMEGO, 1945).

**Figura 1 – Vendedor de Vassouras, Campos dos Goytacazes início do século XX**



Fonte: Disponibilizado por Rodrigo Cordeiro no Ano de 2016 ex funcionário do Jornal O Monitor Campista

De acordo com Alves (1995), no período de 1890 e 1930 a Associação Comercial vai exercer notável influência política e social em Campos. Através de seus representantes na Câmara Municipal e por meio da imprensa, defendiam projetos de melhoramento urbano. Propostas da associação comercial são enviadas à Câmara, no sentido de viabilização de reformas que resultariam no embelezamento da cidade. Já não cabia a continuidade de uma imagem urbana rústica e provinciana. As reformas urbanas colocaram em ação um projeto político da elite em transformar Campos em capital do estado nos anos 1890-1930. As mudanças no cenário urbano se processaram no contexto do ideário de modernidade dominante no país. Enfim, tornar a cidade a vitrine da modernidade se constituiu em estratégia da elite local (comerciantes e elite agrária) em busca de projeção

política no âmbito regional, estadual e nacional (ALVES, 1995). Isso demonstra o espaço urbano sendo representado como espaço de poder da elite local<sup>14</sup>.

Algumas transformações na área central foram pontuais para desenvolver um espaço de sociabilidade para as elites e a expansão do comércio sofisticado pelas principais ruas do centro.

Após pressão da associação comercial, as atividades de pequeno porte consideradas causadoras da sujeira urbana como os peixeiros, quitandeiros e mascates foram sendo deslocadas para áreas distantes da cidade. A primeira iniciativa foi a transferência da praça do mercado, localizado na Praça da Verdura para o Roccio, instituindo uma nova dimensão para o comércio e transferindo parte da verdura as atividades de menor porte para além do centro, ampliando assim, os limites da cidade para outras áreas (FREITAS, 2006).

Enquanto isso, a antiga Praça da Verdura seguindo a lógica urbanística da época recebe uma série de obras que transformaram seu *status*, valorizando os estabelecimentos situados no seu entorno e deixando de ser apenas um local de circulação de pedestres e de trabalhadores menos escolarizados para se tornar um novo espaço de sociabilidade para a elite campista (ALVES, 1995).

A Rua Sete de setembro<sup>15</sup>, desde a antiga praça das verduras até a Rua do Ouvidor foi alargada, foi efetuada a abertura da rua do sacramento, ruas como Treze de Maio, Rua do Rosário, Barão de Cotegipe e João Pessoa por sua prosperidade e crescente importância constituía no Boulevard do comércio (ALVES, 1995), como visto na Figura 2.

Em 1921, o mercado transfere-se do Largo do Roccio para um novo espaço localizado entre a Avenida José Alves de Azevedo e a Rua Tenente Coronel Cardoso com um modelo de estabelecimento comercial já conhecido e consagrado, no mundo urbano moderno, tal como este se havia configurado nas metrópoles da Europa Ocidental e nos grandes centros urbanos brasileiros (FREITAS, 2006).

---

14 Em que toda sociedade existe um grupo de pessoas que direta ou indiretamente goza de privilégios e participam do poder em contraposição a uma maioria que dele está privado. Utilizo o conceito no plural (elites) e no singular (elite) dando ênfase ao pequeno grupo de pessoas que tinham proeminência na sociedade campista, exercendo funções e/ou cargos de poder (Bobbio et al, 1998 apud Alves,1995).

15 A Rua Sete de Setembro era muito estreitinha, bordada por casinholas muito feias, nada mais era que um encarreirar de açougues, vendolas e quitandas, onde pontificava o magarefe “Pedro cabeça”; o “gordalhudo” santafê. Hoje ela é uma das ruas mais opulentas de Campos. Em seu seio afaga o comércio mais chique, as vivendas graciosas e os jardins mais floridos (SOUSA, 2014).

Figura 2 – Boulevard Francisco de Paula Início do século XX



Fonte: PINTO, Jorge Renato. **Um pedaço de terra chamado Campos – sua geografia e seu progresso**. 2 ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 1987.

O Centro de Campos ia se transformando e expressava uma nova fisionomia urbana, o Boulevard do comércio e da imprensa também recebia melhorias compatíveis com a fartura, conforto e prosperidade da elite comercial e industrial e tornava-se o cartão postal do cosmopolitismo (ALVES, 1995). Acrescenta Faria (2000):

As ruas 21 de Abril, Sete de Setembro, Constituição e Formosa foram alargadas, a Praça da Verdura urbanizada e transformada em praça de lazer, a Praça São Salvador já com um belo jardim, recebe uma fonte, os edifícios a seu redor se modernizam e novos edifícios como os Correios, Banco do Brasil (1910), Trianon (1921) e a nova Associação comercial (1913) dão um toque de modernidade ao chamado Boulevard da imprensa, transformando esse lugar em ponto de centralidade e animação, muito importantes para as relações sociais na cidade (FARIA, 2000, p.7).

A produção açucareira nesse momento passava por uma expansão devido às condições de mercado, era um período de elevação dos preços internos do produto, visto que a produção nordestina estava voltada para atender o mercado externo, além do crescimento populacional acelerado que estimulava a procura pelo produto.

Os trinta primeiros anos do século XX foi um período áureo para os produtores da cana de açúcar e dos diversos segmentos comerciais da cidade. Esses comerciantes<sup>16</sup> favorecidos pela estrutura produtiva da cana tornaram-se associados aos produtores do açúcar, por via dos negócios ou casamento entrelaçando assim, o capital mercantil com o capital agrário (FARIA, 2008).

O comércio se expandia pela área central de Campos, diversas empresas estrangeiras ligadas ao comércio atacadista da cana e comerciantes locais com suas suntuosas lojas comercializavam os mais modernos produtos vindo da Europa instalavam-se no Boulevard do comércio (ALVES, 1995), hoje esquina da Sete de Setembro com Treze de Maio e Santos Drumont.

O Centro de Campos já no início do século XX possuía uma centralidade comercial, nela concentrava-se as principais atividades de comércio, de serviços, da gestão pública e privada. Esse processo foi possível graças a existência de diversos fatores como os portos (Campos como um entreposto comercial), as estações ferroviárias e linhas ligando o município a estados vizinhos, investimentos públicos e privados em infraestrutura, os planos urbanísticos<sup>17</sup> e sanitários e os altos dividendos oriundos da indústria açucareira.

No entanto, algumas décadas após a pujança econômica da elite campista, final da década de 40 e início da década de 1950 (FARIA, 2000; CRUZ, 2004, CRUZ 2003; FREITAS, 2006), observa-se um refluxo no processo de produção e exportação do açúcar, pela monopolização da produção paulista. O declínio das usinas é marcado pela queda das exportações e pela fraca produtividade, de que resultam problemas econômicos e sociais, bem como falências de usinas e endividamento dos usineiros e negociantes. Esse quadro é acompanhado por problemas urbanos: desemprego, saneamento e problemas de moradia e favelização (CRUZ, 2004).

A crise do setor açucareiro e o advento das novas leis trabalhistas no campo, levaram a cidade experimentar as consequências do processo de êxodo rural. A população desprovida de emprego e capitais se dirigiam para cidade e passavam a vagar pela área central em busca de empregos, contrariando a ideia de um centro glamoroso para a elite. Ao passo que não conseguem se inserir no mercado, estes trabalhadores buscam bairros

---

<sup>16</sup> Negociantes e empresários aplicaram seus capitais em atividades lucrativas dirigidas à propriedade da terra, em empresas urbanas, no setor rentista, ou ainda, no comércio atacadista de açúcar ou no comércio varejista de artigos finos.

<sup>17</sup> Plano de 1938 do engenheiro Niemayer Bellegarde, o plano de 1902 de Saturnino de Brito e o plano de 1944, executado no governo de Salo Brand e executado pela firma Coimbra Bueno.

periféricos sem infraestrutura que surgiam na cidade frente as leis de ordenamento como Turf, Saco, Matadouro e Parque Califórnia<sup>18</sup> para instalar suas residências (FARIA, 2008).

Antes mesmo da crise do açúcar e a consequente degradação da área central pela redução dos investimentos em amenidades, uma outra frente de expansão já havia ocorrido na cidade, orientada em direção a oeste e sudoeste, em função de alguns investimentos realizados em equipamentos urbanos, como a construção da Praça Barão do Rio Branco (Jardim do Liceu<sup>19</sup>), alinhamento da Rua Alberto Torres, construção da Estação de Ferro Leopoldina e da linha de bonde ligando o centro à Estação Central de Trem, passando pela Pelinca contribuía para a saída dos grupos sociais mais abastados do centro e sua instalação nesses locais, agora era sinônimo de *status* morar afastado do centro<sup>20</sup>.

O que se destaca em Campos nesse período é o início do fenômeno de expansão territorial, aliado ao problema da mobilidade espacial (FARIA, 2005). A expansão da cidade levou a uma nova configuração do comércio, novos critérios de uso e funcionalidade foram colocados em prática pelos agentes modeladores do espaço. Dessa forma, o centro até então foco de toda melhoria urbanista da cidade, foi perdendo gradativamente amenidades para outros bairros da cidade.

Nesse contexto gerado pela crise do setor sucroalcooleiro a cidade redefiniu suas atividades localizadas na área central e os grupos sociais que frequentam e consomem, no entanto, a formação de uma nova centralidade ou de um centro expandido não fez o centro histórico perder sua importância e nem atividades para estas áreas.

A expansão urbana da cidade de Campos dos Goytacazes contribuiu para a formação de um centro expandido no Bairro Pelinca, e no Jardim Carioca, Guarus como também para a formação de uma nova centralidade no bairro de Goytacazes<sup>21</sup>, mais distantes do Centro e portadores de lógicas específicas, podemos observar essas áreas no mapa abaixo.

---

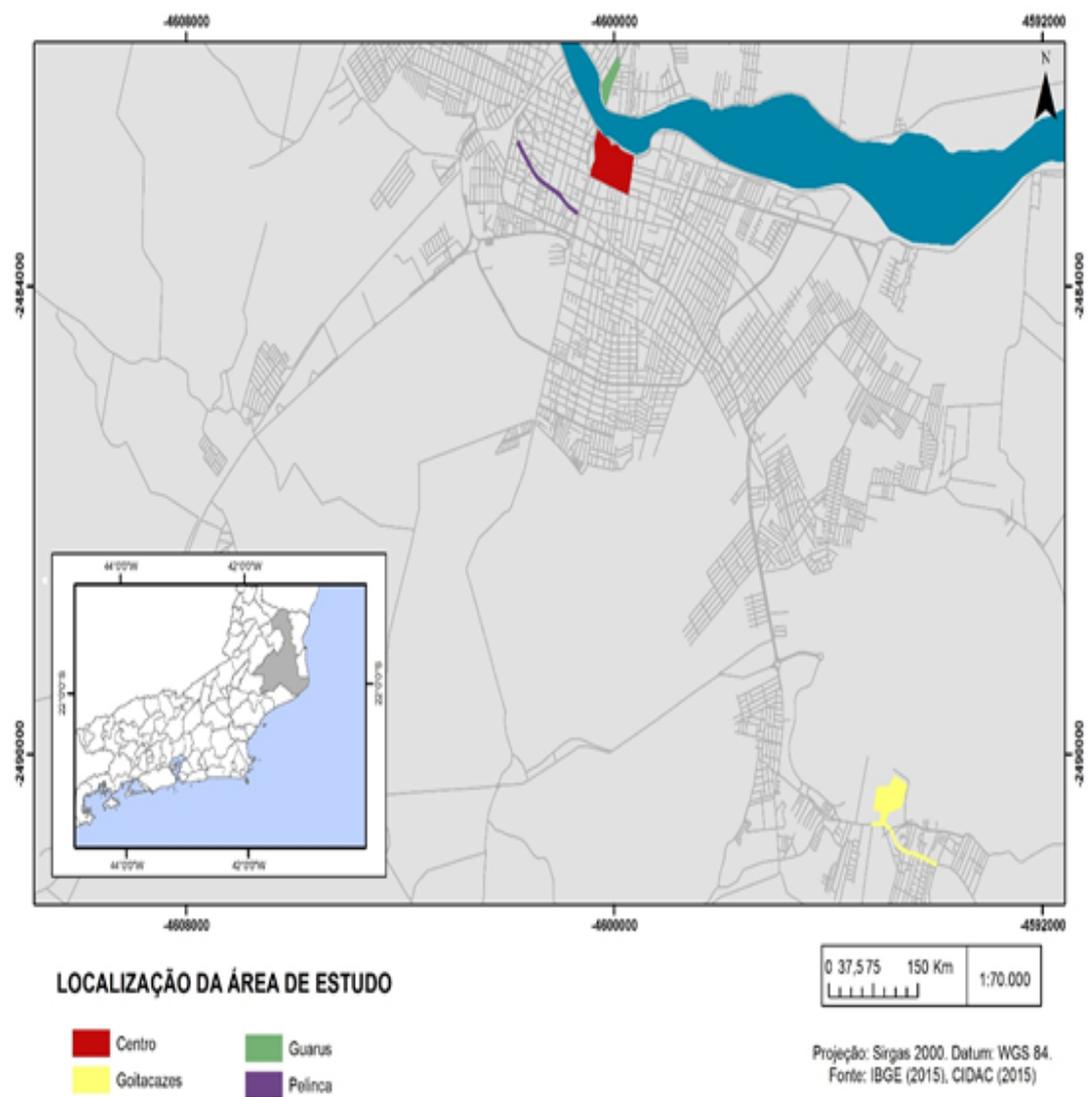
<sup>18</sup> A expansão para esse ponto da cidade se deve a mudança no governo municipal do prefeito José Alves de Azevedo do Horto municipal da Rua do Ouvidor para a 7 de Setembro.

<sup>19</sup> A posição geográfica da área ao redor do Liceu, situada em um dos pontos mais altos da cidade, portanto protegida por enchentes, além dos investimentos, possibilitou que aí se assentasse um dos bairros mais privilegiados da cidade, o Bairro Jardim Maria de Queiroz.

<sup>20</sup> Com a crise e consequente redução da elite canavieira, observa-se na cidade de Campos a formação de um novo grupo social abastado, formado principalmente de trabalhadores liberais (médicos, advogados, Engenheiros) e comerciantes. No século XX os barões de café dependentes da tríade terra, escravo e engenho dão lugar ao moderno capitalista, explorador do trabalho livre e seus negócios se diversificam entre o capital especulativo, proprietários de imóveis, comerciantes e industriais (RODRIGUES, 2015).

<sup>21</sup> O Bairro de Goytacazes divide-se em Nova Goytacazes, área situada entre Goytacazes e Donana, Beira do Limão ( Considerada a parte menos abastada) e a área central de Goytacazes.

Mapa 1 - Centros e subcentros comerciais e serviços em Campos dos Goytacazes - 2017



Fonte: Dados obtidos por Vinícius Féres em atividade de Campo realizada entre os anos de 2015 e 2017  
Autor: Mapa desenvolvido por Carolina Cidade, 2017.

Na década de 1940, após a formulação do Plano urbanístico executado pela firma Coimbra Bueno<sup>22</sup>, a área conhecida hoje como Pelinca, começa efetivamente a ser estruturada (SARMENTO, 2007). O prefeito Salo Brand estimula o crescimento dessa área quando manda executar um projeto de planificação e urbanização da Praça da Bandeira, em frente ao novo Hospital da Santa Casa de Misericórdia, que na época estava em construção no início da Avenida Pelinca. O bairro a Sudoeste da cidade resultou do loteamento de partes das terras pertencentes à fazenda da Usina do Queimado, de propriedade da família Nogueira. Não obstante, foi no governo do prefeito Raul Linhares, membro da família Nogueira, que o PDUC é formulado. Coincidentemente criava ali o plano de expansão da cidade com as leis de zoneamento e uso do solo que direcionava o adensamento populacional para suas terras.

Segundo Sousa (2014), o nome Parque Pelinca resultou do nome de um padre que foi morar numa chácara nessas imediações<sup>23</sup>, o Padre Pelinca. A ocupação do bairro ocorreu efetivamente nos anos 50, devido basicamente ao esgotamento das áreas centrais e a novidade de se morar afastado do centro, em casas de estilo moderno, ocupadas por pessoas de mais alta renda. Na década de 70, a Pelinca, assim como outras áreas da cidade, começa a passar por um processo de verticalização que provocou, e provoca até hoje, impactos na paisagem urbana e na infraestrutura da cidade. Sobre esse processo de verticalização Faria diz:

É em torno dos bairros Jardim Maria de Queiroz e Parque Tamandaré que se verifica um processo de verticalização mais radical. Mantendo a mesma lógica que orientou a sua ocupação na primeira metade do século, diante da estrutura sócio-espacial e urbanística existente, aí se instalam edifícios residenciais altos, destinados à camada de alta e média renda. Ao mesmo tempo em que vem se consolidando como área de comércio e serviços diversificados, notadamente nos seus principais eixos viários, a Avenida Pelinca e Rua Tenente Coronel Cardoso (FARIA, 2005, págs. 10-11).

Devido à dificuldade de se manter um bairro com um alto valor do solo num espaço unicamente residencial, a Pelinca foi se diversificando, sendo ocupado por construções comerciais, caracterizando a área em uma zona de múltiplo uso. Um dos primeiros

---

<sup>22</sup> O plano de 1944 tinha por objetivo a urbanização e melhorias nos bairros até então esquecidos pelo poder público e vinham se destacando pelo seu grande adensamento populacional.

<sup>23</sup> Sua chácara localizava-se onde hoje é o centro de compras da Pelinca e lá existia um mini zoológico que servia de ponto de encontro e área de lazer para a população (SOUSA, 2014).

comércios a se instalar no local foi a Boutique Zazá. Na época da construção da loja, em 1970, o bairro era formado basicamente de chácaras e residências unifamiliares (SARMENTO,2007).

A intensa verticalização, aumentando a densidade formada por indivíduos de alta renda, atrai a instalação de serviços e comércios. Um exemplo disso foi a construção do Edifício Barão da Lagoa Dourada (conhecido como Pelincão). Construído no final da década de 70 às margens da principal avenida do bairro, o edifício possui 444 apartamentos com dois quartos cada e distribuídos em oito blocos e construídos pelo BNH (Banco Nacional de Habitação), atendendo a uma população menos abastada (SARMENTO, 2007). A construção desse edifício demandou, devido ao grande número de moradores, a implantação de comércios e serviços no local. Vale ressaltar que, após a construção do Pelincão, foi construído um centro de compras no mesmo quarteirão, com diversas lojas e serviços.

Outro exemplo de demanda de comércio e serviços na área foi a construção do Edifício Solar da Lechia. Também localizado na Avenida Pelinca, o Edifício, construído no início dos anos 80, em único bloco, com 30 apartamentos amplos com varandas, três quartos e uma área de lazer comum com piscina, sauna, quadra e churrasqueira. Formado por uma população de alto poder aquisitivo, o edifício depois de construído demandou uma série de serviços para que essa mesma população, juntamente com a população já existente no local, pudesse realizar suas atividades diárias. Foi então que em 1988, o primeiro grande shopping foi construído no local, o Parquecentro Shopping. A construção desse shopping no local muda de vez a imagem de um bairro unicamente residencial, consolidado a partir de então como um eixo de comércio e serviços sofisticados e diversificados (Quadro 1).

**Quadro 1 – Número de estabelecimentos comerciais na Avenida Pelinca<sup>24</sup> - 2016**

Atividades	Estabelecimentos	Número de estabelecimentos	Número de funcionários
Comerciais	Supermercados, farmácias, vestuário, calçados, armário, academia, bares e boates	90	272
Shoppings centers	Square center, Parque Centro Shopping	2 (164)	-
Redes de <i>fast food</i>	Rei do Mate, Dominos pizzaria, Spollete, Bobs, Girafas e subway	7	-
Centro de compras	Pelinca Mall, Centro de Compras Pelinca e	3 (77)	-
Hospitais/laboratórios/Centros médicos	Hospital DR. Beda, Plinio Bacelar, CDT, Medical center, Platinum, Laboratório Umied, Beda Lab (2) , Pedra Verde, Clínica médica, clínica de nutrição e Hospital Álvaro Alvim	13	-

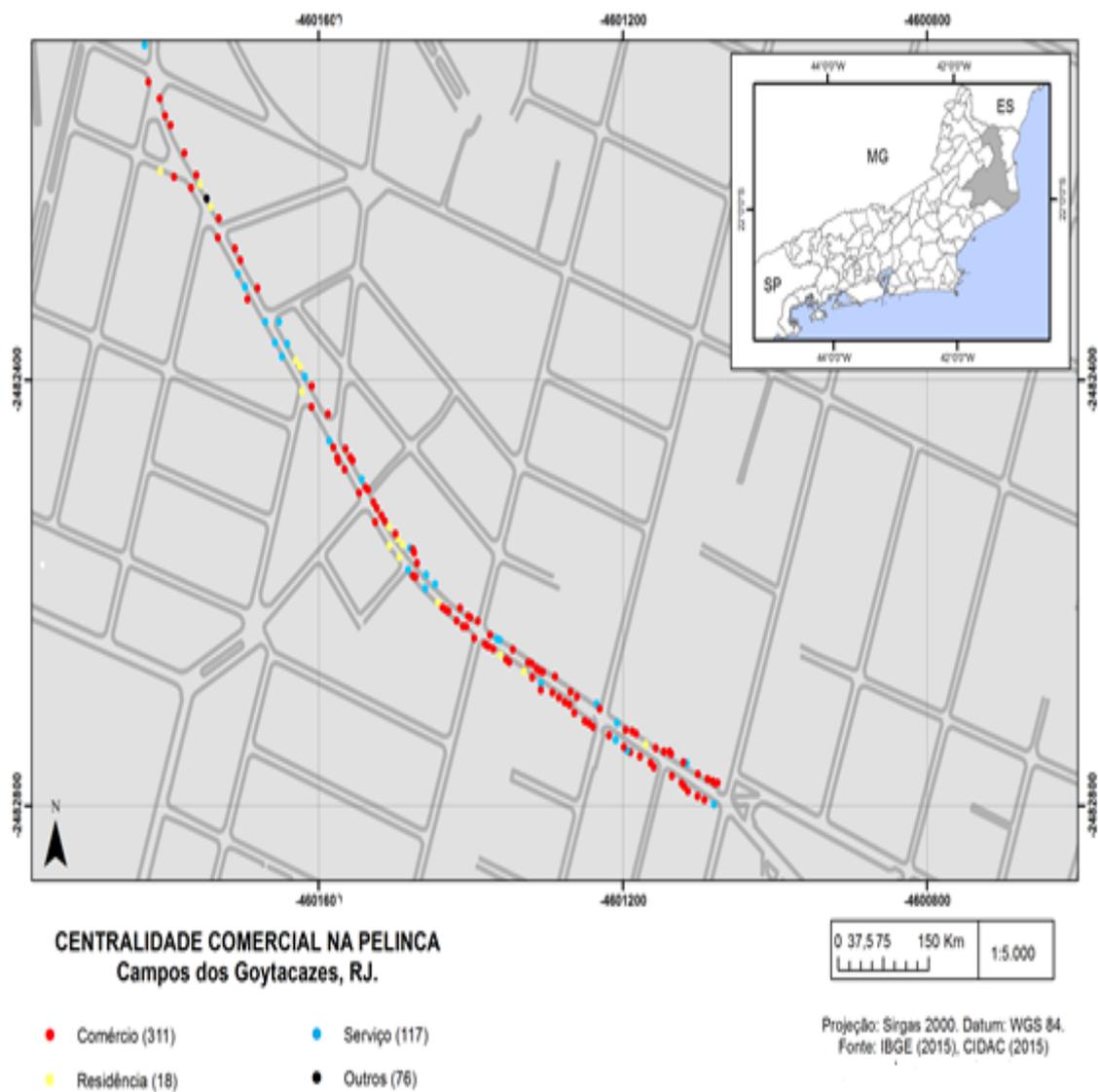
**Fonte:** Dados obtidos por pesquisa de campo; elaboração do próprio autor, 2016.

Além da diversidade do comércio varejista, a Pelinca destaca-se pelo comércio noturno composto por bares, boates e restaurantes, tornando-se um ponto de distração e encontro após o expediente comercial (FÉRES, 2009). Outro destaque da Pelinca é a concentração de consultórios médicos, centros médicos e hospitais, totalizando 13, mostrando uma referência a prestação de serviços ligados à saúde pública e privada. Muitos dentistas e médicos resolveram trocar seus consultórios, antes localizados nos prédios cidade de Campos e Ninho das águias pelos novos centros médicos de alto status.

Nesta área de expansão do centro foram entrevistados 90 estabelecimentos comerciais, 17 firmas prestadoras de serviço que empregam 272 funcionários. Além do mais, a Pelinca possui 2 shopping centers, 9 agências bancárias e 3 centros de compras que totalizam 311 estabelecimentos e 117 prestadores de serviços (Mapa 2).

<sup>24</sup> Nesses dados não foram computados os estabelecimentos localizados no interior dos *shoppings centers*, apenas as lojas de roupas e acessórios, restaurantes, lanchonetes, Farmácias e padaria.

Mapa 2 – Centralidade comercial na Avenida Pelinca - 2017



Fonte: Dados obtidos por Vinícius Féres em atividade de Campo realizada entre os anos de 2015 e 2017  
Autor: Mapa desenvolvido por Carolina Cidade, 2017.

Observando as atividades comerciais da Pelinca, verificamos que um grande número de estabelecimentos, consiste em filiais de lojas que tiveram o início de suas atividades na área central<sup>25</sup>. Outros estabelecimentos mais suntuosos não migraram da área central para a Pelinca, já se instalaram ao longo do processo de expansão da área central, ou seja, o centro histórico não perde atividades para a Pelinca mas por questões locacionais impostas pelas redes e buscando o consumo de determinado grupo social instalam-se nesse bairro da cidade.

Outra área que merece destaque como centro comercial em Campos é no bairro de Goytacazes. Goytacazes faz parte da Baixada campista, uma região que engloba cinco distritos: Goytacazes, São Sebastião, Mussurepe, Tocos e Santo Amaro. Todos esses distritos tiveram grande destaque no período áureo da cana de açúcar no início do século XX, sendo grande produtora de cana, açúcar e cachaça.

As diversas usinas instaladas no século XIX nessa região, Usina São José-Goytacazes (1883), a quarta maior produtora de açúcar do país; Engenho Central de Poço Gordo – Poço Gordo, Usina Mineiros - Mineiros e Usina Paraíso - Tocos (1893) contribuíram para a expansão econômica da baixada e o adensamento populacional. A importância da baixada era tanta que uma das primeiras linhas férreas criadas pelo governo municipal foi a rede ferroviária Campos - São Sebastião que ligava a Praça do Mercado do Roccio até o distrito de São Sebastião, permitindo a troca de fluxos entre a cidade e o que era produzido na baixada.

Junto com esta crescente população que vinha em busca de trabalho nas usinas, forma-se um comércio não muito diversificado para atender as demandas básicas da população e diversas prestadoras de serviços para as usinas (CRUZ, 2003). Ou seja, as usinas criaram também centralidades comerciais.

Após a falência das usinas de Poço Gordo e Mineiros e a baixa produtividade das outras duas usinas, a baixada fluminense perde o maior símbolo econômico de prosperidade e geração de emprego para sua população. Muitos trabalhadores migraram para a cidade ou permaneciam e se dirigiam para o trabalho nas nascentes cerâmicas da região.

---

<sup>25</sup> Dieguez, Lafibrum, Trier, o Boticário, Ducampo, Ponto e linha, Pacheco, Drogaria Isalvo Lima, Itapuã e agências bancárias.

A área central de Goitacazes ganhou destaque, podendo ser considerada na atualidade como uma nova centralidade comercial na cidade de Campos voltado para atender a demanda por consumo da população dos distritos vizinhos. Hoje no comércio de Goitacazes observa-se agências bancárias, redes de farmácia, redes de supermercado, concessionária de motos e automóveis e um variado comércio que engloba minimercados, cabelereiros, lojas de roupa, materiais de construção, madeiras e prestadores de serviços como despachantes, advogados, imobiliárias e contadores (Quadro 2).

**Quadro 2– Atividades e Serviços da área central de Goitacazes - 2016**

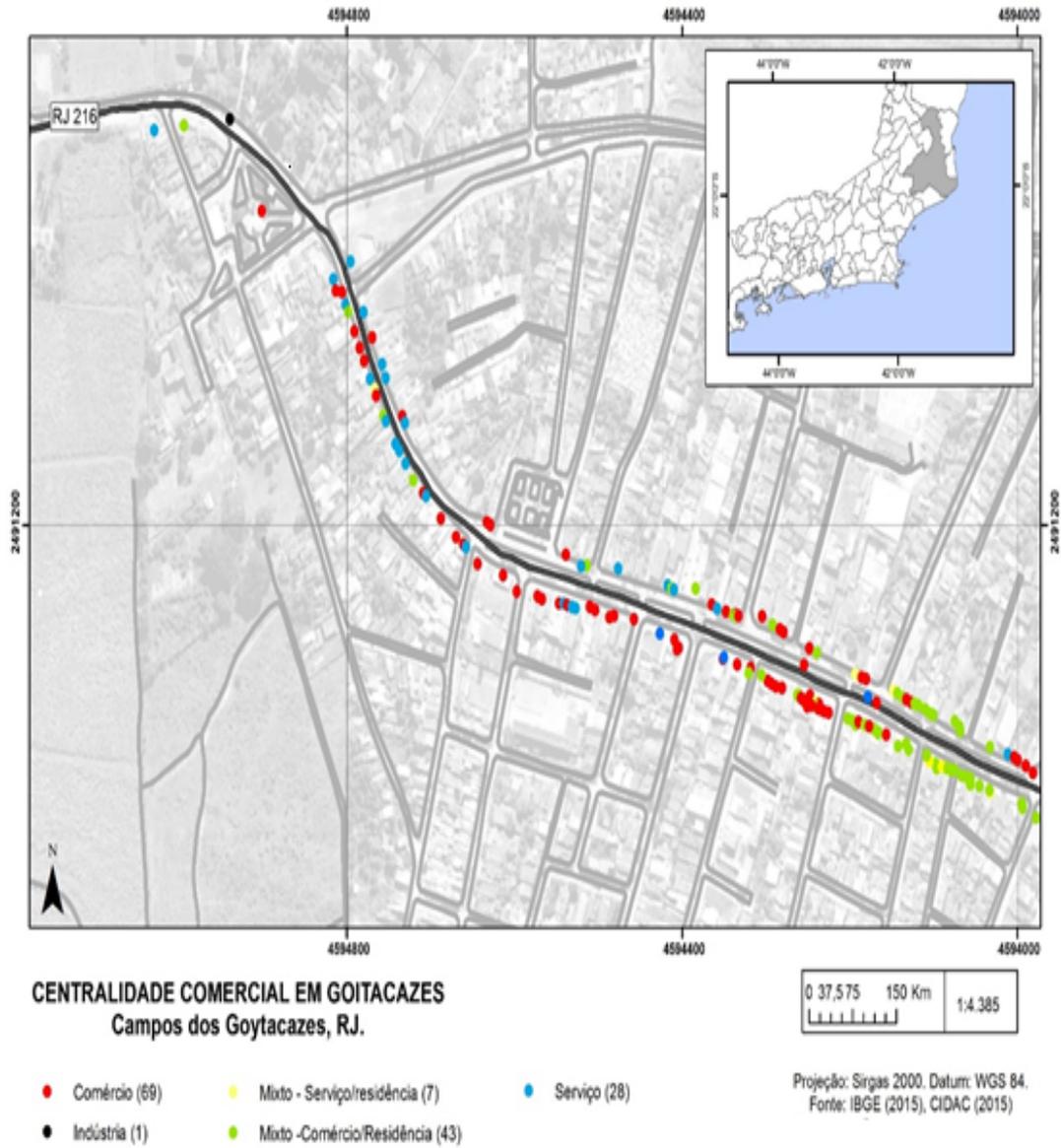
<b>Tipo de Atividade</b>	<b>Número de Estabelecimentos</b>	<b>Tipo de Estabelecimento</b>	<b>Número de trabalhadores empregados</b>
Comercial	112	Supermercados, farmácias, lojas de roupas e acessórios, açougues, mercearias, materiais de construção e lojas de eletrônico.	339
Serviços públicos	3	Casa de cultura Conselho Tutelar Agência dos correios	16
Agências bancárias	4	Banco do Brasil Santander Bradesco Sicoob	-
Serviços gerais	28	Despachante, dentistas, advogados, escritório de contabilidade, serralheria, academia e salão de beleza	40

**Fonte:** Pesquisa de campo; elaboração do próprio autor, 2016.

Como se observa no quadro acima Goitacazes se destaca como um subcentro comercial, detentor de 112 estabelecimentos comerciais que empregam 339 trabalhadores. Estas atividades comerciais podem ser classificadas como pertencentes ao circuito inferior, com exceção do Superbom e da Drogaria Isalvo Lima, considerados como circuito superior Marginal<sup>26</sup> em nossa análise. No que se refere a formas de pagamento, são poucos os estabelecimentos que não utilizam os terminais portáteis de crédito e ainda praticam suas vendas através de crediário ou notas promissórias, encontrados apenas em pequenos mercados, açougues ou lojas de roupas como nos mostra o mapa 3.

<sup>26</sup> A atividade do circuito superior se divide em duas formas de organização. Uma é o circuito superior propriamente dito, a outra, o circuito superior marginal, constituído de formas de produção menos modernas no ponto de vista tecnológico e organizacional. (Santos, 1979, p. 103).

Mapa 3 – Centralidade comercial em Goitacazes – 2017



Fonte: Dados obtidos por Vinícius Féres em atividade de Campo realizada entre os anos de 2015 e 2017  
Autor: Mapa desenvolvido por Carolina Cidade a partir dos dados coletados

A partir dessa análise do comércio localizado na RJ 216 em Goitacazes verificou-se a existência de uma diversificada área comercial de suma importância para a população da baixada campista, especialmente para atender a demanda imediata por comércio e serviços da população. Essa área tem uma população de 11.290 habitantes (IBGE,2015).

Outra área com grande destaque no comércio varejista em Campos dos Goytacazes é o Jardim Carioca, localizado em Guarus na margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, fazendo divisa na atualidade com o distrito de Travessão de Campos.

Na virada do século XIX para o XX essa parte da cidade ainda era conhecida como freguesia de Santo Antônio de Guarulhos<sup>27</sup>, uma área de característica rural, possuidora de diversas fazendas ligadas ao cultivo da Cana de açúcar, utilizada para abastecer os 61 engenhos de açúcar<sup>28</sup> (TEIXEIRA DE MELO, 1886).

Mesmo estando próximo do centro comercial e econômico da cidade de Campos que se desenvolvia e vinha adquirindo novas infraestruturas, o acesso da população, ao centro urbano era precária como proclamado na Câmara em 1833 pelo vereador José Fernandes da Costa Pereira: “ Como manter a segurança, saúde e tranquilidade em relação a travessia de Guarulhos para a cidade, tendo unicamente uma canoa arrombada na proa, navegada por dois escravos ignorantes e com muito risco conduzir 3 ou 4 pessoas” (SOUSA, 2014).

O projeto urbanístico do Engenheiro Niemayer Bellegarde, tinha o objetivo de formar uma rede urbana hierárquica a partir de Campos, unindo-o aos mercados consumidores dos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e a capital da província Niterói, fazendo com que Guarus se tornasse rota comercial através da rede férrea (passava as margens da BR 101 Norte) e com a construção de uma ponte sobre o Paraíba.

Com o tempo, ao longo da rota da linha férrea se expandia as moradias das famílias menos abastadas, expulsas do campo pela crise da indústria canavieira e o controle do acesso pela elite “dessa população” que era um transtorno para a suntuosidade do centro de Campos.

Hoje o subdistrito de Guarus, divide-se em diversos bairros como Parque Guarus, Calabouço, Parque Aeroporto, Codim, Santa Rosa, Cidade Luz, Salo Brand, Parque Zuza

---

27 Nome derivado de uma aldeia de índios coroados denominados Guarus, localizados na margem esquerda do Paraíba, 3 Km acima da vila de São Salvador.

28 Segundo TEIXEIRA DE MELO (1886) os principais proprietários de engenho de Guarus eram viscondessa de Muriaé, a da Sapucaia, a do Barão de Santa Rita, Dr. Paulo Francisco da Costa Viana, a de Santaanna, do Senhor Francisco Ferreira Saturnino de Braga, São José e a do senhor Antônio Francisco Torres.

mota, Parque Vicente Dias, Parque Niterói, Parque José Alves Dias, Parque Bandeirantes, Parque Bela Vista, Jardim carioca, Parque São Silvestre e Parque Bom Sucesso, destinados a moradia de uma população menos abastada, mas possuidora de um comércio mesmo que popular, bem diversificado.

O bairro que mais se destaca no setor comercial (Quadro 3) é o Jardim Carioca, separado do centro pelo Rio Paraíba e considerado pela Lei de uso e ocupação do solo como uma zona de expansão do comércio do centro.

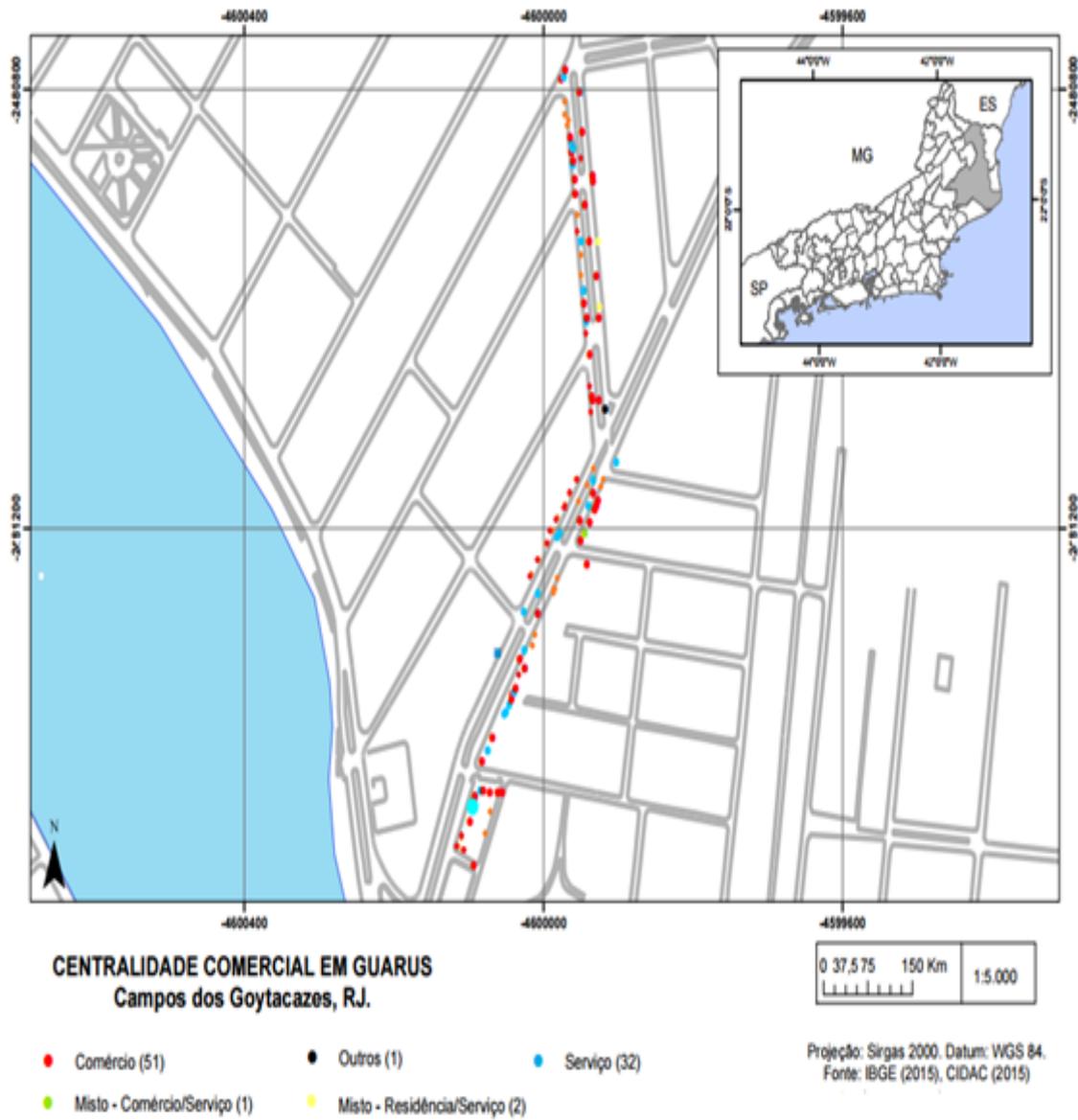
**Quadro 3 – Atividades Comerciais no Jardim Carioca**

<b>Tipo de atividade</b>	<b>Número de estabelecimentos</b>	<b>Tipo de estabelecimento</b>	<b>Número de trabalhadores empregados</b>
Comercial	52	Supermercado, farmácia, açougue, lanchonete, Padaria, Hortifrúti, Autoescola, escola, Academia, depósito de bebidas, Loja de roupas, Sorveteria, quiosques de açaí, água de coco, caldo de cana	139
Serviços públicos	0	-	-
Agências bancárias	2	-Bradesco -Itaú	-
Financeiras	2	-	3
Serviços gerais	34	Escolas, despachantes, dentistas, oficina de motos, borracheiro, posto de combustível	57

**Fonte:** Pesquisa de campo; elaboração do próprio autor, setembro de 2016.

Pode-se observar a partir do estudo da área que o subdistrito de Guarus, em especial o bairro Jardim Carioca, destaca-se pelo comércio varejista ligado ao circuito inferior da economia urbana. O setor comercial se destaca com 52 estabelecimentos comerciais e emprega 139 funcionários. Muitos desses estabelecimentos possuem apenas um funcionário, o próprio proprietário, e aceitam como pagamento apenas dinheiro e ainda vendem para os clientes mais antigos através de notas promissórias. Nesta área apenas 12 estabelecimentos comerciais aceitam como meio de pagamento o cartão de crédito ou débito. Isso é um indicativo de que na periferia da cidade, o uso do crédito mediado pelo sistema financeiro é bem mais restrito (Mapa 4).

Mapa 4 - Centralidade comercial no Jardim Carioca – 2017



Fonte: Dados obtidos por Vinícius Féres em atividade de Campo realizada entre os anos de 2015 e 2017  
Autor: Mapa desenvolvido por Carolina Cidade a partir dos dados coletados.

Outro ponto que merece destaque é a existência de duas financeiras no local, três agências bancárias e uma farmácia da rede Isalvo Lima. No entanto, não foi identificado a presença de equipamentos de serviços públicos.

## **1.2 As elites e os projetos de renovações urbanísticas no século XX: a migração do comércio popular no Centro**

No final do século XIX Campos expressava em sua imagem urbana o seu desenvolvimento econômico e financeiro. Nesse contexto, alguns empresários<sup>29</sup> defendendo seus interesses e buscando fortalecer o comércio e a agricultura fundaram a Associação Comercial de Campos dos Goytacazes.

A associação comercial desde sua fundação passou a ter uma grande influência na construção de uma imagem urbana para Campos que ia além das melhorias materiais do progresso (FARIA, 2008). Ela passa a ser um interlocutor dos interesses das elites dominantes com rebatimentos decisivos no espaço urbano.

A amplitude dessa associação ia além do comércio, seus membros tinham grande importância nos pleitos municipais com nomes presentes nas listas de deputados provinciais, estaduais, vereadores, chefes de partido político e provedores de órgãos públicos. Utilizando uma plataforma política em comum, objetivavam corrigir a situação anárquica causada pelos “moribundos” e mascates que ocupavam as arruelas da cidade e proporcionar a garantia dos direitos dos empresários (ALVES, 1995).

O empresário campista ia adquirindo prestígio e fortuna através do entrelaçamento do capital mercantil com o setor agrário. Muitos comerciantes tornaram-se proprietários de usina falidas e ou endividadas no momento em que a elite agrária sufocada em dívidas recorria ao seu capital como é o caso de Emanuel Couret, Amaro Prado, Matos Pimenta e Brandão e Cia (ALVES, 1995) (Quadro 4).

---

<sup>29</sup> De acordo com Alves (1995) faziam parte da associação os fazendeiros Gregório Francisco de Miranda, Francisco Pinto Saturnino de Brito e comerciantes como E. Couret, J. Vigné, João Renne e outros.

**Quadro 4 - Elite comercial e industrial de Campos dos Goytacazes no início do século XX**

<b>Comerciantes e/ou Firma</b>	<b>Ramo Comercial</b>	<b>Cargo Político</b>
Januário Francisco Gomes	Compra e venda de Arreios, 1915 funda uma indústria de curtume	Vereador
José Pelegrino	Fundador da Associação comercial, atuava no comércio atacadista do açúcar	Vereador
Dimas dos Santos	Representantes de máquinas para usinas, Ramo de fazendas e armarinhos e diretor da associação comercial	Vereador
José Bruno de Azevedo	Fábrica de cigarros, comércio de armarinho, fundador do Jornal folha do comércio	Vereador Prefeito 1924-1928
Emanuel Couret	Compra e venda de aguardente, proprietário da usina Abadia	Não ocupou cargo político
Gaspar Paille	Presidente da associação, indústria de álcoois finos e atuação nos serviços urbanos	Não ocupou cargo político
Amaro Prado	Proprietário da Usina Outeiro	Não ocupou cargo político
Brandão e Cia	Proprietário da Usina Nossa senhora das Dores	-
Domingos Viana e Cia	Proprietário da Usina Saturnino de Brito	-
Benedito Pereira Nunes	Presidente da Associação Comercial	Presidente da câmara de vereadores de Campos 1901-1905.

**Fonte:** Elaborado pelo próprio autor a partir da leitura de Alves (1995).

Esses grupos pautavam a ação política e social na construção do “progresso”, projetando Campos como símbolo da modernidade dentro do estado. A atuação da elite comercial é marcante nas questões urbanas, dotando a cidade de todas as condições de progresso por meio dos melhoramentos urbanos, buscando garantir a imagem de uma cidade verdadeiramente moderna.

De acordo com Alves (1995) e Faria (2008), os planos de urbanização de Campos faziam parte de um projeto político das elites que possibilitassem Campos sediar a capital do estado do Rio de Janeiro. Sendo assim, em 1901 o então presidente da câmara municipal, Dr. Benedito Pereira Nunes, médico e integrante da Associação Comercial, solicitou ao Engenheiro sanitarista Francisco Saturnino de Brito, com grande influência política e econômica na cidade, um plano de saneamento e remodelação do espaço urbano.

De acordo com Faria (2003), o crescimento comercial e urbano não podia conviver com condições sanitárias tão precárias. Era necessário dar atenção a um plano que englobasse os esgotos, drenagens de alagados, água tratada e combate as epidemias. Alves (1995) acrescenta ainda que era preciso derrubar velhos casarões, dando lugar a novas construções adequadas a imagem do progresso do ideário da elite formada por médicos, advogados, industriais e comerciantes. Muitos desses membros da alta sociedade campista que reivindicavam um urbano moderno ocupavam os cargos de gestores municipais (RODRIGUES, 2015).

O plano de remodelação da cidade de Saturnino de Brito previa firmar as bases sanitárias das quais dependia a prosperidade do município. O projeto consistia em três etapas: a primeira, diz respeito a realização de um novo projeto de arruamento que levasse em conta a topografia da cidade, na segunda etapa era verificar a relação do município com a cidade. Já em um terceiro momento considerar os serviços de saneamento e as questões morais e sociais (ALVES,1995). Segundo Faria (2005), esse projeto tinha por objetivo abranger o espaço que se estendia dos Hospitais de Isolamento ao Matadouro, compreendendo a Estrada do capão e a Avenida Visconde do Rio Branco até as comportas. Na Margem esquerda do Paraíba, atingia Guarulhos seguindo a estrada até confrontar com o matadouro. Abarcava ainda a área compreendida entre a estrada do Beco e a Usina do Queimado.

Com um discurso modernizador, o projeto previa colocar em prática uma “limpeza” das ruas do centro de Campos. As ruas tortuosas, os becos e vielas sombrias cheias de casebres escuros, os cortiços úmidos e inabitáveis e os casarões com pretensões de palacetes deveriam dar lugar a arquitetura moderna, limpa e sadia possuidora de características de um bom gosto condizente com a pujança da elite campista (FARIA, 2003).

Analisando o cenário urbano onde acontece a publicação do plano sanitaria, o cortiço era a forma de habitação mais frequente dentro e fora da cidade, tanto é que o centro da cidade, nas imediações da Praça São Salvador e alguns bairros a oeste era onde estavam as casas mais suntuosas (D’OLIVEIRA, 2002).

O projeto também previa a necessidade por parte do estado inserir serviços de qualidade ligados à captação de esgoto, fornecimento de água tratada, coleta do lixo urbano, o fim das áreas alagadiças e a revisão do código de posturas garantidor dos planos municipais (ALVES,1995).

A ação também deveria ser estendida aos mendigos e vagabundos, através da fundação de uma liga humanitária, afastando essa população das ruas, apelando para caridade, ou no caso de resistência, o uso da força policial.

Nesta população pobre, é necessário contar, após a abolição da escravidão, a recente classe de pequenos trabalhadores urbanos cujas condições de vida e habitat são particularmente ruins (FARIA, 2004).

O presente plano, de fato, foi muito pouco aplicado, Faria (2004) ressalta que foram feitas apenas pequenas intervenções urbanísticas localizadas, com o objetivo principal de expulsar a população pobre do centro para a periferia, caracterizada por áreas insalubres, pantanosas, pestilentas e sem nenhuma infraestrutura.

Em relação ao pequeno comércio, as medidas tomadas pelo poder público foi a retirada e o controle das atividades de mascate, de quitanda e peixaria de pontos estratégicos da cidade. O “Largo das verduras”<sup>30</sup> (Figura 03) e “do Capim”<sup>31</sup> antes deliberadas pelo próprio poder público como locais destinados ao comércio de qualquer verdura, ou outro gênero e objeto da indústria e lavradores, como exposto no código de posturas de 1829 (FREITAS, 2006), tornou-se alvo de críticas por parte da sociedade e dos jornais devido ao cheiro e sujeira que deixavam (SOUSA, 2014).

Desde o final do século XIX a associação comercial e o poder público discutiam a criação de um novo mercado que abrangesse instalações organizadas para agrupar as atividades comerciais localizadas na praça da Verdura e do Capim. Situada em uma área comercialmente privilegiada, diversas foram as tentativas de tirar da Praça das Verduras a função de mercado (Figura 3). Entre as seguidas investidas promovidas, a Associação Comercial consegue a transferência do mercado para o Largo do Rocio<sup>32</sup> (Figura 4).

---

30 O Largo das Verduras situava-se no trecho da Rua Sete de Setembro (antiga Rua das Flores), compreendido entre o Largo do Rosário e a atual Rua Governador Theotônio de Araújo (antiga rua da Quitanda).

31 Ou do Pelourinho, ficava na beira-rio, no Porto da Banca, no início da Rua da Quitanda. Nesse local se concentravam os vendedores de feixes de capim e peixe.

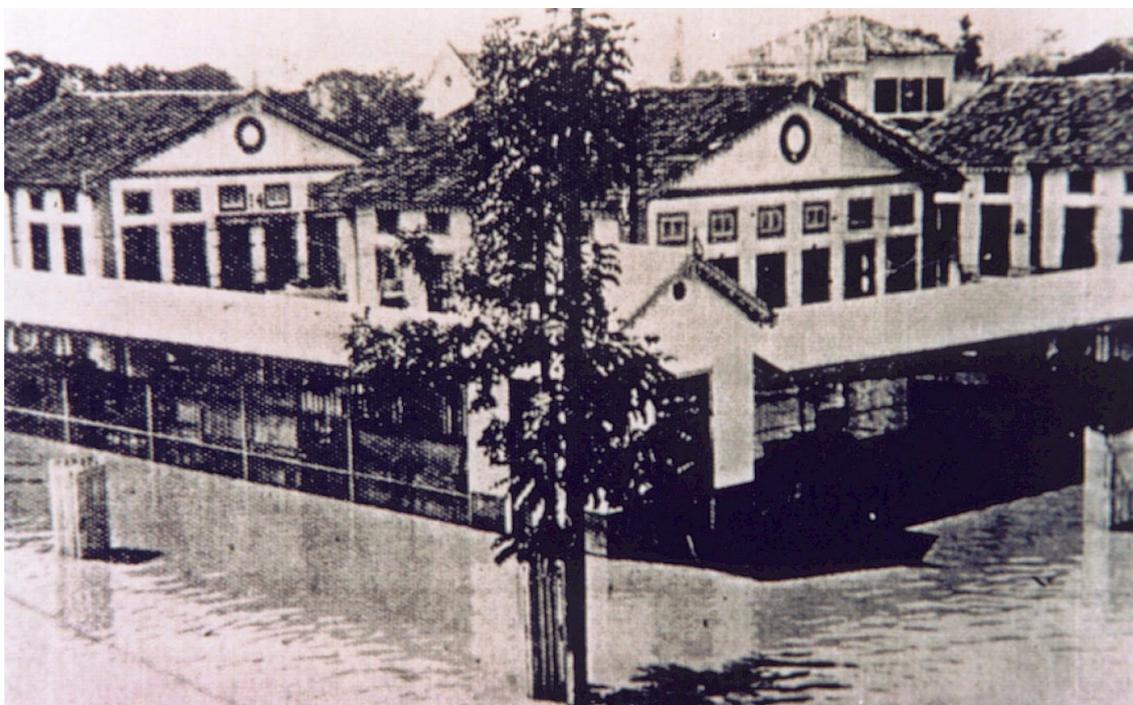
32 O Largo do Rocio era na realidade uma praça e não apenas um simples “largo” como era denominado. A proposta de transferir o mercado da “quitanda velha” para lá se deve ao fato de que a primeira ferrovia de Campos, inaugurada em 1873, ligando a cidade ao distrito de S. Sebastião, tinha naquele lugar a sua estação. Nenhum local era mais apropriado para a comercialização das mercadorias produzidas na baixada campista que a praça em frente à estação.

**Figura 3 – Largo das verduras (1890)**



Fonte: Freitas (2006).

**Figura 4– Mercado do Largo do Rocio durante a enchente de 1906 – Final do século XIX**



Fonte: Freitas (2006).

No início do século XX, o novo Mercado do Roccio foi inaugurado, abrigando as atividades de verdura, peixaria, artigos fabricados pela indústria e artesanato. A regularização dessas atividades, principalmente a pesqueira sempre colidiu com outros interesses, levando a uma existência errante em diversos pontos da cidade ao longo do tempo, como os portos da Beira Rio, a praça Azevedo Coutinho, a Praça do Mercado (Largo do Rocio), até se fixarem na Nova praça no mercado<sup>33</sup> em 1921 (FREITAS,2006).

A pressão exercida pelos jornais sobre a municipalidade sobre um controle efetivo do espaço pelo Estado, com medidas punitivas conforme a lei de posturas contra a presença de quitandeiros e mascates que atrapalhavam o comércio, acabava por privar as massas populares e delimitavam as áreas nobres do centro para o usufruto e interesse econômico das elites, expulsando os grupos populares para os subúrbios (FARIA, 2003). Essa política municipal foi responsável pela expansão da cidade, a formação de novos bairros e novas aglomerações comerciais para atendê-los.

O Governo Luís Sobral (1917-1921) pleiteava a condição de capital do Estado, e para isso aplicava seu projeto de modernização na área central, ao redor do núcleo original, calçando, alargando ruas e renovando os edifícios. No entanto, estas mudanças não chegaram a modificar às condições de vida da população pobre moradoras da periferia (ALVES, 1995).

A desarticulação entre a estrutura urbana consolidada e o seu planejamento acarretou uma distorção e desequilíbrios entre a periferia e o centro. Esse cenário começa a mudar consideravelmente com a aplicação de regras do urbanismo de Alfred Agache em Atafona, distrito de São João da Barra, influenciando a visão dos administradores locais sobre a constituição do urbano (FARIA,2005).

A municipalidade presidida pelo prefeito Salo Brand contrata a firma Coimbra Bueno, de propriedade de Abelardo Coimbra Bueno para a elaboração de um novo plano urbanístico baseado em um modelo de urbanismo moderno com avenidas largas, zoneamento de uso ocupação do solo e edificações de grande porte (D'OLIVEIRA, 2002).

---

33 Para a Elite de Campos o Mercado do Roccio deveria desaparecer. Era um ambiente cercado por grades de ferro, cheios de barraca com telhados de zinco ocupados por açougues, banca de peixes, armazéns, foco constante de ratos, o mercado dava ao local um aspecto de imundice. Aí misturavam vendedores de ervas, legumes, aves e de viveres que provocavam uma balburdia. Nos dizeres dos jornais um anto de algazarra e vadiagem (FREITAS,2006).

Algumas das modificações na morfologia urbana executadas pela firma Coimbra Bueno são apontadas, conforme Faria (2004):

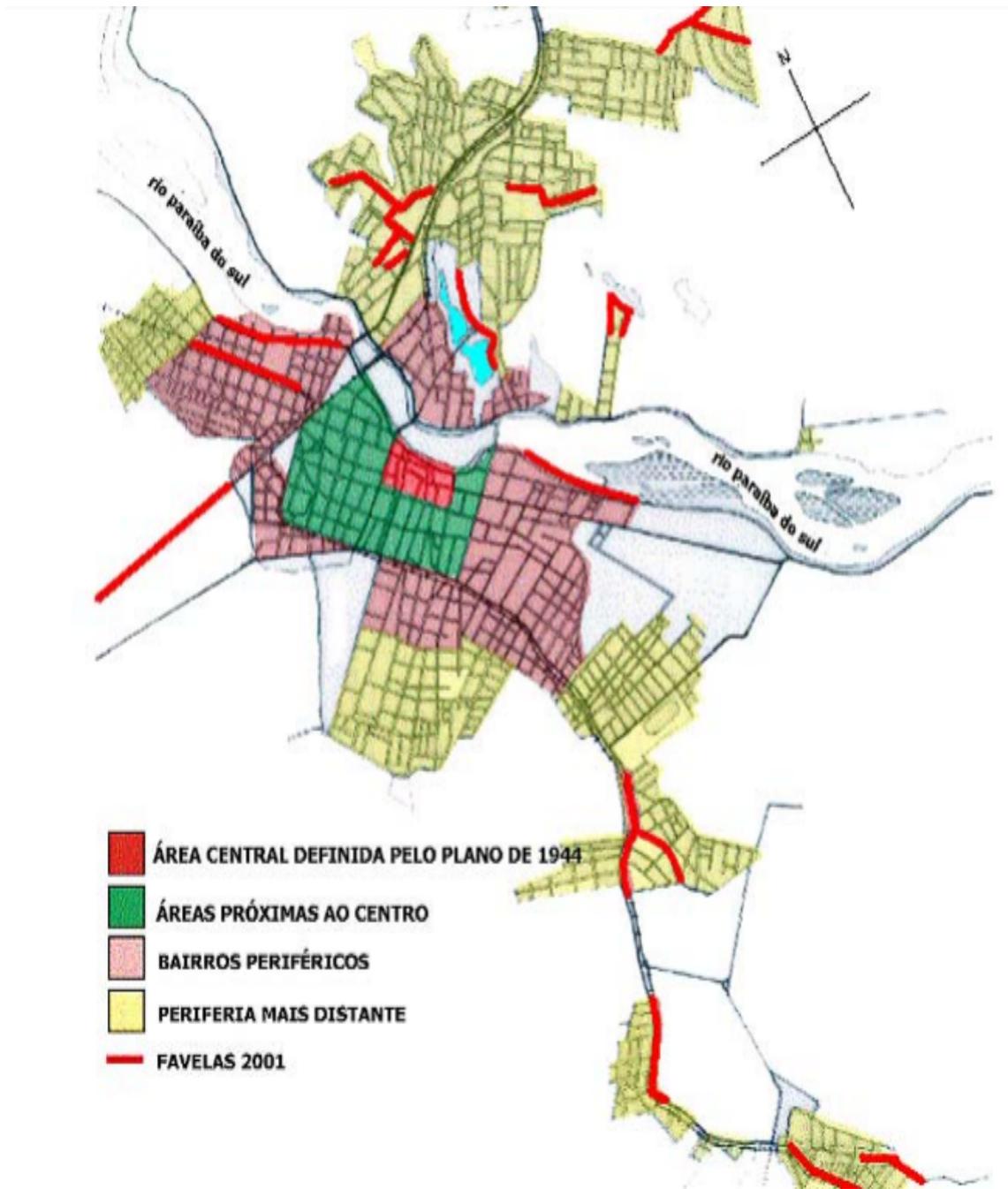
O alargamento e o prolongamento das ruas e o saneamento de parte da cidade, executando várias operações de prestígio, ocupando novos espaços da cidade, criando assim, novos pontos de centralidade como a Praça da Bandeira em frente a Santa Casa de Misericórdia, o parque para assistência a infância, Alzira Vargas, a construção do hospital de isolamento para tuberculoso na Coroa, criação do trecho da estrada Campos Niterói, passando e confirmando o canal Campos Macaé como uma nova centralidade ( FARIA, 2004, p. 86) .

Outro ponto de destaque nesse plano é que ele vai além da questão higienista, ele traz uma nova divisão urbana para Campos almejando uma nova ordem. O centro é redefinido como o quadrilátero compreendido entre as ruas Barão de Miracema, Tenente Coronel Cardoso, Marechal Floriano e o Rio Paraíba, executa-se também uma previsão de áreas para futura expansão urbana, parte de Guarus é anexado ao espaço urbano, como também os bairros como Saco, Turf e Matadouro. Dessa forma, os limites entre urbano, subúrbio e rural são estabelecidos no município (FARIA, 2005).

A crise do setor sucroalcooleiro nos anos 50 e 60, aliada a nova estruturação do espaço urbano pelo plano de 1944, contribuiu para que os grupos sociais se reorganizassem pelos bairros da cidade. Desde o Final do século XIX alguns bairros a Oeste se estruturavam para atender aos anseios da elite campista. Com a crise e a delimitação do centro como uma área estritamente comercial, os grupos sociais mais abastados se dirigem para essas áreas já adensadas e estruturadas. Outros bairros como o Parque Santo Amaro e Parque Tamandaré são incorporados as melhorias e expansão dos equipamentos e infraestrutura.

Já as classes sociais menos abastadas frente ao desemprego gerado pelo êxodo rural e a queda da sua renda acentuam a segregação residencial no interior da cidade resultando na expansão das favelas como mostra o Mapa 5.

Mapa 5 – Expansão das favelas no município de Campos dos Goytacazes – 2005



Fonte: Faria (2005)

Na década de 1960 como analisa Cruz (2004), o complexo açucareiro dá os primeiros indícios de decadência, interrompidos com a criação do Proálcool e aprofunda-se no final dos anos 80, provocando, em Campos dos Goytacazes, uma situação de estagnação, desemprego e pobreza, que veio a agravar o tradicional quadro de concentração de renda decorrente de sua estrutura socioeconômica.

Em meados da década de 1980, o surgimento de uma nova fonte econômica para o município através da extração do petróleo, adicionou *royalties* ao orçamento municipal. O aumento vertiginoso da produção e a duplicação do percentual dos *royalties* a partir de 1998, com o pagamento das participações especiais, foram acrescidos ao orçamento municipal fazendo o poder público investir na reestruturação do contexto urbano e do arranjo espacial já estabelecido (CRUZ, 2007).

Ao passar do tempo, o Centro, detentor durante todo o processo de pujança da cana de açúcar dos símbolos da modernidade vai perdendo todo seu glamour, mas continua ainda ser o local de convergência dos fluxos e o ponto de referência que polariza as atividades econômicas, possibilitando o movimento de pessoas, produtos e dinheiro.

### **1.3 - Os projetos de reformas urbanas no início do século XXI no Centro Histórico de Campos dos Goytacazes: o disciplinamento do espaço urbano**

Durante todo o século XX a ideologia de planejamento difundida pelos urbanistas tinha como protagonista um cunho técnico objetivando resolver os problemas estruturais das cidades. Essas ideias postulavam construir uma nova sociedade ancorada na ideia de ordem e progresso e na compreensão de que os homens, empurrados pela razão, caminhariam na direção da prosperidade econômica. (MARICATO,2000).

A organização racional da cidade era, portanto, objetivo principal do urbanismo moderno. Para isso a cidade passou a ser entendida como a união de quatro funções principais – morar, trabalhar, circular e cultivar o corpo e o espírito (termo simplificado por alguns autores por lazer ou recreação), lembrando que essas funções eram para atender a elite (VAINER, 2000).

O que se tem então é um planejamento com uma visão que priorizou a ordenação do território, sua configuração arquitetônica, seus equipamentos coletivos, acabando por

valorizar a obra física pura e desconsiderando-se a construção da cidadania de grande parte de seus habitantes.

A matriz teórica que alimentava o planejamento nos países capitalistas, mas não só nestes, como também nos países socialistas, e que embasou o ensino e a prática do planejamento urbano e regional na América Latina, atribuía ao Estado o papel de portador da racionalidade, que evitaria as disfunções do mercado, como o desemprego (regulamentando o trabalho, promovendo políticas sociais), bem como asseguraria o desenvolvimento econômico e social (com incentivos, subsídios, produção da infraestrutura, regulando preços, produzindo diretamente insumos básicos para a produção, etc.) (MARICATO, 2000, p. 126).

Já na década de 1970, adentrando pela década de 1980, as reflexões acerca do papel do planejamento ganha um novo escopo através de autores como Harvey (2005), Lefebvre (1968; 1970) e Castells (1983) de orientações marxistas, contrários ao planejamento urbano da cidade voltado às necessidades do capitalismo, mantendo condições favoráveis, a longo ou em médio prazo, ao *status quo* capitalista (VAINER, 2000).

Tais autores proporcionaram uma renovação significativa no debate crítico da pesquisa urbana. Criticando duramente a concepção de cidade desenvolvida pelo pensamento modernista, o elemento “produção social” foi fundamental nas análises dos autores, principalmente Harvey e Castells (MARICATO, 2000; VAINER, 2000).

O que observamos na verdade em Campos é o oposto do que imaginamos como sendo uma reestruturação que englobe todos os indivíduos que compõem a cidade. Na verdade não se observa uma mudança concreta com as reformas atuais que concentram-se apenas em reformar praças, ruas, quiosques e prédios públicos. O que pode, de fato, assegurar a reorganização da área central é um incentivo ao comércio local de pequeno porte, também criar um circuito de lazer e cultura para as classes menos abastadas, como também a conservação, limpeza e recuperação do patrimônio histórico.

O modelo de reforma do centro histórico de Campos tem uma definição semelhante a usada por Otília Arantes (2000) ao escrever sobre o mesmo processo na cidade de São Paulo. Para essa autora, esse processo é quase como uma receita de urbanismo em inúmeras cidades, considerado por muitos pesquisadores como um divisor de águas entre o planejamento urbano e regional tradicional, concebido pela racionalidade territorial sob o

controle do Estado, e do planejamento estratégico<sup>34</sup>, concepção que toma a cidade aos fragmentos, comandada pela lógica empresarial neoliberal.

As iniciativas de revalorização do Centro de Campos dos Goytacazes têm se traduzido em projetos de intervenção subsidiados e direcionados por investimentos públicos com inserções dos grandes agentes privados em detrimento dos pequenos comerciantes e das microatividades que se estabeleceram na área central na década de 1980 encontrando um refúgio frente às dificuldades impostas pela crise econômica que passava o setor sucroalcooleiro. As políticas públicas que deram suporte a essas intervenções pelo Estado, embora anunciassem o objetivo de preservá-los e inseri-los no novo contexto urbano, privilegiaram os grandes empresários locais e as redes comerciais levando à mudança de conteúdo de algumas áreas e efeitos sobre a população frequentadora do espaço.

O primeiro projeto urbano que englobou a área central no século XXI foi na administração do prefeito Dr. Arnaldo França Viana, entre os anos de 2004/2005, onde foi realizada uma nova reforma da Praça do Santíssimo Salvador<sup>35</sup>. O novo formato deu maior amplitude à Praça São Salvador e melhor visibilidade do seu entorno, sobretudo, da Catedral do Santíssimo Salvador. A fluidez do trânsito também foi levada em consideração nesta reforma. Uma passagem de automóveis foi feita entre a Praça São Salvador e a Quatro Jornadas, dando acesso à Avenida Alberto Torres. Além desta passagem, foi feita uma abertura em frente à Catedral, permitindo ao motorista circular ao redor da Praça São Salvador (MOTTA e SOUZA, 2010). O prefeito tinha como objetivo algumas reformas e alterações, colocando em prática um plano de *revitalização*, atendendo às necessidades dos comerciantes: a obra foi iniciada em 01/10/2004. O antigo piso quebrado, as árvores arrancadas, o chão remarcado, o sistema de esgoto refeito (BARBOSA e LINHARES, 2007). O projeto da reforma foi executado pelo Consórcio Queiroz Galvão/Odebrecht, sob a coordenação do engenheiro Sérgio Moreira Dias. “Portanto, o projeto da Praça do Santíssimo Salvador não tinha simplesmente a intenção de recuperar o local, mas a cidade

---

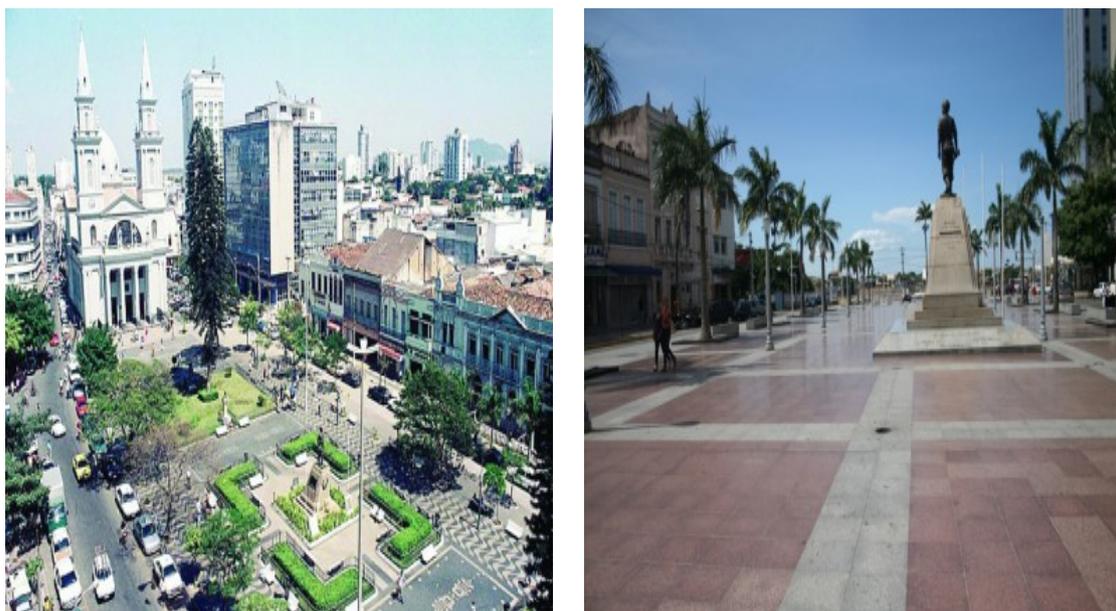
<sup>34</sup> O planejamento estratégico tem como um dos seus pilares a associação dos diversos atores urbanos através de parcerias público-privadas, pois se entendia que “a definição de um Projeto de Futuro só será eficaz se mobilizar, desde o seu momento inicial, os atores urbanos públicos e privados” (Borja & Castells, 1996). O objetivo dessas parcerias é (apesar de não ser exclusivamente isso) “muito mais o investimento e o desenvolvimento econômico através de empreendimentos imobiliários pontuais e especulativos do que a melhoria das condições em um âmbito específico” (VAINER, 2000).

<sup>35</sup> A última reforma havia ocorrido em 1991 no Governo do Prefeito Anthony Garotinho.

como um todo, valorizando um dos mais importantes marcos e cartões postais do Município” (BARBOSA e LINHARES, op. cit., p.54). Segundo o jornal Folha da Manhã<sup>36</sup> essa obra não se tratava somente de uma releitura de tratamentos e revestimentos, mas revigorar as atividades do centro comercial, que estava perdendo espaço para os Shopping Centers que se expandiam pelos bairros nobres da cidade.

Após essa última reforma, com o espaço ampliado, sem sombras de árvores, com os antigos bancos de madeira substituídos pelos de mármore<sup>37</sup>, o uso da praça tem sido como local de passagem durante o dia, devido ao intenso calor. As frondosas árvores foram substituídas por palmeiras que pouca sombra proporciona. Porém após a inauguração do Plaza Shopping em frente à Praça 4 Jornadas, observa-se no período noturno uma maior aglomeração de pessoas utilizando a praça São Salvador para lazer e do comércio alimentício e bares do novo empreendimento.

**Figura 5 – Praça São Salvador antes (1999) e depois da reforma de 2005.**



**Fonte:** Jornal Folha da Manhã online [www.folhamanha.com.br](http://www.folhamanha.com.br) data: 13/10/2013

No ano de 2012, já no segundo mandato da Prefeita Rosinha Garotinho, a área central, agora como um todo, recebe novas obras de intervenções no espaço. Novamente

---

<sup>36</sup> Reportagem do dia 13/10/2013

<sup>37</sup> Essa substituição dos bancos da praça São Salvador consiste em uma tentativa de controlar a população pobre, moradora de rua, utilizar o espaço para dormir.

como ocorrido nos planos anteriores o discurso oficial usado pelo poder público e órgãos envolvidos – CDL (Câmara de dirigentes lojistas), ACIC (Associação comercial e industrial de Campos) e CAJORPA (Comerciantes e amigos da Rua João Pessoa e adjacências) para lançamento do programa era a necessidade de uma nova reestruturação urbana, criando um centro de atração das novas oportunidades comerciais, gerando maior circulação de capitais, empregos e atividades de lazer e diversão. A inclusão da revitalização das praças, ruas e novas amenidades de infraestrutura significaram uma série de obras e de restauro e reabilitação dos edifícios históricos.

As transformações ocorridas no espaço urbano não é, segundo Smith, (2007), um fenômeno novo. Todo o processo de crescimento e desenvolvimento urbano consiste em um constante arranjo, estruturação e reestruturação do espaço urbano ao longo do tempo. O que é novo, hoje, é a intensidade em que esta reestruturação do espaço se apresenta como um componente imediato de uma ampla reestruturação social e econômica das economias capitalistas avançadas.

Como o processo de reforma do centro ainda está em andamento<sup>38</sup>, nem todas as áreas foram afetadas pelas transformações, no entanto aquelas que já sofrem o processo, por parte do capital imobiliário e dos “grandes” comerciantes, os objetivos de concentração do capital e exclusão e normatização de certos comerciantes, já foram alcançados. Os grupos formados pela “minoridade” reivindicam sua inserção, tornando mais evidentes os conflitos, refletindo hoje na atuação direta da AVASP<sup>39</sup>, buscando alterar as concepções originais do projeto.

Os projetos de intervenções urbanas de larga escala, semelhantes ao que está sendo realizado em Campos dos Goytacazes provocam no espaço um processo de expulsão dos trabalhadores ambulantes para fora da área beneficiada. O processo que vem sendo vivenciado no centro reforça que esta prática, característica marcante do urbanismo pós-moderno, contribui para excluir os direitos a uma parte da população de baixa renda. Esse processo de segregação socioespacial pode ser visto como uma estratégia de negação dos direitos aos mais pobres.

---

<sup>38</sup> Após a mudança no governo municipal, a nova gestão não deu prosseguimento as reformas de algumas partes da área central.

<sup>39</sup> No dia 11/05/2015 foi realizado na Avenida José Alves de Azevedo uma manifestação da Associação dos ambulantes do Shopping Popular Michael Haddad que reivindicavam agilidade nas obras da estrutura permanente, instalação de semáforo em frente ao parque Alberto Sampaio, onde localiza-se a estrutura provisória do Shopping popular e a divulgação do espaço pela mídia local, como havia prometido a prefeitura.

Esse processo revela a necessidade de mudança na relação do Estado com os demais setores envolvidos no processo de reestruturação que compõem a área central e os interesses da população que frequenta e consomem nessa parte da cidade.

A reforma da área central tem levado as atividades a um disciplinamento em relação ao espaço e ao exercício da atividade. A Secretaria de Posturas, órgão responsável por averiguar o funcionamento dessas atividades vem cobrando com rigor o cumprimento do código e notificando os estabelecimentos que descumprem as leis.

Em relação as microatividades, algumas ainda permanecem nos seus lugares de origem, enquanto outras foram deslocadas para outros bairros ou outros pontos do Centro, deixando para trás sua clientela e sendo obrigados a recomeçar uma nova etapa pela sobrevivência.

As poucas atividades que permaneceram no Centro, seguem uma norma imposta de horário de funcionamento, obrigatoriedade de retirar seu carrinho no final do expediente e manter limpo o local de trabalho, caso contrário será penalizado com multa e a reincidência, com a perda do ponto de trabalho<sup>40</sup>.

A construção da praça de alimentação embaixo do Viaduto Leonel Brizola foi um exemplo de controle e normatização sobre as microatividades. Esse espaço passou a abrigar os vendedores de alimentos, localizados na calçada da Rua Alberto Torres em frente ao antigo estacionamento da Santa Casa, hoje Central Plaza Shopping.

---

<sup>40</sup> Informações obtidas através de entrevista realizada com o Subsecretário de Posturas Fabiano de Araújo Mariano no dia 06/04/2016

**Figura 6: Rua Alberto torres na proximidade da Praça São Salvador – 2009**



**Fonte:** Roberto Moraes (2009), blog do Roberto Moraes [www.robertomoraes.blogspot](http://www.robertomoraes.blogspot), acesso em: 12/04/2016

Logo após a retirada dessas microatividades desse ponto da área central, iniciaram-se as negociações entre o Hospital Plantadores de Cana e a Construtora W3 Engenharia para a construção do Central Plaza Shopping, inaugurado na cidade em junho de 2012. Ele está localizado na antiga área do estacionamento que pertenceu à Santa Casa, no Centro, ao lado da Praça Quatro Jornadas e São Salvador.

**Figura 7- Rua Alberto Torres, nas proximidades da Praça São Salvador - 2016**



**Fonte:** Pesquisa de campo do próprio autor, 16 mai. de 2016.

Como pode-se observar na figura 6 a retirada das microatividades do ramo de alimentos da Avenida Alberto Torres criou um ambiente propício a um novo tipo de uso, expandindo os bares, as boutiques de grife e restaurantes gourmets.

A criação de um novo espaço de comercialização com atividades do circuito superior produziu o que Carlos (2005) chama de “simulacros no espaço”, que são consumidos através do lazer, novos espaços reproduzidos para satisfazer o bem-estar da sociedade em seu momento de não trabalho, sendo locais de uso temporário. Esses novos espaços segregam e dividem a sociedade entre os que podem e os que não podem consumi-lo.

O significado dessas atividades no centro, vem indicar que há um novo processo de organização do espaço cada vez mais gerenciada e monopolizada. As modificações se mostram presentes no espaço, que passa a ser construído e reconstruído de acordo com as vontades do mercado, se tornando locais normatizados e padronizados, assim como a própria sociedade, de acordo com as necessidades daqueles que irão consumir (CARLOS,2005).

No próximo capítulo caracterizamos o comércio e as ruas do Centro de Campos dos Goytacazes ao longo do tempo e do espaço central, refletindo para o período recente sobre a configuração da economia urbana.

## **CAPÍTULO 02 – O CIRCUITO INFERIOR DO CENTRO: TRABALHO E RESISTÊNCIA EM CAMPOS DOS GOYTACAZES**

O estudo do espaço urbano de Campos dos Goytacazes há um bom tempo faz parte das inquietações do autor, o seu entendimento começou a ser analisado pelos usos das diferentes áreas, como por exemplo, o centro da cidade, local de concentração das atividades comerciais, das prestações de serviços, das atividades administrativas, das áreas de residências diferenciadas, dos locais de lazer, além de outros usos importantes. Enfim, o interesse em conhecer o centro da cidade decorre do fato dele se constituir em um lugar onde frequenta uma enorme parcela da população e também por ser o *lócus* da exploração capitalista e dos conflitos de classe (SPOSITO, 1991).

Sendo assim, o desenvolvimento do centro da cidade e as mudanças nas formas da vida urbana impõem uma reflexão e a cidade de Campos dos Goytacazes apresenta-se como importante *lócus* de investigação por constituir um centro regional importante no Norte do Estado do Rio de Janeiro, e por ter sido, no passado, e ser hoje portadora de uma significativa pujança econômica que se reflete no seu processo de urbanização.

Ao longo do século XX a economia de Campos passou por mudanças significativas que refletiram em transformações na paisagem da área central. Muitos estabelecimentos comerciais devido à crise do sistema canavieiro, falta de continuidade pela família e má gestão deixaram de existir e deram lugar a outras atividades que com o tempo se consolidaram no espaço e cotidiano dos campistas.

Um exemplo foi o novo arranjo comercial da cidade estabelecido sobre atividades voltadas para as confecções de roupas masculinas e femininas utilizando o jeans ou malha (PINTO, 1985).

Durante boa parte da década de 80, e início da década de 90 do Século XX, Campos dos Goytacazes figurava como pólo regional da indústria do vestuário, onde as confecções de "jeans" e "malharias" despontavam como alternativas de desenvolvimento e criação de empregos. O Campos Shopping, localizado próximo à praça do Santíssimo São Salvador teve seu grande auge nesse período onde as grandes confecções locais estabeleceram suas lojas da fábrica no subsolo com preços bem abaixo daqueles praticados anteriormente pelo comércio local.

Segundo Neto e Mansur (2005) na década de 80, Campos encontrava-se no mesmo nível de cidades como Petrópolis (região Serrana Fluminense) no fornecimento de produtos

de confecções de tecelagem plana (especialmente o jeans) para pronta-entrega. Nesta época, os empresários de Campos produziam em confecções próprias, compravam a matéria-prima de representantes de indústrias (têxteis, de aviamento etc.) de São Paulo e Rio Grande do Sul, onde os representantes faziam suas visitas a cada seis meses, exigindo do empresário um capital que sustentasse um estoque para todo este tempo<sup>41</sup>.

A indústria de confecções evoluiu durante os anos 80 e passou então a constituir um segmento econômico importante no município com grande expressividade. Naquela época, algumas confecções que despontaram e se firmaram no cenário econômico, foram a BIG 13; JAM & IAN e Diony's. Todas especializadas na fabricação de peças a partir daquela matéria-prima, ladeadas pelas malharias como VECEBA, LE LION e PONNALA.

Já nos anos 90 as indústrias e suas lojas da fábrica passam a apresentar um quadro de grande enfraquecimento em virtude, dentre outros fatores, do abrupto processo de abertura comercial do país (MANSUR e NETO, 2005). Com as crises cíclicas e a estagnação econômica, inversões cambiais, e por fim, a abertura do mercado nacional às importações estrangeiras e a escolha dos antigos consumidores por São Paulo, fizeram esse setor industrial ser esvaziado, mas algumas confecções<sup>42</sup> se readaptaram às novas condições, e de certa forma, mantiveram suas atividades, mesmo que agora, sem a pujança de antes.

A abertura comercial significou para Campos não apenas a crise do setor têxtil, mas também uma mudança radical, as grandes firmas multinacionais que antes estavam apenas nos grandes centros começaram a se instalar na cidade<sup>43</sup>, trazendo uma diversidade de produtos com preços inferiores aos praticados nos estabelecimentos comerciais locais. Tais estabelecimentos comerciais ligados ao circuito superior se expandem no município frente o investimento privado de empresários locais, como também a vinda de filiais das grandes redes de franquias nacionais. Segundo dados da pesquisa, as primeiras franquias na área central foram Itapuã (1996); O boticário (1999); Ponto Frio (1995) e Casas Bahia (2001).

Lojas tradicionais como Casa da criança, Miss Dior, Casa Matos, a Normalista, A Imparcial, Machado Viana, Neves irmãos, Casa Olímpia, Casa do Chá, Padaria da Ponte,

---

<sup>41</sup> Deve-se deixar claro, no entanto, que as mudanças relacionadas à moda e tendência de mercado nessa época eram mais lentas, uma vez que se podia comprar com uma previsão para seis meses

<sup>42</sup> Dentre as confecções que ainda possui suas atividades no município são: Veceba, Le Lion, Kamalli, Diegues, Veste Leve e Mania d'água.

<sup>43</sup> Após a abertura econômica do Brasil na década de 1990 ficou difícil para as associações comerciais proibir as grandes redes multinacionais varejistas a instalar filiais no município de Campos.

Camisaria Campista, Casas Pernambucanas, Minister Roupas, Casa Almeida, Loja Zuchkner, Icarai Móveis e a Pena de Bronze que antes faziam parte do cotidiano de compras dos consumidores campistas na área central foram gradativamente dando lugar a redes comerciais que pela força econômica e preços baixos ganharam notoriedade entre os campistas.

Toda essa transformação fez o Centro se manter como local de aglomeração do comércio e dos serviços, os quais geram um fluxo de atividades que possibilita o reconhecimento de uma centralidade (SPOSITO, 1991), essas atividades criam um enorme mercado de trabalho que fazem o centro se tornar um ponto de grande acessibilidade dentro da cidade fruto da convergência dos transportes intra urbanos (CORREA,2005).

O Centro de Campos, contudo, ainda mantém uma paisagem arquitetural e humana complexa, muitos estabelecimentos encontram-se localizados no térreo de construções históricas onde antes figuravam outros comércios e marcas. O Centro ainda é detentor de uma forte concentração de serviços de todos os níveis, especialmente comerciais.

Ao longo do tempo foi comum análises espaciais que levavam em conta teorias sobre a decadência da área central frente as centralidades comerciais que surgiam na cidade ou até mesmo pela formação de áreas de expansão do seu comércio nos casos da Pelinca e Jardim Carioca.

Pois bem, o tempo passou e nos mostrou que o Centro da cidade mesmo que continue sendo adjetivado por termos como “desorganizado”, “sujo”, “desordenado”, ainda continua sendo um ponto de convergência e capaz de concentrar um número cada vez maior de atividades comerciais, que disputam um lugar nesse espaço, mesmo com os altos preços dos imóveis e dos alugueis<sup>44</sup>.

Tal argumento utilizado acima é fruto de um longo e extenso trabalho de campo realizado ao longo do ano de 2015 e 2016, com o objetivo de adquirir o perfil do comércio da área central de Campos dos Goytacazes no século XXI. Para isto, foram realizadas 671 entrevistas nas firmas comerciais e prestadoras de serviços inseridas no quadrilátero entre as Ruas 15 de Novembro, Tenente Coronel Cardoso, Rua Marechal Floriano e Avenida José Alves de Azevedo.

---

<sup>44</sup> Dados obtidos através de entrevista na Imobiliária Casa Nova.

As ruas que fazem parte desse quadrilátero são: Rua Barão de Miracema, Rua dos Andradas, Rua Teotônio Ferreira de Araújo, Rua João pessoa, Rua 7 de Setembro, Rua 13 de Maio, Rua Dr. Oliveira Botelho ( Antiga Aquidaban), Travessa Cesar Tinoco, Rua dos Andradas, Rua Carlos de Lacerda, Ovídeo Manhães, João pessoa, 21 de Abril, Rua Santos Drumond, Rua Dr. Lacerda Sobrinho (Antiga sacramento), Rua vigário João Carlos, Rua Boa Morte, Rua Gil de Góis, Avenida Alberto Torres e Dr. Inácio de Moura e Rua Santa Efigênia.

De uma forma geral, a partir das entrevistas, chegou-se a algumas conclusões. O centro de Campos dos Goytacazes possui 671 estabelecimentos comerciais na área recortada, o mais antigo é a livraria Ao livro verde fundada em 1844. Estas atividades comerciais são responsáveis por empregar 3.321 funcionários, da totalidade desses estabelecimentos quase 64% estão inseridas em pontos comerciais alugados, muitos deles pertencentes a descendentes de árabes, como também de grupos empresariais locais como Ponto e linha, Trier e Isalvo Lima. Em relação ao uso do crédito 99% utilizam o terminal móvel de cartão, outras empresas como Casas Bahia e Ponto Frio que utilizam de um sistema de crédito vinculado a bancos e alguns estabelecimentos locais com crediário próprio como Trier, Dieguez, A Joia Nobre, Fafá Calçados, AP Roupas e Sapataria Luis XV.

## **2.1 - O Centro e os circuitos da economia urbana: o comércio lojista e o comércio de rua**

A partir da metade do século XX, especialmente após a década de 70, o mundo tem vivido um novo momento e uma nova configuração do modo de produção capitalista. Essa nova configuração se baseia na difusão da técnica e na expansão de um meio técnico científico informacional<sup>45</sup> ou terceira revolução industrial (SANTOS, 2008), na qual

---

<sup>45</sup> O meio técnico-científico-informacional representa, então, a atual etapa na qual se encontra o sistema capitalista de produção e transformação do espaço geográfico, estando relacionado, sobretudo, à Terceira Revolução Industrial, que, não por acaso, passou a ser reconhecida como Revolução Científica Informacional, cuja impactação manifestou-se de forma mais intensa a partir dos anos 1970.

Nesse momento ocorreu uma união entre técnica e ciência, guiadas pelo funcionamento do mercado, que, graças aos avanços tecnológicos, expande-se e consolida o processo de Globalização.

Portanto, além de serem técnicos, os objetos também carregam em si a informação e trabalham a partir dela, o que justifica o nome do atual período de transformação do meio geográfico. Podemos, então, dizer que o

técnica, ciência e informação são elementos estruturantes do território e da própria sociedade.

No atual momento do capitalismo é possível reconhecer novas e variadas formas de consumo. A expansão do consumo tende a alcançar vários níveis sociais, desde os mais ricos até as classes menos abastadas de maneira direta, indireta ou ocasional (SANTOS, 2004) promovendo a disseminação de novos desejos e necessidades.

Podemos destacar também que as técnicas e a informação trouxeram uma nova divisão do trabalho e a criação de uma pobreza estrutural globalizada (SANTOS, 2000), que hoje é vista pelos economistas, governo e a burguesia industrial como algo quase que natural e inevitável. Essa pobreza é produzida pelas firmas globais que detém o comando do território e são responsáveis pelo crescimento das taxas de desemprego e redução dos salários, visto que o discurso predominante é de que poucos trabalhadores são aptos a executar um trabalho moderno (SILVEIRA, 2009).

Tais características elencadas acima são próprias de um sistema e uma sociedade contemporânea que evidenciam uma urbanização seleta que revela uma divisão entre aqueles que podem ter acesso permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles, que possuindo as mesmas necessidades, não tem condições de satisfazê-las (SANTOS, 2004).

Dessa maneira, a fragmentação da sociedade e dos espaços criam diferenças qualitativas e quantitativas que revelam a existência de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens oferecidos, denominados por Milton Santos (2004) como circuito superior e circuito inferior, que se relacionam entre si em na forma de complementaridade, subordinação e dependência (SANTOS, 2004; SILVEIRA, 2004; MONTENEGRO, 2006; SILVA, 2012).

Segundo Santos (2008), o espaço onde ocorrem esses processos, é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório entre sistemas de objetos e sistemas de ações<sup>46</sup> que geram uma multiplicidade de materialidades, que ao longo do tempo são moldadas pelo homem criando próteses.

---

processo de globalização só se manifesta em seu atual estágio graças aos avanços propiciados pelo meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008).

<sup>46</sup> De um lado os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, os sistemas de ações leva a criação de objetos novos ou se realiza sobre os objetos pré-existentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 2001, p 63).

Os circuitos inferior e superior estão inseridos nesse espaço de elementos articulados. As referidas técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais os homens realizam sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço (SANTOS,2008).

O circuito superior é constituído pelos bancos, comércios, serviços modernos e indústrias de exportação (SANTOS, 2004). As atividades relacionam-se à forma capitalista de produção e acumulação em escala mundial, ligados a comandos e demandas externas e que possuem uma racionalidade instrumental<sup>47</sup> no uso da tecnologia em sua organização. Esse circuito caracteriza-se também pelas transações comerciais mundiais articuladas com o local, pelo uso de capital intensivo, organização burocrática, significativos lucros ligados a grande quantidade de mercadorias vendidas, uso intensivo de publicidade, postos de trabalho reduzidos, relações impessoais com a clientela, acesso a crédito bancário de forma desburocratizada e dependência direta do exterior.

Já o circuito inferior é aquele constituído de formas de produção não intensiva, pelos serviços não modernos e de pequena dimensão, estoques reduzidos, venda de produtos de baixo valor agregado, servindo as populações menos privilegiadas, pouco ou nenhum crédito bancário e baixo uso de publicidade (SANTOS, 2004). Essas atividades estão muitas vezes enraizadas no próprio lugar, que visam suprir as demandas de uma população local e mais pobre.

Milton Santos (2004) ainda reconhece a existência de um circuito superior marginal, caracterizado por formas de produção menos modernas do ponto de vista tecnológico e organizacional, o gasto com publicidade é menor como também os salários pagos aos funcionários e os produtos são de uma qualidade inferior se relacionado ao circuito superior. Porém, o circuito superior marginal é circuito superior, ainda que possa encontra-se em fase de decadência ou em ascensão com relação ao que há de mais moderno no circuito superior.

Esses circuitos segundo Silveira (2009) resultam do processo de modernização do espaço e na transformação das relações sociais e econômicas. Este processo deriva da inovação vinda de um período anterior. Assim cada período é caracterizado pela existência

---

<sup>47</sup> Imposta de cima pelos desígnios de uma divisão do trabalho definida em função de interesses externos ou longínquos.

de um conjunto coerente de elementos de ordem econômica, social, política e moral que constituem um verdadeiro sistema (SANTOS, 2004).

Montenegro (2006) acrescenta que os circuitos estão baseados nas relações entre agentes que se apropriam desigualmente da tecnologia, informação e renda, bem como pelo conjunto de atividades realizadas em certos momentos e pelo setor da população que se liga a ele pelo trabalho e consumo.

Na atual realidade das cidades brasileiras, a nova divisão social do trabalho gerou uma dinâmica que multiplica as profissões, ao mesmo tempo, que diminui o número de empregos (SILVEIRA, 2004) e se torna responsável pela expansão cada vez maior das atividades realizadas pela população excluída do circuito superior (MONTENEGRO, 2006).

Em relação ao trabalho, as atividades do circuito superior, a oferta de emprego é cada vez menor em função da constante modernização tecnológica utilizadas para redução de custos operacionais. No setor terciário moderno, existe uma necessidade maior de mão de obra, no entanto, a mão de obra usada é a qualificada. No circuito inferior, o trabalho é volumoso e inclui ocupações de caráter temporário e sem vínculo trabalhista, na maior parte das vezes, e constituindo um refúgio para a população pobre de baixa escolaridade.

Essas atividades do circuito inferior não recebem os mesmos subsídios do estado e, por vezes enfrentam processos de “perseguição” pelo poder público, como é o caso das investidas contra as práticas das vendas nas ruas.

Um outro ponto importante sobre os circuitos é que mesmo possuindo características diferentes, possuem a mesma origem, o mesmo conjunto de causas e são interligados (SANTOS, 2004), ou seja, eles não existem de forma autônoma.

Ao longo do tempo, foram incorporadas à teoria formulada por Milton Santos, na década de 70, principalmente ao que se refere ao circuito inferior outros elementos conforme aponta Silveira<sup>48</sup> (2004, 2007 e 2009), Montenegro (2006, 2011) e Silva (2012). Entretanto, destacamos que esses trabalhos foram dedicados a estudos de metrópoles,

---

<sup>48</sup> Um elemento incorporado por Maria Laura da Silveira que contribui para a pesquisa é a financeirização do circuito inferior. O acesso ao crédito desburocratizado favoreceu a diversificação das atividades e resultou na intensificação das relações entre o circuito superior (bancos) e os trabalhadores autônomos (circuito inferior).

especialmente São Paulo. Por isso, essa pesquisa também trouxe o desafio de pensar a economia urbana a partir de uma cidade média, em um contexto regional distinto.

Do ponto de vista dos agentes hegemônicos que compõem o espaço (Estado, classes sociais mais abastadas, o capital imobiliário e os proprietários fundiários), as atividades do circuito inferior são consideradas causadores do atraso, da desordem e ilegais por não contribuírem através dos impostos federais, estaduais e municipais, ou seja, por se encontrarem em condição de não regularizadas. No entanto, devemos entender essas atividades, como parte do processo de urbanização característico dos países pobres, essas atividades são responsáveis pela geração de trabalho e renda, além de garantirem também a própria existência do circuito superior.

Após a exposição, entendimento e análise das características dos circuitos, é possível identificar a existência e a articulação dos dois circuitos da economia urbana no centro de Campos dos Goytacazes, evidenciando-se pela intensa presença de atividades de baixa produtividade convivendo com atividades modernas e de organização burocratizada e mais rígida.

Observa-se nesta parte da cidade de Campos dos Goytacazes a expansão do circuito superior por ser tratar de um ponto denso nos quais diversos ramos se entrelaçam e criam um mercado segmentado. Essa nova atuação do circuito superior em áreas predominantes do circuito inferior é uma resposta às demandas banais da população menos abastada por consumo, conforme apontou Montenegro (2013).

Podemos destacar como circuito superior o dinâmico comércio moderno, representado por redes nacionais detentoras de unidades em todo o país. Sobressaem os shoppings centers, as agências bancárias, financeiras, lotéricas, redes de farmácias e as lojas de eletrodomésticos, Ponto Frio, Casas Bahia, Ricardo eletro e Marisa, Di Santinni, Itapuã, Bob's, Pizza bus, havainas, Boticário, Vivo, Claro, Oi, Tim, etc.

Essas lojas relacionam-se à forma capitalista de produção e acumulação em escala mundial. Caracterizam-se pelas transações comerciais globais, articuladas ao local, com significativos lucros concernentes à grande quantidade de mercadorias, feitas pelos monopólios e grandes firmas que sustentam a existência e a dinâmica desse tipo de mercado urbano.

Na área central de Campos encontramos também uma expansão de estabelecimentos comerciais ligados ao circuito superior, instalados no Central Plaza, inserindo um novo conteúdo de lojas as características do centro.

Nas ruas adjacentes a Praça São Salvador, popularmente conhecidas como o Boulevard Francisco de Paula (Encontro das ruas Sete de Setembro, Treze de Maio e Santos Drumont – (Figura 8) encontramos um comércio tradicional local entrelaçado com redes comerciais mundiais e regionais localizados no térreo de construções históricas datadas do final do século XIX e início do XX

**Figura 8– Calçadão: entroncamento entre Treze de Maio, Sete de Setembro e Santos Drumont – 2015**



**Fonte:** Jornal Folha da manhã matéria publicada no dia 20 jun. 2015.

O grande fluxo diário de pessoas no centro atraiu grandes lojas de departamento como a unidade da rede de lojas Marisa, de eletroeletrônico de atuação nacional como o Ponto Frio, Casas Bahia e Ricardo eletro, como também de telefonia celular.

Nos últimos anos, é perceptível como essas redes vêm adotando estratégias que vão desde a abertura de várias filiais no centro da cidade até a utilização de cartões próprios de financiamento das compras, fazendo com que a população de baixa renda consuma, também, no circuito moderno da economia urbana.

De forma direta e indireta, o banco é um agente hegemônico do circuito superior, seja através da concessão de créditos em seu próprio nome ou através de representantes (SANTOS, 2004).

Essas lojas, por sua atuação e organização, principalmente no que diz respeito a relação com os bancos e forma de pagamento do cliente podemos considerá-la como pertencente ao circuito superior. No entanto, ao observarmos a relação de trabalho dentro do estabelecimento, percebemos a inserção de novas formas e relações de trabalho acentuando a ideia de produtividade, flexibilidade e intensa jornada de trabalho<sup>49</sup>.

Outro ponto observado em relação a expansão do circuito superior no Centro foi o crescimento das atividades financeiras. Para Silveira (2009) isso ocorre porque o circuito superior não despreza nenhum mercado, ainda mais quando nele pode inserir sofisticados instrumentos financeiros. E ainda acrescenta,

Isso sucede, fundamentalmente em áreas da cidade que, até pouco tempo, não granjeavam o circuito superior. Tal mercado pode ser caracterizado como uma constelação de indivíduos e famílias de baixa renda que buscam satisfazer suas necessidades consuntivas e produtivas (SILVEIRA, 2009, p. 68).

O avanço do circuito superior na área central de Campos relaciona-se ao que Montenegro (2011) e Silveira (2009), ao tratar à cidade de São Paulo, à consolidação das firmas e franquias nacionais e internacionais que apropria-se de áreas tradicionalmente ocupadas pelo circuito inferior, levando a formação de áreas de diversidade<sup>50</sup>.

Na área central de Campos esse comércio moderno do circuito superior possui um protagonismo pela geração de empregos e expansão do assalariamento, mas se comparado ao circuito inferior verifica-se um baixo número de trabalhadores em relação ao volume e tamanho da empresa.

---

<sup>49</sup> Para Awad (2003), as relações de trabalho em lojas como casas Bahia, Ponto Frio e Ricardo Eletro seguem um padrão de trabalhador multifunção, capaz de substituir outro trabalhador em qualquer setor da loja, além de justificar o reduzido quadro de funcionários. Outro ponto a se destacar nestas lojas é que estes poucos funcionários devem ter um foco total no cliente e mesmo com uma jornada intensa de trabalho devem estar de bom humor para atender ao cliente. Nos momentos de grande movimento nas lojas devido as datas comemorativas de dia das mães, dia dos pais, dia das crianças e natal estas empresas subcontratam trabalhadores temporários terceirizando a mão de obra nas lojas e assim criando um exército de reserva próprio com estes trabalhadores temporários. Devemos destacar também nessa relação entre empregado e empregador é o sistema de cotas ou produtividade. Para receber seu salário base o trabalhador e seu setor devem bater uma meta de vendas, caso ultrapasse essa meta terá acrescido uma bonificação em salário, além da venda de seguros e garantia estendida.

<sup>50</sup> Nessa área, o circuito inferior, superior e superior marginal coabitam criando um mercado segmentado cuja extensão abrange o bairro ou a própria cidade. O trabalho se especializa e se divide em múltiplos circuitos espaciais de produção, constituindo pontos de coexistência de técnicas diversas, que, por sua vez, representam momentos históricos diferentes (MONTENEGRO, 2006. P. 126).

Essa característica do circuito superior em relação ao trabalho, nos dá subsídios que comprovam o poder de geração de trabalho do circuito inferior, ainda mais se computados os postos de trabalho não regulamentados pelo ministério do trabalho<sup>51</sup>, que subestimam a economia de pequena dimensão, que por definição são difíceis de serem captadas por pesquisas quantitativas.

O circuito inferior aparece, geralmente, como um espaço de oportunidade e abrigo para aquelas pessoas que são, em sua maioria, desprovidas de uma qualificação profissional<sup>52</sup> e não tiveram oportunidade de trabalho no circuito superior da economia (SANTOS, 2004). Daí, multiplicam-se profissões como: vendedores ambulantes, flanelinhas, diaristas, motoristas de taxi, pedreiros e também o pequeno comércio ao ar livre (praças, calçadas e faixas de pedestres).

Na área central de Campos encontramos ainda atividades que se enquadram no circuito superior marginal. Nessa subdivisão do circuito superior, entendemos que as atividades reúnem formas de produção menos modernas do ponto de vista tecnológico, organizacional e do trabalho. No caso de Campos o comércio na área central confirma-se como uma área de geração de trabalho no espaço urbano da cidade, em grande parte atividades do circuito inferior.

Como dito anteriormente, o circuito superior frente as renovações normativas que no período contemporâneo atravessa o território (MONTENEGRO, 2006) faz com que algumas empresas mesmo cumprindo todos os requisitos de formalidade, reforçam, através de suas ações o circuito superior marginal. Este circuito, também não pode ser associado a pequena e média empresa, pois as grandes empresas que contratam muitos funcionários,

---

<sup>51</sup> Os dados utilizados pelo Sebrae e Ministério do Trabalho utilizam de critérios econômicos, ligados a arrecadação da empresa, podendo assim uma firma ser considerada de porte grande e pertencer ao circuito inferior. Na pesquisa utilizamos como fonte de análise a teoria dos dois circuitos da economia urbana proposta por Milton Santos.

<sup>52</sup> O município de Campos dos Goytacazes se tornou referência no ensino superior pela expansão da rede de ensino público e principalmente o privado. Em relação a educação básica é nítido o contraste entre economia e a situação educacional da população, Campos em 2014 apresentou o terceiro pior índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) entre os municípios do Norte Fluminense e a 91ª posição no ranking nacional. Contudo, o que chama mais atenção são as elevadas porcentagens relativas aos grupos que não possuem instrução, totalizando 199.306 pessoas (IBGE, 2010), ou seja, quase 50% da população campista, que pelo último censo contabilizou 483.970 Habitantes.

De acordo com Fortuna (2014), a ineficiência da educação básica em Campos dos Goytacazes, a pouca qualificação da mão de obra e o baixíssimo número de trabalhadores que tenham concluído os estudos, justifica a absorção de trabalhadores por atividades que exijam pouca qualificação, tais como construção civil, comércio ou microatividades formalizadas ou não formalizadas.

também podem expressar uma lógica de produção característica do circuito superior marginal.

Destacamos assim como exemplo dois empreendimentos comerciais formados por grupos empresariais de âmbito local com grande capacidade de venda e distribuição das lojas. A partir de uma análise enquadrámos a firma Caravagio Calçados – Eireli- Epp, conhecida com o nome fantasia Trier calçados e a firma Alpafa negócios e empreendimentos Ltda que compreende a indústria de vestuário e o comércio lojista denominado Dieguez como circuito superior marginal.

A empresa Chartres/Trier inaugurada em 1990 é uma empresa familiar gerida por um conjunto de irmão sócios (Hilário de Carvalho, João de Carvalho e Carlos Eduardo de Carvalho, este último sendo presidente da CDL no biênio 2003/2004) que se divide entre os ramos de vestuário, calçados e acessórios de cama, mesa e banho. Só na área central possui seis lojas, três delas localizadas na Avenida José Alves de Azevedo, nas proximidades da Rodoviária Roberto da Silveira, duas na Rua João Pessoa e uma na Rua Lacerda Sobrinho. Fora da área de estudo ainda possuem lojas na Avenida Pelinca, Shopping Boulevard e outra no município de Rio Das Ostras e Itaperuna. Essa rede de lojas emprega mais de 120 funcionários só na área de estudo e utiliza um controle de estoque através de redes de informática, possui crediário próprio e possibilita o cliente a começar a pagar o crediário 60 dias após a compra sem nenhuma taxa de juros.

A Dieguez, uma rede local de lojas especializada na venda e produção do vestuário e acessórios masculino e feminino, possui 11 lojas, sendo 5 delas localizadas na área central (Rua Santos Dumont, Central Plaza shopping, Campos Shopping, Rua João Pessoa e Teotônio Ferreira de Araujo) e outras quatro em municípios como Macaé, São João da Barra, Cabo Frio e Nova Iguaçu. A Dieguez ainda conta com duas fábricas próprias de fabricação de roupas, sendo uma delas localizada no distrito de Ibitioca, que distribuem, lavam e realizam reparos para mais de 1.490 lojas de todo o país, segundo informações do site da empresa<sup>53</sup>.

Já as atividades relacionadas ao circuito inferior na área central de Campos devem ser compreendidas a partir do processo de modernização do seu espaço. As próteses instaladas no espaço urbano, produzem diferenças qualitativa e quantitativa nas formas de

---

<sup>53</sup> Disponível em < <http://www.dieguez.com.br/amarca/>>. Acesso em 12 de outubro de 2016.

produção e consumo e revelam um processo de segregação socioespacial e a consequente reconfiguração do espaço da cidade.

A presença do circuito inferior da economia urbana reside fundamentalmente nesta capacidade do meio construído em abrigar situações menos geradoras de lucro, ou seja, menos capazes de conferir valor aos seus produtos (SILVEIRA, 2004).

A expansão do circuito inferior, em especial as microatividades, deve ser compreendida a partir dos elementos constituídos historicamente<sup>54</sup> que levaram a centralidade comercial e as mudanças na economia e sociedade entre o final da década de 80 e início de 90. A elevação da receita pelos *Royalties* e participações especiais também contribuiu para a expansão dos dois circuitos na área central, no entanto, constatou-se que o poder público privilegia as franquias do circuito superior, inserindo elementos estruturais em sua proximidade. É bom destacar que é o circuito inferior, que abrange desde o comércio lojista até as microatividades são os grandes fornecedores de mão de obra na área central.

O acesso desigual aos bens e serviços retrata bem a estruturação da cidade onde persistem as desigualdades sociais, visto que apenas uma parcela da população consegue inserção privilegiada nas atividades intensas em organização e tecnologia, dedicando-se assim a atividades pouco modernas e capitalizadas.

O antagonismo entre um circuito moderno, conhecido como superior e outro não moderno<sup>55</sup>, denominado inferior acaba por produzir uma organização territorial e social seletiva que se perpetua na cidade e em especial no Centro. O Centro acolhe de maneira mais significativa os elementos do circuito inferior, embora essas atividades também se localizem em outras partes da cidade.

A sociedade inserida nesse contexto passa a ser dividida entre aqueles que têm acesso às mercadorias e serviços que necessitam, e entre aqueles que têm a mesma necessidade, mas não tem como satisfazê-la devida à insuficiência renda e acesso ao trabalho ou emprego de forma perene, conforme aponta Santos (2004).

---

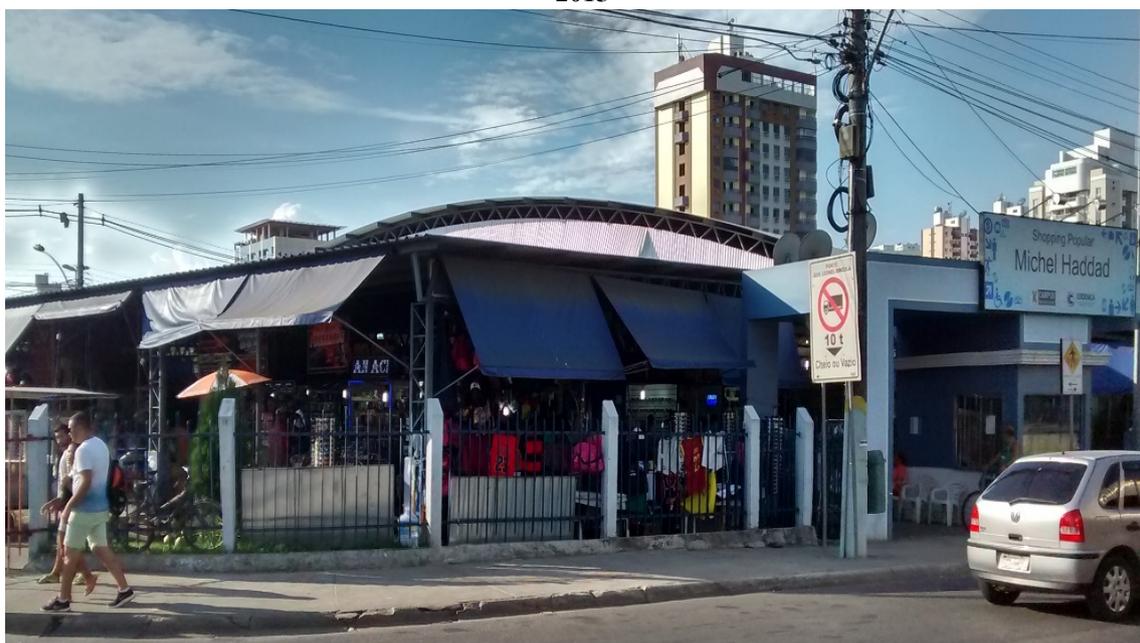
<sup>54</sup> Ver Item 1.1 – Processo de formação do centro Histórico de Campos dos Goytacazes e o item 1.2 – reformas urbanas e o comércio popular.

<sup>55</sup> De acordo com Santos (2009) devemos evitar o dualismo na análise dos circuitos da economia urbana, pois os dualistas, quando estudam os países em desenvolvimento, esperam encontrar uma oposição entre um setor desenvolvido de ações racionais e outro setor não desenvolvido e sem articulação com ações arcaicas. Não existe apenas uma racionalidade econômica, existem diversas e por isso não sendo adequado o termo informal para definir o circuito inferior.

As camadas sociais excluídas do processo econômico contemporâneo não têm acesso a um conjunto variado de mercadorias modernas, e são obrigados a consumirem esporadicamente produtos industrializados, normalmente de qualidade inferior, produzidos por pequenas empresas ou via endividamento conforme vem apontando Silveira (2009).

Com estes argumentos podemos dizer que o circuito inferior é resultado do acontecer solidário. Para Silveira (2007), o acontecer solidário ocorre quando a simultaneidade e inter-relação abriga, como nunca antes, uma oposição. Ou seja, o circuito inferior tem sua origem indiretamente ligada à modernização tecnológica, apresentando uma relação de dependência e ao mesmo tempo de contradição com o circuito superior. Um exemplo claro dessa inter-relação no município de Campos foi a expansão do comércio de eletrônicos exercido por camelôs nos anos 1980 e 1990 e consolidado no governo Garotinho com a construção do Shopping popular Michael Haddad que foi removido recentemente para uma área provisória para reformas (Figura 9).

**Figura9 – Estrutura provisória do Shopping Popular Michael Haddad visto do Mercado Municipal – 2015**



**Fonte:** Pesquisa de Campo; Foto do próprio autor, 30 dez.2015.

O comércio do Shopping popular Michael Haddad e do mercado municipal caracteriza-se, sobretudo pelo perfil da população oriunda das áreas menos abastadas da cidade. Esta população procura consumir produtos mais baratos e com certa qualidade, e encontra essas características nos produtos vendidos nessa parte do centro.

Estes espaços destinados ao comércio popular, foi criado pelo poder público para que as microatividades do circuito inferior, antes dispersas pelas calçadas pudessem realizar suas relações comerciais. No governo da prefeita Rosinha Garotinho (2012-2016) devido as reformas do Centro, o antigo Shopping popular Michael Haddad foi demolido e transferido provisoriamente da Rua Barão do Amazonas para a Avenida José Alves de Azevedo, no interior do Parque Alberto Sampaio. No novo espaço institucionalizado pelo Estado, além dos antigos permissionários, as pequenas atividades que antes estavam localizadas nas calçadas do Boulevard Francisco de Paula, na Praça São Salvador em frente a agência dos Correios e no terminal de desembarque, locais de intenso fluxo de pessoas, foram redirecionadas para este novo espaço, que recebe diversas críticas e se tornou motivo de manifestações dos permissionários pela dificuldade do acesso e redução das vendas.

As localizações destinadas ao circuito inferior indicam os conflitos na organização do espaço urbano, o grau de capital das atividades econômicas e as relações que este subsistema estabelece com as populações da própria cidade.

Ao observar as microatividades localizadas na área central, verifica-se que a publicidade dessas atividades é quase nula, a divulgação se dá pelo “boca a boca”, em relação a incorporação dos objetos técnicos, o mais disseminado são os terminais de serviço de cartão de crédito, utilizados principalmente pelos permissionários do Shopping Popular Michael Haddad, no entanto, o que predomina são vendas à vista<sup>56</sup>.

No que se refere as mercadorias e insumos, os produtos comercializados advém do estado de São Paulo, indicando uma tendência que se repete em outras partes do país e que resulta diretamente das novas possibilidades de fluidez das mercadorias. No shopping Popular encontramos um ambiente especializado na venda de eletrônicos sem uma autorização do fabricante.

Além do “camelódromo”, popularmente conhecido na cidade, e do Mercado Municipal, o centro ainda evidencia a forte presença de outras atividades de baixa produtividade ligadas ao circuito inferior da economia. Dentre elas ganha destaque as lojas localizadas nas ruas João Pessoa (Figura 10) e Barão do Amazonas e as microatividades

---

<sup>56</sup> Esta afirmação deriva da fala de um permissionário do shopping Popular Michael Haddad. Ele informa que a venda no cartão faz o lucro do seu produto diminuir, pois terá que pagar as taxas referentes ao uso da máquina. Dessa forma, preferem dar um desconto ao cliente para o pagamento à vista.

do ramo alimentício, representadas por carrinhos de pipoca, churrasco, churros, milho cozido e água de coco<sup>57</sup>.

**Figura 10 – Rua João Pessoa vista pela Rua Lacerda Sobrinho**



**Fonte:** Pesquisa de Campo; Foto do próprio autor. Vista da Rua João Pessoa no sentido da Avenida José Alves de Azevedo/23 dez. 2015.

Em relação ao comércio Lojista de cunho popular, é facilmente encontrado nas ruas próximas ao Mercado Municipal. Nestas ruas estão inseridas lojas que comercializam produtos de baixo valor agregado e com utilização de 2 ou 3 funcionários por estabelecimento comercial. Vale destacar também que encontramos nestas ruas elementos do circuito superior.

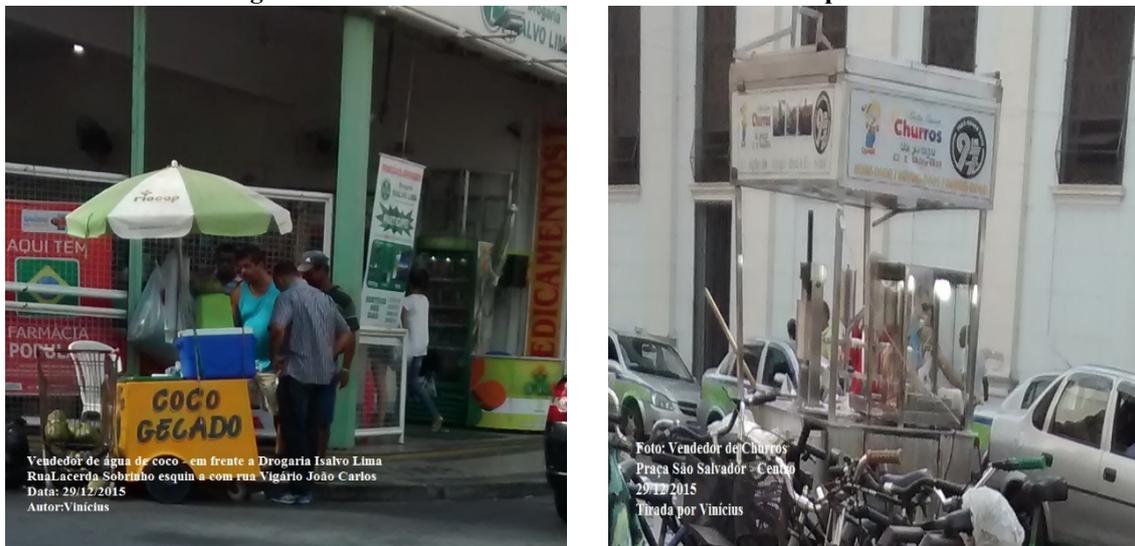
Aliás, Santos (2009) já havia destacado que a pulverização das atividades econômicas é uma característica essencial do circuito inferior. Assim, em Campos dos Goytacazes, diversas microatividades abrigam apenas um funcionário, que pode ser o proprietário, algum parente ou funcionário esporádico que recebe por dia trabalhado.

---

<sup>57</sup> Foram aplicados junto as microatividades ligadas ao ramo alimentício 27 questionários entre os dias 20/06/2016 e 22/06/2016.

Nesses estabelecimentos o que predomina é o trabalho intensivo, sem o respaldo das leis trabalhistas e baixa incorporação de capital, já que comercializam produtos de baixo valor agregado como biscoitos, churros, milho, pamonha e pipoca (Figura 11).

**Figura 11 – Microatividades na área central de Campos - 2015**



**Fonte:** Pesquisa de Campo; Foto do próprio autor; Foto da direita - Vendedor de água de Coco na Rua Lacerda Sobrinho e à esquerda vendedor de Churros na proximidade da Praça São Salvador/29 dez. 2015.

Antes do processo de reforma do espaço central em 2012, podíamos encontrar uma grande diversidade de microatividades pelas praças e calçadas. Muitas delas foram realocadas para outras partes da cidade, mas ainda é possível encontrar algumas comercializando em pontos determinados pelo poder público como mostra o Quadro 5.

**Quadro 5– Microatividades e localização no Centro.**

<b>Atividade</b>	<b>Número de vendedores</b>	<b>Localização</b>
Pipoca	11	- Praça São Salvador -Avenida 15 de novembro - 13 de Maio - Rua Santos Drumont -Rua Teotônio Ferreira de Araújo - Terminal de desembarque viário
Churros	3	- Praça São Salvador - 15 de Novembro
Milho	2	- Praça São Salvador -Rua Santos Drumont
Churrasco	4	- Mercado municipal - 15 de Novembro
Biscoito	1	- 15 de Novembro
Água de coco	7	- Praça São Salvador - Avenida Alberto Torres - 13 de Maio - João Pessoa - Lacerda Sobrinho - Teotônio Ferreira de Araújo
<b>Total</b>	<b>27</b>	-

**Fonte:** Pesquisa de Campo realizada por Vinícius Féres, jun. 2016.

Após entrevistas com esses trabalhadores autônomos podemos caracterizar um perfil dos vendedores, a faixa etária dos trabalhadores situa-se entre 30-45 anos, 32% dos 27 entrevistados afirmaram ter procurado emprego com carteira assinada antes de tornarem-se vendedores ambulantes, apenas 4 atividades eram desempenhadas por mulheres: pipoca (2), água de coco (2), desses trabalhadores 8% possuem o ensino médio completo, 12% ensino médio incompleto, 32% possuem fundamental II completo, 26% Fundamental II incompleto, 14% fundamental I completo, 15% fundamental I incompleto e 3% sem estudo. Também verificou-se que nenhum desses trabalhadores possuem empregados fixos com carteira assinada, quando precisam sair para resolver alguma coisa algum parente (filho, esposa, marido ou sobrinho) é quem “toma conta” do carrinho ou contratam um trabalhador para o dia.

No Centro ainda existem uma imensa variedade de atividades econômicas praticadas pelos trabalhadores excluídos do circuito superior como vendedores de bala

dentro dos ônibus, vendedores de pano de saco nos sinais de trânsito e os flanelinhas, uma figura comum que compõe o universo do circuito inferior na área central. Esse grupo de trabalhadores, geralmente vistos como “inconvenientes” pelo poder público e população, veem nessa atividade uma forma de trabalho, que fornece recursos diários utilizados para o sustento próprio ou da família. Um ponto de flanelinhas analisado na área central de Campos mostrou a existência de uma estrutura capaz de fornecer trabalho, mesmo que precarizado. O ponto em questão possui um proprietário que contrata outros três flanelinhas para trabalhar pagando uma porcentagem (30%) do que foi arrecadado por eles no dia. Segundo os entrevistados, eles não possuem o interesse de trabalhar com a carteira assinada, pois o que recebem no mês como flanelinhas é muito mais que o salário mínimo.

Verifica-se como essas atividades são geradoras de renda para parte dos grupos sociais e como as políticas públicas, seja de formalização ou de intervenções urbanas modificam o espaço urbano e a dinâmica dessas atividades.

Sendo assim, este capítulo trará importantes contribuições, particularmente, para os estudos urbanos. Ao focalizar o Centro, nos apresenta a diversidade das atividades e da sociedade urbana em toda sua plenitude. Examinamos a seguir a evolução de algumas das vias para apreciar as metamorfoses na qual cada uma foi submetida ao longo do tempo.

## **2.2 – As ruas do Centro e os circuitos da economia urbana**

Após analisar a área central a partir da teoria dos circuitos da economia de Milton Santos, fizemos um inventário das características das principais ruas do Centro Histórico que desde sua origem permanecem como concentradoras de atividades comerciais e prestadoras de serviços, como também outras ruas que pelos interesses dos agentes econômicos se tornaram grande concentradoras de atividades terciárias.

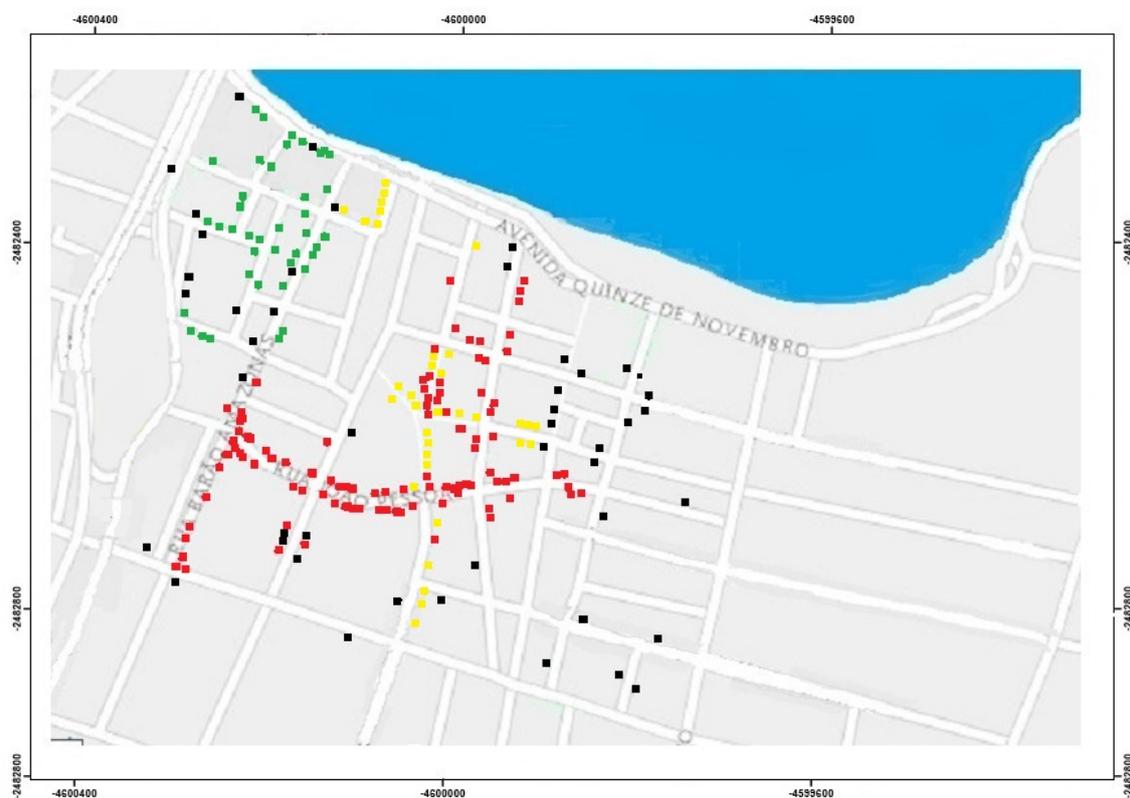
Outro elemento de destaque na área central é um processo de especialização das ruas em determinadas atividades comerciais como, vestuário e calçados entre as ruas João Pessoa, Barão de Miracema, Theotônio Ferreira de Araújo e Lacerda sobrinho, as franquias nacionais não locais, localizadas com maior incidência no Boulevard Francisco de Paula e no central Plaza, os estacionamentos localizados em pontos estratégicos de maior movimentação e prestação de serviço de manutenção de eletrodomésticos e eletrônicas nas proximidades da Igreja Boa Morte ( Mapa 7).

Mapa 6 – Atividades comerciais da área central de Campos dos Goytacazes - 2017



Fonte: Dados obtidos por Vinícius Féres em atividade de Campo realizada entre os anos de 2015 e 2017  
Autor: Mapa desenvolvido por Carolina Cidade a partir dos dados coletados, 2017.

Mapa 7 – Especialização comercial na área central de Campos dos Goytacazes - 2017



**Especialização comercial nas ruas do Centro de Campos dos Goytacazes**



- Vestuários e calçados
- Eletrônicos e consertos de eletrodomésticos
- Estacionamento
- Franquias não Locais ( Nacionais e internacionais)

Fonte: Base de dados Arcgis online  
Autor: Vinicius Féres

Fonte: Dados obtidos por Vinicius Féres em atividade de Campo realizada entre os anos de 2015 e 2017  
Autor: Mapa desenvolvido por Carolina Cidade a partir dos dados coletados, 2017.

## Rua João Pessoa

Começaremos com a Rua João Pessoa, conhecida até a Revolução de 1930 como Rua do Conselho. No final do século XIX e início do XX já era uma das ruas mais comerciais da cidade, predominava aqui uma especialização de casas de compra e venda de joias que segundo Sousa (2014) fez com que essa rua pudesse ser chamada popularmente de Rua dos Ourives<sup>58</sup>.

Em um levantamento realizado por Alves (1995) nos jornais locais como monitor campista e Jornal do comércio, além dos ourives e relojarias a Rua João Pessoa possuía um comércio diversificado como nos mostra o quadro 6.

**Quadro 6 - Atividades comerciais na Rua João Pessoa no final do século XIX e início do século XX**

Proprietário	Atividade comercial	Ano
Rocha e Gomes Domingues	Compra e venda de artefatos de couro e artigos de Montaria	1900
Vieira e cia ; Bruno de Azevedo	Comércio de Armario, Fumo e outros artigos.	1901
Benedito Fernandes	Comércio de Frutas e vidros	1898
Albino Joaquim	Comércio de Couro e artigos concorrentes a este ramo	1900
Joaquim Pinto Sampaio	Casa e comércio de Drogas	1899
Francisco Muniz e Cia	Compra de secos e molhados	1900
Nilo Wagner	Comércio de Fazenda	1930

Fonte: Alves, 1995

Dados organizados por Vinicius Féres, 2017.

Como podemos verificar, no início do século XX também estavam inseridos nessa rua estabelecimentos comerciais ligados ao comércio varejista de produtos de couro, frutas, vidros, armarios, secos e molhados e drogarias.

---

<sup>58</sup> No ano de 2016 existe nesta Rua apenas a Loja Cledemilce Joias responsável por comercializar produtos de ouro, prata e bijuterias.

Mais de um século depois a Rua João Pessoa continua predominando uma função comercial, ainda algumas lojas de meados do século XX existem nessa rua<sup>59</sup>. Por outro lado, as casas de joias foram substituídas, por um comércio bem diversificado, especializado na comercialização de vestuário e calçados atendendo principalmente as classes menos abastadas e média como nos mostra o quadro 7

**Quadro 7 - Atividades comerciais da Rua João Pessoa no ano de 2016**

Ano	Nome do estabelecimento	Ano	Nome do estabelecimento
	<b>Estacionamento</b>	2014	Fashion bijuterias
2007	EDR Soluções empresariais	1999	Adereços moda feminina
2008	Novo conceito administração de condomínios	1996	Chartres Roupa infantil
2008	Kamalli Modas	1996	Microatividade água de coco
2015	Brazão plásticos	2011	Marisa
2012	Beta Brasil acessoria Eireli	2015	Rosa Charme
1998	Mafua's Bar e restaurante		Dentista popular
1994	Papelaria Stamp		Chartres ponta de estoque
2002	Realce Biquines	2011	Lanchonete Bom lanche
	Banco do Brasil	2000	Ponto e linha
1975	A Gordinha moderna	2001	Cintilante joias
2010	Desejo lascivo sex shop	2006	Gabi bolsas e acessórios
2001	Saul Modas	2016	Barral calçados
2006	Sol lua moda íntima		Da casa financeira
1983	Citycol	1979	Versate tecidos
1994	Casa Jamil	1982	Super show fashion
2010	Feira Livre Home	1967	Imperatriz dos tecidos
1979	Cartório de notas do 5º ofício	1970	Relojoaria fluminense
1997	Chicri calçados	1995	Dream jeans
	Losango financeira	2008	Clube carioca
1995	Diegues	1992	Use jeans loja da fábrica
	Casa lotérica casa da fortuna	2007	Belíssima

<sup>59</sup> São os casos das Lojas a Feira Livre, A imperatriz dos tecidos, AP Roupas e Versate Roupas, cama, mesa e banho.

1972	A Feira Livre	2010	Mistura feminina
1990	Tribeer confecções	2015	Loja 3 b Boa, bonita e barata
2004	Pik Lino	2012	Farmácia do trabalhador do Brasil
1969	A p Roupas	1988	Casas Mothé armarinho
2011	Isabelle modas	2007	Vitória fashion
2004	Carrinho de Pipoca	2006	Cinderela modas
2015	Cheias de charme	2016	Capitu moda plus size
1979	Versate	2006	Julio's confecções
2000	Óticas precisão	2000	Moderna Utilidades domésticas
2006	Sabor central	2010	Empada princesa
1997	Trier calçados	2004	Casas Bahia
2014	A morena for gril	1981	Laço de fita
2012	Super baby	2015	Loja de bijuterias
2004	Raquel modas	2013	Toda carioca
2013	Elloin Fashion	2011	Keko kids
2010	Cantinho da criança	-	Dentista popular
-	Estacionamento	-	Dentista popular

Fonte: Dados obtidos na pesquisa de Campos realizada por Vinícius Féres no mês de Setembro de 2016

Através dos dados obtidos pode-se chegar a algumas conclusões sobre a Rua João Pessoa na sua extremidade entre as Ruas Barão de Miracema e Marechal Floriano possui 80 estabelecimentos comerciais dentre eles estacionamentos, lojas de vestuário, confecções, prestadores de serviços como cartório, financeiras, agências bancárias e dentistas populares. Estes estabelecimentos empregam juntos 329 funcionários<sup>60</sup>, 58 destes estabelecimentos comerciais estão em prédios alugados e apenas 1 não aceita pagamento via máquinas de cartão. Com uma estrutura comercial consolidada e sendo capaz de gerar uma grande circulação de capitais e de pessoas, vale destacar que o grande movimento dessa rua vai da Barão de Miracema até a Rua Teotônio Ferreira de Araújo, dessa

<sup>60</sup> Esse número se torna maior por alguns estabelecimentos onde não foram realizadas entrevistas como bancos, financeiras, cartório, consultórios dentários e escritórios de profissionais liberais.

transversal até a Rua Marechal Floriano os estabelecimentos comerciais são escassos e de menores proporções contrastando com uma função residencial da via.

O grande movimento desta via é explicado como resultado da sua proximidade com a Rodoviária Roberto da Silveira, local de embarque e desembarque de linhas viárias vindas dos distritos de Campos dos Goytacazes<sup>61</sup>.

O comércio estabelecido na João Pessoa, verificamos também alguns estabelecimentos pertencente a redes ou que relacionam-se a produtos menos populares nesta rua, como a Marisa, a Chartres bebê, AP Roupas, A Feira Livre brinquedos, A Feira Livre Home, Diegues e a Chicri Calçados.

Outro ponto a se destacar aqui é a existência dos agentes financeiros. Agências do banco do Brasil, uma lotérica da Caixa econômica Federal e duas financeiras mostra como o circuito superior, em especial os fornecedores de crédito estão inseridos em um ambiente propício ao circuito inferior com o objetivo principal de abastecer as classes menos abastadas por seus anseios de consumo (SILVEIRA, 2009).

Em relação as lojas de vestuário tradicionais como Cinderela modas, Belíssima e clube Carioca as entrevistas mostraram que está ocorrendo uma mudança na forma de organização da exposição dos produtos. Essas lojas segundo os entrevistados tinham como característica a venda de roupas em tabuleiros, onde as roupas ficavam desorganizadas, amassadas e com preços baixos e os clientes escolhiam no meio da pilha o que os agradavam. No entanto, estes estabelecimentos perceberam que o mercado e os clientes, mesmo sendo de uma classe menos abastada se tornaram exigentes, e assim havendo uma transformação na dinâmica das lojas, hoje os vestuários são expostos em araras e mostruários que chamam a atenção dos consumidores. Algumas lojas como Rosa Charme, Cheias de charme e Capitu já foram inauguradas usando essa nova forma de organização de loja e com uma estrutura mais elaborada, com ambiente agradável e refrigerado.

Outro ponto a se destacar na Rua João Pessoa é a difusão do número de lojas de bijuterias e lanchonetes (esta última já em reduzido número) administradas por Chineses que no início do século XXI vieram para a cidade em busca de melhores condições de vida. Nesses estabelecimentos são comercializados produtos de baixo valor agregado, de

---

<sup>61</sup> Entrevista com o ex presidente da CARJOPA Eduardo Chacur no dia 14/11/2016 pelo repórter Aloysio Balbi site <https://www.censanet.com.br/noticia/3897>

qualidade inferior e preços baixos. Por outro lado, são lojas que pelo intenso movimento demandam uma grande quantidade de mão de obra empregada dividida em caixas, atendentes, embaladores de mercadoria, gerente e olheiro de mercadorias.

### **Avenida Alberto Torres**

A Avenida Alberto Torres (Figura 12 ) conhecida no período de sua formação em 1835 como Rua da Constituição, era uma via sem muito movimento, mas com o passar do tempo foi recebendo melhorias se tornando no começo do século XX uma das ruas mais movimentadas, uma artéria da cidade onde foi edificado o fórum, a policlínica, a maternidade, a Igreja Boa Morte, o Club Macarroni (CARVALHO, 1991) e as firmas Moraes Nogueira, comércio de Aguardente e Alfredo Carneiro, Importação e exportação de comércio de Armarinho. (ALVES,1995).

**Figura 12 – Avenida Alberto Torres com vista da Igreja Boa Morte no século XIX**



Fonte: Disponibilizado por Rodrigo Cordeiro, ex funcionário do monitor Campista

No século XXI, a Avenida Alberto Torres continua sendo uma importante via da cidade de Campos dos Goytacazes, ligando o Centro a Bairros como Parque Leopoldina, Pecuária, Nova Brasília e Parque Rodoviário.

Hoje a Avenida Alberto Torres possui uma diversidade de estabelecimentos comerciais, em seu início, nas proximidades da Praça São Salvador está o Central Plaza que inseriu alguns comércios modernos a área central de Campos. Um pouco mais adiante, encontramos lojas com grande tradição na cidade especializadas na venda de produtos elétricos para residência, eletrônica, floricultura e manutenção de eletroeletrônicos.

A especialização comercial em áreas na cidade já foi estudada por CORREA (1995). Trazendo para a realidade de Campos dos Goytacazes podemos observar esta especialização comercial como um movimento que leva as atividades a se localizarem juntas apesar de não manterem uma relação entre si, a princípio. No entanto, esse conjunto de lojas criam um monopólio espacial atraindo consumidores a procura desse tipo de produto comercializado. Para atender a demanda por serviços em eletroeletrônicos, no entorno da Igreja Boa Morte se estabeleceram diversas autorizadas de marcas como Philips, Gradiente e LG, como também eletrônicas especializadas na venda de componentes eletrônicos como transistor e placas.

Além dessa especialização é possível encontrar nessa rua outras atividades comerciais como exposto no quadro abaixo:

**Quadro 8– Atividades comerciais na Rua Alberto Torres no ano de 2016**

Ano	Nome do comércio	Ano	Nome do comércio
-	Secretaria de Estado de Fazenda	2006	Netpress impressão digital
1993	Drogaria Cristal	-	Bar
1994	Dobra e fecha	-	Vivo
1984	Mundo elétrico	1974	Campos eletro peças
1991	Só Moto	2009	Empada carioca
	Balcão SEBRAE	1990	Campos eletro antenas
1975	Eletrônica Escudine	2012	Elma Noivas
1993	Campos óleo	1989	Unibone uniformes
2015	Milla lanches	2013	New Miss
2012	JE material elétrico e hidráulico	2016	Sonho dos pés
1997	Luk Material elétrico e hidráulico	1978	Boutique de doces carioca
2014	Planeta celular	2005	Eletrônica oriente tec
1982	Stone Cabelereiro	2001	Centro elétrico
1992	Floricultura Tainá	2006	Cosmética, cabelo e pele
2001	Centro elétrico	2010	Mei Mei bijuterias
2006	Cosmética, cabelo e pele	1976	Chaveiro Avenida
2016	Luminárias e cia	1999	Foto Art
2003	Couro mania	2003	Restaurante Amazonas
2000	Óticas precisão	-	Central Plaza shopping
2015	MS celulares	-	

Fonte: Dados obtidos através de atividades de campo realizado por Vinícius Féres em Setembro de 2016

Esta parte da Avenida Alberto Torres possui 36 estabelecimentos comerciais, a Secretaria Estadual de Fazenda, o balcão SEBRAE e o Central Plaza Shopping<sup>62</sup>,

<sup>62</sup> Como já analisado anteriormente, o Central Plaza Shopping possui diversas redes comerciais de cunho nacional, local e até mundial

totalizando 39 estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços. Dessa totalidade, quase 40% são prédios alugados, 100% utilizam terminais de cartão e empregam 110 funcionários.

A primeira fase de reforma do centro histórico realizado pela prefeitura de Campos, consistiu na retirada das microatividades ligadas ao fornecimento de alimentos rápidos e baratos como Hot Dog, Hambúrgueres e salgados das calçadas da Alberto Torres e foram alocadas nos quiosques embaixo do viaduto Leonel Brizola na Avenida José Alves de Azevedo.

Outro destaque comercial dessa via é o Central Plaza que trouxe junto com sua instalação diversas redes comerciais com grande influência nacional como as Lojas Americanas, O boticário, Word Tênis, Bob's e a Hering.

### **Rua Barão de Amazonas**

Com a vitória alcançada na Guerra do Paraguai, a Rua do Alecrim passou a ser denominada Rua Barão de Amazonas, ligada a Rua do Conselho, da Constituição e Formosa, era considerada uma rua de grande movimento, possuía o teatro casa da ópera, a estação de saneamento, mercado Municipal, Igreja presbiteriana, o Hotel Amazonas (SOUSA, 2014), a firma Caldeira da Cruz, especializados na compra e venda de gêneros alimentícios e José Ventura Loiro, casa de comércio de Fazenda (PINTO,1985).

A Rua Barão de Amazonas é paralela à praça São Salvador partindo da Avenida 15 de Novembro e faz entroncamento com a Avenida Alberto Torres, a Rua Dr. Inácio de Souza, a Rua Vigário João Carlos, a Rua João Pessoa até chegar a Rua Tenente Coronel Cardoso, antiga Formosa.

Na atualidade esta rua em toda a sua extensão possui um comércio bastante popular ligado ao circuito inferior da economia urbana. O trecho de maior movimento de pessoas é compreendido entre as Ruas Tenente Coronel Cardoso e João Pessoa, responsável por abrigar no lado esquerdo da via o mercado municipal e o Shopping Popular Michael Hadaad que se encontra em fase final de reforma. No lado direito da via, estão localizadas lojas como Recopel, Fripel, Marcela Bijuterias, Centropel, Paraíso do Jeans, Super show Bijuterias, Super Jovem Moda e Calçados, Drogaria Silveira, Farmácia Popular, Drogaria Tamoios, Loja Claro, Condor de Ouro, Samuel Atacado e Varejo, Campos Farma e Atacadão Ki Doces.

“Subindo” a rua em direção à Avenida Alberto Torres, passando pelas ruas Joaquim Távora, Rua Vigário João Carlos e Dr. Inácio de Moura, surge uma especialização das lojas no ramo de painéis, peças para fogão, consertos de painéis (desamassar, troca de borracha e pino de pressão) e vendas de chapas como também de outras atividades como roupas e sapatos populares masculino, feminino e infantil. Além dessa especialização encontramos na rua estacionamentos e hotéis populares para as pessoas que estão de passagem como o hotel Opção, o Verona, o Amazonas, o Hotel Plazza e o Diferente hotel.

A Rua Barão de Amazonas possui 73 estabelecimentos comerciais, 37 estão em prédios alugados, 3 destes comerciantes, especializados na venda e manutenção de celulares tinham suas atividades no antigo shopping popular Michael Hadaad. No entanto, pelo baixo movimento no prédio provisório na Avenida José Alves de Azevedo, os proprietários preferiram alugar pontos comerciais próximo ao antigo Shopping Popular e manter a proximidade com seus clientes.

### **Boulevard do Comércio**

Ao longo do tempo a rua 13 de Maio recebeu diversas nomenclaturas como Rua Direita, Rua 1º de Março, Rua São Francisco e Rua dos Mascates. Por sua posição topográfica, a rua Direita sempre teve a primazia, sempre requestou a predileção do povo, atraindo-os para os seus tortuosos e irregulares quarteirões (SOUSA,2014).

Em 1891 foi feito o calçamento desde a frente da Igreja de S. Francisco até a esquina da rua J. Patrocínio, e em 1920 o prefeito Sobral fez continuar o calçamento até a rua Carlos de Lacerda, e o infatigável prefeito Bruno de Azevedo construiu o magnífico calçamento a paralelepípedos até à rua Goytacazes (CARVALHO,1991).

Segundo Sousa (2014), nessa rua se encontram: “Igreja do Carmo, Automóvel Club, Igreja de S. Francisco, Instituto Comercial, Loja maçônica Fraternidade Campista, Sociedade União Artística Beneficente, Estação Telefônica, Montepio Beneficente, Redação do «Monitor Campista» Sindicato dos Comerciantes Varejistas, Teatro Trianon, Instituto do Café, Redação da A Gazeta, Lyra Guarany, Correio, Redação do O Dia,

Confiserie Trianon, Café Hyg-Life<sup>63</sup>, Café Lord, Café Club, Teatro Orion” e a Loja Moulin Rouge de Arthur Rockert ( Figura 13)

Figura 13– Propaganda da Loja Moulin Rouge Monitor Campista



Fonte: Acervo pessoal de João Pimentel.

Além dos estabelecimentos mencionados acima, esta rua apresentava uma diversidade de estabelecimentos comerciais ligados ao ramo de secos e molhados, casas de Fazenda, casa de ferragens, armarinho e alfaiataria que atendiam a demanda dos consumidores mais requintados da cidade de Campos dos Goytacazes, como nos mostra o quadro 9

<sup>63</sup> Fundado em 1926, de propriedade de Olyntho Póvoa com suas mesas cobertas de mármore e suas cadeiras austríacas forradas de palhinha, onde a elite, em especial, os homens de negócio sempre bem vestidos realizavam seus negócios. (CARVALHO,1991)

**Quadro 9 – Atividades comerciais da Rua 13 de Maio no final do século XIX e início do XX**

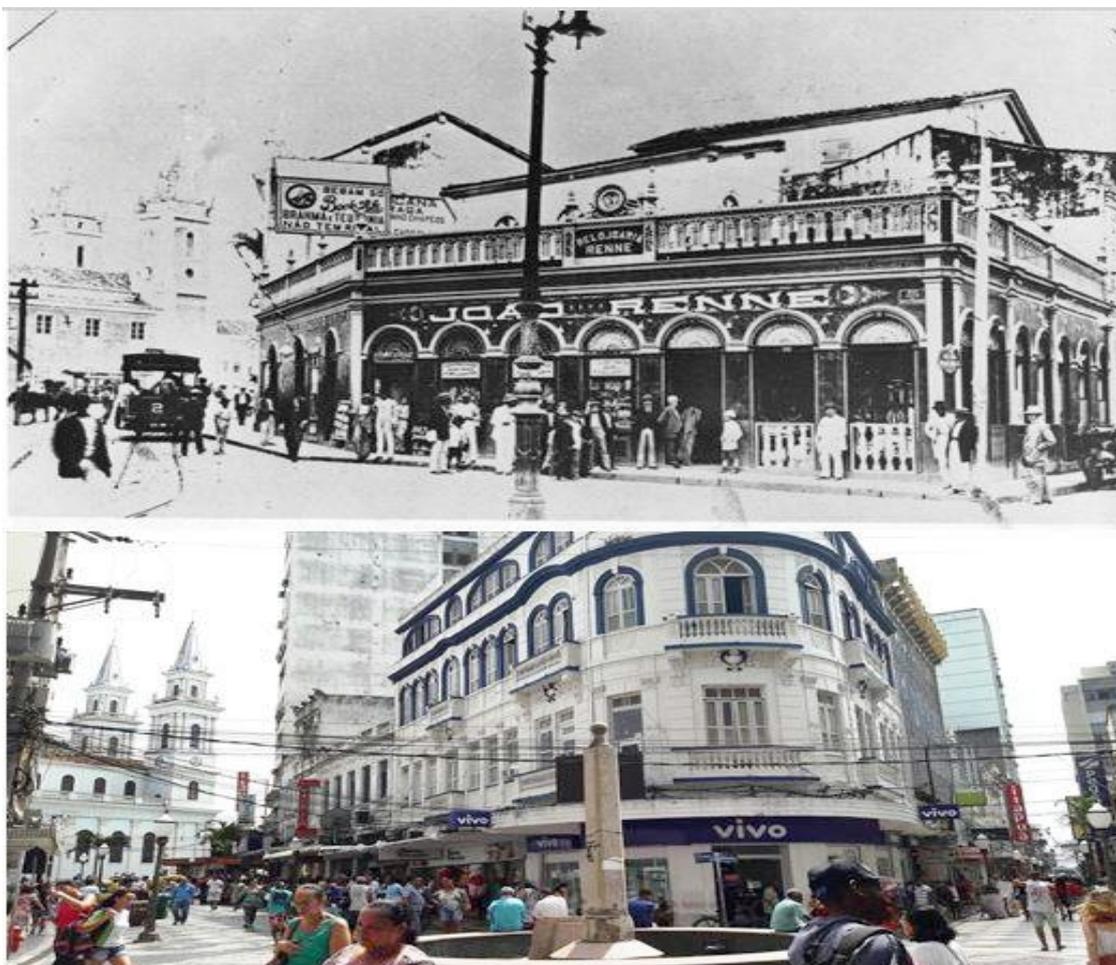
Comerciante	Nome da Rua	Tipo de comércio	Ano de inauguração
João Ribeiro de Queiroz	13 de Maio	Casa de comércio de Molhados	1892
João Rodrigues Viana	13 de Maio, 46	Casa de comércio de ferragens	1892
João Amado de Aguiar Filho	13 de Maio	Casa de fazendas por atacado e varejo	1892
Manoel de Souza Machado	13 de Maio	Casa de Molhados por atacado e varejo	1892
Antônio Alberto da Silva Mota	13 de Maio	Comércio de móveis nacionais	1892
Antônio Teixeira Costa	13 de Maio	Casa de comércio de ourivesaria e relojoaria	1892
José Eugênio Alves Torres	13 de Maio, 67	Casa de comércio e armarinho	1892
Arthur Rochert	13 de Maio, 81	Casa de comércio de Machinas de costura Moulin Rouge	1892
Miguel Dias de Almeida	13 de Maio, 76	Casa de comércio de calçados	1892
Ernesto Gomes leite	13 de Maio	Casa de molhados por atacado e varejo	1892
Admardo Alves torres	13 de Maio, 67	Casa de comércio de armarinho	1892
Antônio Rodrigues Ferreira	13 de Maio	Comércio de ferragens por atacado e varejo	1892
Pedro Lopes Rangel	13 de Maio, 77	Comércio de Móveis	1893
João Ferreira de Castro	13 de Maio, 2 e 4	Casa de comércio de cal, sal e comissões	1893
Castro Leão e Irmão	13 de Maio, 35		1899
Olavo Braga	13 de Maio,	Casa de fazenda para atacado e varejo	1892

Jerônimo de Oliveira	13 de Maio,	Casas de comércio de secos e molhados e padaria	1892
Emílio de Souza Martins	13 Maio, 199	Comércio de secos e Molhados	1892
João Lobo dos Santos	13 de maio,33	Roupas feitas e oficinas de alfaiate	1900
Alberto Vigné	13 de maio, 64	Alfaiataria	1900
Rocha Barreto e cia Jo'se Antônio da Rocha	13 de Maio, 85	Comércio de couro, peles, arreios e artigos para sapateiro	1901
Souza Machado e Pinto	13 de Maio, 62	Comércio de secos e molhados	1901
Antunes Moreira e filho, Joaquim Faria Antunes. Farmacêutico José Augusto Maia Moreira	13 de Maio, 42	Farmácia de Homeopatia	1923
Fundada pela firma Marcos Bermam e cia passou para João Renée	13 de Maio	Joalheria Rennée	Fundada em 1850
Ferreira Machado e Cia	13 de Maio	Casa Santos Moreira	1882
Au Petit Parc	13 de Maio,	Fazenda e armarinho	1902
Beda e cia	13 de Maio, 54	Produtos de farmácia	
	13 de Maio, 10	Venda de rádios e tratares	1902

Fonte: Alves, 1995 e CARVALHO, 1991; Quadro organizado por Vinicius Féres, 2017.

A Rua 13 de Maio em seu entroncamento com as Ruas Santos Drumont e 7 de Setembro recebeu o nome por João Renée proprietário de um estabelecimento de ourivesaria e relojoaria Localizado na esquina entre as Ruas Santos Drumond e 13 de Maio de Boulevard Francisco de Paula (CARVALHO, 1991). Nessa faixa da cidade estava localizado as principais e mais chiques atividades comerciais da cidade, como também um local de encontro de negócios e moradia da elite.

Figura 14 – Relojoaria Renée final do século XIX e loja Vivo em 2017



Fonte: Esquina da 13 de Maio com Santos Drumont, fornecido por Rodrigo Cordeiro ex funcionário do monitor Campista

A Rua 7 de Setembro, segundo Sousa (2014) e Carvalho (1985, 1991) era uma das mais opulentas avenidas de Campos. “Em seu seio ela afaga o comércio chique, as vivendas mais graciosas, os jardins mais floridos. Seu aspecto é bom, agrada à vista, sente-se perfeitamente a suavidade do seu completo urbanismo que tem etapas diferentes, umas encravadas no bulício da parte central, outras reclinadas na doce quietude de um arrabalde perfumado pelas magnólias, rosas e jasmíns. Vê-se nela prédios muito bonitos, vestidos de uma arquitetura garrida que têm por espaldares o verde das copas vicejantes e por molduras as alfombras onde desabrocham os mais graciosos chrysanthemos” (SOUSA,2014) (Figuras 15 e 16).

**Figura 15 – Vista da Avenida 7 de Setembro século XIX**



Fonte: Acervo João Pimentel

**Figura 16 – Avenida 7 de Setembro Boulevard do Comércio século XIX**



Fonte: Acervo João Pimentel

Alguns estabelecimentos comerciais dessa Rua eram a espingarda Grande de propriedade da família Machado Viana, a Confeitaria Brasileira<sup>64</sup> de propriedade do português Sabino dos Santos, o Comércio de Antônio Joaquim Terra Passos proprietário de confecções para senhoras e alfaiataria de alta costura, a farmácia Bittencourt, Casa Dragão e casa dos 3 mil réis (SOUSA, 2014; CARVALHO, 1985 e 1991; ALVES, 1995).

Em relação a Rua Santos Drumond não foi encontrado muitos elementos históricos que nos mostre como eram suas características comerciais, sabemos apenas que sua localização privilegiada, inserida no Boulevard do Comércio lhe trazia uma importância para o desenvolvimento financeiro da cidade, possuindo alguns estabelecimentos comerciais ligados a alfaiataria e confeitaria (CARVALHO,1991, PINTO,1985, ALVES, 1995, SOUSA, 2014 e TEIXEIRA DE MELO, 1881).

Através de pesquisas exaustivas na bibliografia local encontramos algumas firmas que tinham suas atividades nessa rua como: Casa Rabelo, especializado no comércio de móveis modernos e tapeçaria fina de propriedade de Rabelo e filho; a Alfaiataria Silva<sup>65</sup> de propriedade de Domingos Silva; o Café Brasil fundado em 1904 por Antônio Dias Torres; a Farmácia Homeopática de propriedade de José Augusto Maia, a Casa Almeida de 1914 de propriedade de José Almeida Ribeiro, Casas Oliveira de 1916, a casa das sedas de Massaudy Curry e a Confeitaria Império.

---

<sup>64</sup> Preparada para receber os fregueses mais exigentes, um ponto de destaque no centro da cidade, um ambiente agradável de muito bom gosto (ALVES,1995).

<sup>65</sup> É conhecida em Campos e região o esmero que serve a sua numerosa e fina freguesia o estabelecimento do senhor Domingos Silva tido como uma das mais perfeitas tesouras da cidade (CARVALHO, 1991).

Figura 17 – Propaganda da Casa Rabelo na Folha do comércio



Fonte: SOUSA, Horácio. *Cyclo áureo*. Ed. Essentia, Campos dos Goytacazes, 2014

Ao longo do século XX o centro de Campos passou por inúmeras transformações, principalmente pelos sucessivos planos urbanísticos executados por Saturnino de Brito (1921) e a Firma Coimbra Bueno (1944). O centro ia se transformando, o setor açucareiro entrava em crise, a cidade se expandia e surgia novos bairros repletos de amenidades e características que atraíam os grupos sociais mais abastados a instalarem suas moradias.

O centro passa por uma ressignificação e deixa de ser o foco das melhorias, no entanto, continuou mantendo seu caráter concentrador das principais atividades comerciais e prestadores de serviços.

A formação de zonas de expansão da área central para bairros contínuos como a Pelinca e o Jardim levou a diversos autores locais a questionar sobre uma possível crise do Centro, alegando ser apenas um local de comércio popular e se seria capaz de se manter hegemônico frente a nova organização comercial imposta pelos agentes econômicos locais, regionais e mundiais.

Então, após uma análise das atividades comerciais da área central, em especial as localizadas no Boulevard Francisco de Paula conseguimos entender que o Centro está cada vez mais resistente e hegemônico na cidade, sendo um espaço do comércio popular, mas também de poderes históricos e de atividades do circuito superior, que atendem a públicos distintos.

Devemos pensar em alguns pontos para a compreensão desses processos. Primeiro: o preço dos imóveis da área central, o preço praticado nos alugueis que permanecem elevados e sendo ampliado a cada ano demandando cada vez mais uma parte vultuosa de capitais investido no meio construído, fora a prática de cobrança de luvas. Em segundo lugar, verificando os produtos vendidos nessas lojas, percebemos que consistem em possuir um valor agregado não muito acessíveis às camadas mais populares, por exemplo, a Dieguez comercializando calças femininas a partir de R\$ 200,00 reais, A Tifon, loja que possui uma filial no Shopping Boulevard com vestidos a partir de R\$ 250,00, Lojas de sapatos como Trier, Itapuã vendendo tênis de marcas multinacionais com valores que ultrapassam R\$ 700,00, restaurantes self services e lanchonetes praticando preços fora do padrão de um comércio popular.

Outra análise dos estabelecimentos nos levou a refletir que o centro de Campos não sofreu com a perda de atividades comerciais sofisticadas ao longo do tempo em função das transformações espaciais ou econômicas da cidade, essas atividades permanecem no Centro e suas filiais são instaladas nos shopping centers da cidade. Já no final do século XX e início do XXI o centro passa a ser o destino do circuito superior que avança com muita força e se instala nas áreas de melhor localização e fluxo de pessoas. O que ocorre é a mudança da função residencial das elites, processo semelhante verificado por Villaça (1995), nas metrópoles brasileiras, mas o centro continua sendo o principal lugar das atividades de comércio e serviços, pela sua diversidade.

Mas a lacuna que nos fica após uma análise do Boulevard Francisco de Paula o porquê de muitos comércios tradicionais de sucesso entrarem em processo de falência e cederam lugar a outros estabelecimentos de mesmo ramo? O fato de muitos estabelecimentos comerciais tradicionais na cidade terem encerrado suas atividades é colocada pelo ex presidente da CARJOPA, Edaudo Chacur, como consequência da falta de continuidade dos filhos em seguir o comércio deixado pelos pais, levando a um processo de má gestão por falta de conhecimento do setor. Muitos filhos preferiram seguir carreiras como médicos, engenheiros e advogados em outros centros como Rio de Janeiro. Algumas lojas como a Feira Livre, A sapataria Luiz XV, a Livraria Ao Livro verde, Ponto e Linha, Drogaria Isalvo Lima são exemplos de comércios antigos que tiveram a continuidade dos filhos e se mantêm sólidos no costume campista.

O Boulevard do Comércio, local mais “s sofisticado” do Centro possui hoje 65 estabelecimentos comerciais<sup>66</sup> perfilados lado a lado no térreo dos prédios históricos, transformados para atender a função comercial, conforme nos mostra a figura 18.

**Figura 18 – Fachada dos prédios na Rua 13 de Maio**



Fonte: Cedido por Rodrigo Cordeiro, ex funcionário do Monitor Campista

Dos 31 estabelecimentos comerciais da Rua 13 de Maio, 21 estão em prédios alugados, o comércio mais antigo estabelecido é a padaria Rainha do Pão Quente de 1956. No total são gerados 97 postos de trabalho e apenas a lanchonete Açai da Praça não aceita pagamento via cartão de crédito, 4 agências bancárias (Santander, Itaú, Caixa econômica e Bradesco), uma casa lotérica e uma financeira estão localizadas nessa rua, caracterizando esta área como concentradora das atividades financeiras. O boulevard apresenta ainda uma grande concentração comercial como pode-se observar no quadro 10

---

<sup>66</sup> Os estabelecimentos contabilizados foram aqueles que estão localizados no calçadão do Boulevard Francisco de Paula, pois o número de estabelecimentos comerciais das 3 Ruas em sua totalidade seriam de 126 estabelecimentos comerciais

**Quadro 10 – Atividades comerciais da Rua 13 de Maio 2016**

Ano	Nome do estabelecimento	Ano	Nome do estabelecimento
1998	Cris baby	-	Santander
1973	A festival	-	Vivo
2010	Açaí da praça	1991	Caravela de ouro
1956	Padaria Rainha do pão quente	1976	Isalvo Lima
1975	Francesa	-	Di Santinni
2006	Itapuã	2014	A favorita
2002	Chaveiro	2016	Bella Biju
-	Banco Itaú	1995	Pacheco
-	Ibi empréstimos	-	Bradesco
2010	Mercato	-	Casas Bahia
2006	Sonho dos pés	-	Baggagio
1981	Pacheco	2004	Itapuã
-	Lotérica Mina de ouro	2017	New boulevard lanchonete
2005	Fábrica de óculos	2005	Cinderella
1987	Sagres	2015	Cheias de charme

Autor: Dados obtidos através de atividade de campo realizado por Vinicius Féres no mês de Dezembro de 2016.

A Rua Santos Drumont, no trecho entre as Ruas 21 de Abril e 7 de Setembro possui 17 estabelecimentos comerciais que empregam 92 funcionários e 12 estão em prédios alugados. Dois estabelecimentos não aceitam pagamento via cartão, são eles KI Salgado e Tudo para o celular. Ainda merece destacar que nessa rua ocorre um predomínio de atividades ligadas ao circuito superior da economia urbana como lojas de eletroeletrônicos, calçados, telefonia e financeira como se observa na tabela abaixo.

**Quadro 11 – Estabelecimentos comerciais da Rua Santos Drumond – 2017**

	Nome do estabelecimento	Data	Nome do estabelecimento
1995	Slake	2011	Ki salgado
-	Ponto frio	2002	Mundo verde
-	Ricardo eletro	2005	Casas Bahia
1996	Itapuã	-	Dentista popular
2014	Chifon	2012	Peg shoes
2008	Baby kids	2000	Ponto e linha
-	Crefisa	2001	Dieguez
2009	Pier	1997	Tudo para o celular
2013	Vivo		

Autor: Dados obtidos através de atividade de campo realizado por Vinicius Féres no mês de Janeiro de 2017

A Rua 7 de Setembro no trecho entre Teotônio Ferreira de Araújo, antiga Barão de Cotegipe e Santos Drumond possui 14 estabelecimentos comerciais que empregam 51 funcionários. Do total de lojas, 10 estão em prédios alugados e todos utilizam como meio de pagamento os terminais móveis de crédito tanto na modalidade débito ou crédito.

**Quadro 12 – Estabelecimentos comerciais na Rua 7 de Setembro - 2017**

7 de Setembro			
	Nome do estabelecimento		Nome do estabelecimento
1999	Boticário	2012	Óticas da fábrica
2013	Cacau Show	2016	Grifato roupas
2016	Emanuelle Roupas	2001	Diegues
2014	Corretora imobiliária MRV	2016	Casa de empréstimos
2012	Chilli Bens	1999	Farmácia verde folha
2008	Cia do terno	2014	Rebrum
2013	Terapeutika	-	Caixa econômica federal

Autor: Dados obtidos através de atividade de campo realizado por Vinícius Féres, data Agosto de 2016

## Rua Teotônio Ferreira de Araújo

Rua de diversas nomenclaturas, conhecida como Rua alagoas<sup>67</sup>, Rua da Quitanda<sup>68</sup>, Rua Barão do Triunfo, Rua Detraz do Terço, Rua Barão de Cotegipe e atualmente Rua Teotônio Ferreira de Araújo.

Esta Rua se tornou um dos principais pontos comerciais do centro de Campos, ela Cortava e ainda corta o centro da cidade e na melhor parte comercial das Ruas 7 de Setembro e João Pessoa. Por seu ponto estratégico, apresenta um movimento apreciável.

Até a última década do século XIX o mercado de verduras<sup>69</sup> localizado onde hoje está a praça Prudente de Moraes tornava esta rua um ponto centralizador de pessoas e capaz de uma grande circulação de capitais. No entanto, a sua proximidade com o Boulevard do

<sup>67</sup> Nome dado por esta rua ser feita sobre a antiga lagoa do Rosário, hoje nas proximidades da praça prudente de Moraes (SOUSA, 2014).

<sup>68</sup> O primeiro mercado Municipal da cidade de Campos dos Goytacazes foi construído nesta via, dando sua nomenclatura neste período. Ao perder o Mercado para o Largo do Roccio também perde a nomenclatura tornando-se Rua Barão de Cotegipe (ALVES,1995, SOUSA,2014).

<sup>69</sup> Antigamente o mercado diário de hortaliças, aves, ovos, legumes, etc se fazia na pequena praça da Quitanda, também chamada largo das verduras. Atualmente dispõe de um mercado regular no Largo do Roccio fronteiro à estação central da estrada de ferro São Sebastião.

Comércio, local de maior sofisticação na cidade gerava críticas pela desorganização, sujeira e mau odor, lavando a sua mudança para a Formosa ( Rua Tenente Coronel Cardoso) no Largo do Roccio, onde havia uma estação de trem, hoje a Faculdade de Direito de Campos.

A mudança do mercado não mudou a característica comercial da Rua, levando em conta levantamento de dados da Heloísa Alves (ano), Horácio de Sousa (ano), Waldir de Carvalho (ano), Melo Teixeira (ano) e fotografias, conseguimos verificar a existência de diversos estabelecimentos comerciais nesta rua desde o século XIX, como nos mostra o quadro 13.

**Quadro 13 - Atividades comerciais localizadas na Rua Barão de Cotegipe século XIX e início do século XX**

Nome do proprietário	Nacionalidade	Capital	Endereço	Área comercial
João José de Azevedo	Brasileiro	31 contos de reis	Barão de Cotegipe	Comércio de Calçados
José Theófilo de Fonseca Tinoco	Brasileiro	39 contos de reis	Barão de Cotegipe	Comércio de Armário, ferragem e ferro para atacado e varejo
Benedito de Azevedo Queiroz	Brasileiro	34 contos de reis	Barão de Cotegipe	Comércio de exportação
Eduardo Marques da Cruz	Brasileiro	41 contos de reis	Barão de Cotegipe	Comércio de calçados
Manuel Domingues Salgado	Português	35 contos de reis	Barão de Cotegipe	Armário, ferragens, papel, Livro, fábrica de cigarros
Francisco da Paixão e Silva	Brasileiro	30 contos de reis	Barão de Cotegipe	Comércio de secos e molhados
José Peixoto Siqueira	Brasileiro	29 contos de reis	Barão de Cotegipe	Casa de comércio
Adelino Victor da Fonseca	Português	35 contos de reis	Barão de Cotegipe	Armário e ferragens
José Alves Nogueira da Silva	Brasileiro	23 contos de reis	Barão de Cotegipe	Comércio de modas.
Domingos José da Costa Viana	Brasileiro	51 contos de reis	Rua Barão de Cotegipe	Comércio de armário, ferragens, papel, livros e cigarro
João Joaquim de Magalhães	Brasileiro	40 contos de reis	Barão de Cotegipe	Comissionaria
Rafael e Peixoto	X	20 contos de reis	Barão de Cotegipe	Venda de gêneros a consignação

Machado e Viana e cia	Brasileiro	126 contos	Barão de Cotegipe	Ferragens e tintas
Joaquim da silva cunha Ao rigor da moda	Português		Barão de Cotegipe 29	Alfaiateria
Maracanã dos retalhos			Barão de Cotegipe	Venda de Fazendas e retalhos
José Vaz Correia Coimbra (1844)	Português		Barão de Cotegipe, 38	Livraria, papelaria, armarinho, perfumaria e objetos para presente
				Banco Hipotecário
				Banco Mercantil
				Associação dos empregados do comércio
				Companhia de seguros união Fluminense.

FONTE: Alves (1995); Carvalho (1991) e Melo Teixeira(1881).  
Dados organizados por Vinicius Féres, 2017

Hoje esta rua, ainda mantém sua função comercial, os estabelecimentos comerciais são outros a não ser pela livraria Ao Livro verde fundada em 1844 por José Vaz Correia Coimbra tornando-se uma rugosidade no espaço central de Campos dos Goytacazes.

Na sua extensão entre as Avenida 15 de Novembro e Rua Tenente Coronel Cardoso, cortando de forma perpendicular as ruas João Pessoa, 7 de Setembro e 21 de Abril, encontramos em funcionamento 63 estabelecimentos comerciais, onde 36 estão em prédio alugados, 3 estabelecimentos não aceitam pagamento via cartão e empregam 275 funcionários.

**Quadro 14 – Atividades comerciais da Rua Teotônio Ferreira de Araújo em 2016**

Ano	Nome do estabelecimento	Ano	Nome do estabelecimento
2009	Lanchonete	2005	Mundo em colchões
2009	Isaac Martins Cabelereiro	-	Brasseg corretora de seguros
	Garagem das noivas	-	Advogados associados
2011	Sonhos e encantos	2002	Fornecedora de móveis
2014	Aluguel de roupas de casamento	2013	Deluxe cabelereiro
2014	Gêneses aluguel de ternos	-	Estacionamento
2015	Aluguel de vestidos e ternos para festas	-	Agência da Ampla
2014	Alta classe aluguel de ternos e roupas para festa	2004	Rose Mayerhofer aluguel de vestidos
1999	Casa do atleta	2003	Rei das etiquetas Venda a varejo de material de papelaria
2007	Casa das cortinas	-	Crefisa
1986	Pequeno esporte	2015	Kiko máquinas de costura
2005	Casas Azevedo	2006	Empório loja de roupas
2015	Maria D' arte	2007	Vida Bela cosméticos
1884	Ao Livro verde	1989	Chalé restaurante
		2014	Coloritê
-	Casa Lotérica – Casa da fortuna	2014	Limites esportes
1983	Noiva	2015	Le lion
2014	Loja 10	2008	Romanel
2002	Casas Bahia	2007	Cipó
2013	Óticas precisão	1990	Noiva e festa
1966	Luiz XV	1990	Ibrass uniformes
1986	Chá Chá chá	-	Jornal terceira Via
2000	Alquimia	2010	Reverse modas
2014	O Boticário	2014	South
2013	Eletro shop	-	Peg shoes
2010	Toca do chocolate	-	Banco Itaú
2007	Trier Calçados		Campos shopping
		-	
2010	Mr. Pinho restaurante	-	Casas Bahia
1975	Imper Home	2010	Drogaria Silveira
2009	Lafibrum	2014	Brasil Naturais
-	A flamuarate	1982	A oriental tecidos

Autor: Dados obtidos através de atividade de campo realizado por Vinícius Féres no mês de fevereiro de 2017

Nesse trecho de rua, encontramos atividades comerciais tradicionais como a Livraria Ao Livro Verde, Sapataria Luiz XV, A Noiva e A oriental. Também foi possível verificar atividades ligadas ao circuito superior como as Casas Bahia, Ramanel, Casa lotérica e a Crefisa, circuito superior marginal temos a Trier calçados e a Le lion confecções.

Nesta mesma rua nas proximidades da rua Tenente Coronel Cardoso podemos constatar uma especialização de lojas ligadas ao ramo de aluguel de vestidos e ternos para festa e casamento perfilados um ao lado do outro.

Outro ponto a se destacar nesta rua é que após a renovação, o quiosque do Chá chá chá, inaugurado em 1986 tornou-se um ponto de encontro de trabalhadores após o expediente no centro, levando uma movimentação noturna nesta área do centro. E por final, algo que chamou a atenção foi os comerciantes serem taxativos que o grande movimento desta rua se deve a sua proximidade com o terminal de desembarque de ônibus localizado na Avenida 15 de Novembro.

### **Rua Tenente Coronel Cardoso**

Conhecida desde sua fundação como rua Formosa<sup>70</sup>, mudou para a atual nomenclatura em 1821 em uma homenagem dos camaristas<sup>71</sup> ao Tenente Coronel Cardoso, chefe político, deputado, presidente da Câmara, e genro do Dr. Almeida Barbosa que se quis homenagear em 1882 (SOUSA, 2014).

Na administração do Prefeito José Bruno de Azevedo a rua recebeu perfeita pavimentação a paralelepípedos desde a estação dos bondes até ao Saco (PINTO,1985), facilitando o fluxo entre o centro da cidade e a periferia da cidade (ALVES,1995).

Nessa rua se encontrava a Escola de Aprendizes Artífices, Estação dos bondes elétricos, Grupo Escolar João Clapp, Igreja Baptista, Banda Musical Operários Campistas, Capela de Nossa Senhora do Socorro, Futurista Peteca-Club e o Mercado do Roccio nas proximidades da estação de São Sebastião.

---

<sup>70</sup> Si se aplicasse agora aquela adjetivação compreender-se-ia facilmente pois essa rua constitui hoje uma das mais lindas avenidas, já pela sua largura e edificações que a rendilham, já pelo alinhamento, pavimentação, extensão e primorosa arborização. Porém, há uns trinta anos atrás... (SOUSA,2014).

<sup>71</sup> Referente aos vereadores.

Na atualidade a rua Tenente Coronel Cardoso se caracteriza por sua função comercial, na sua extensão entre a Rua do ouvidor e Avenida José Alves de Azevedo estão em funcionamento 93 estabelecimentos comerciais que empregam 262 funcionários, 66 estão em prédios alugados e apenas 7 não utilizam do cartão de crédito, sendo o comércio mais antigo a Lafonte, inaugurado em 1973 e especializado na venda de ferramentas, máquinas e ferragens. Podemos destacar também a Faculdade de Direito de Campos<sup>72</sup> e a Faculdade de Filosofia de Campos fundados na década de 60.

**Quadro 15 – Atividades comerciais na Rua Tenente Coronel Cardoso no ano de 2016**

Primeira Igreja Batista	Central drogas	Vavá cabelereiro	Colchões Ki sono	Cicle
Ana Couros	Casa e vidro	Colchões ortobom	Parada obrigatória	Machado e jociléia empréstimos
Loja de utilidades do lar	Mercado municipal	Demais lustres	Empório	Cazarara colchoes
Drogaria formosa	Água formosa	Vip noivos aluguel de ternos	Restaurante do maguinho	Clio clínica odontológica
Certificação digital informática	Cat dog	Avanti colchões	Loja de tinta	BMG empréstimos
Lanchonete	Auto escola ribeiro	Billa Billu	Justiça do trabalho	Sabores caseiros restaurante
UNIFLU	Filipenses Móveis Stylos	Distak móveis	Campos gráfica papelaria	Campos loto
Jornal a notícia	Shop popular Michael hadaad	RIMO móveis modulados	Shopping dos óculos	eletro bike
Estacionamento	Cia dos parafusos	Antes o comércio era gaviãozinho	Sara Jassus cosméticos	Silveira drogarias
Suíça produtos químicos	Filipenses Moveis Stylos – Loja I	Eletro Baby	Casalar móveis	Cia do acessório

<sup>72</sup> A Faculdade de Direito de Campos (FDC) que teve seu reconhecimento através do Decreto n° 55.754, publicado no DOU (Diário Oficial da União) de 12/02/1965.

Neves e RANGEL	Padaria Rainha do pão quente	Rafinati móveis	Caixa econômica federal	Margot
Casa das tintas	Casa do pintor	Ortocrin colchões	Noiva e noivo	Casa do bolo
Rogério hair design	Lafonte	Oi telecomunicações	Cazarara móveis	SEBRAC
Tec frio	Macedo máquinas	Shopping dos colchões	Igreja mundial	Tudo em colchões
Sabores caseiros restaurante	Baby e teen	Óticas Vision	Deita e rola colchões	Estacionamento
Arty bike	Farmácia falcão	Mundo do real	Brilho do sol	Ótica formosa
Calil Bike				

Fonte: Atividade de Campo realizado no mês de Dezembro de 2016 por Vinícius Féres

Podemos observar que nesta parte da Rua Tenente Coronel Cardoso, predominam atividades comerciais de venda de materiais de construção, ferramentas e móveis como também manutenção de máquinas e venda de colchões. Constata-se que existem aglomerações de atividades semelhantes em alguns pontos da via, formando zonas especializadas em tintas, ferramentas, móveis modulados e representações de empresas de colchões como Castor e Ortobom.

Ao se aproximar da Avenida José Alves de Azevedo percebe-se uma mudança nas características dos estabelecimentos comerciais. Observa-se nessa parte um comércio popular com significativa ênfase para o mercado municipal, depósitos de doce, comércio de embalagens e plásticos, lojas de móveis de menor dimensão, com produtos de menor valor agregado e com uso de pouca mão de obra.

## 15 de Novembro

A Rua Beira Rio até o ano de 1874 era a rua de maior movimento, a única entrada da cidade, pois não havia ainda caminhos férreos (SOUSA, 2014), sua extensão seguindo o curso do Paraíba ia da Igreja da Lapa até o ponto de embarque na lancha do Lambert, que

fazia a viação para Guarulhos, em frente à rua Cercado Furtado<sup>73</sup> (TEIXEIRA DE MELO, 1881).

Nesta Rua por não existir outros meios de transportes para a importação e exportação a não ser por via fluvial e marítima, estava crivada de guindastes e bomba de sucção de água (ALVES,1995). Os portos eram lugares sujos por causa do despejo de materiais fecais que se faziam no rio além da existência de quiosques de venda de pescado que exalavam um odor desagradável (CARVALHO,1991).

Por deliberação da Câmara, as barracas de pescado foram sendo extintas, a instalação da via férrea tornou o modal marítimo obsoleto para a importação e exportação de produtos comerciais e foi criada neste local uma avenida tão requintada de graças, onde ora nossa juventude faz seus passeios noturnos (SOUSA, 2014). “Esta Rua nada se compara ao que era antes quando recebia o nome de Avenida D. Pedro II, hoje como Avenida 15 de Novembro, temos uma via espaçosa, espaventosa e tão rica de louçanias” (CARVALHO, 1985).

No início do século XX esta rua tinha 4 quilômetros e 930 metros de extensão, e nela se encontrava: Cadeia, Cemitérios, Triturador da Limpeza Pública, Caixa d’Água, Estação Meteorológica, Fabricas de Tecidos, Igreja da Lapa, Orfanato de São José, Loja maçônica Atalaia do Sul, estação Campos-Cargas, o Palace Hotel Clubs náuticos, Club Tenentes de Plutão, grandes oficinas metalúrgicas e o Quartel da Policia (SOUSA, 2014).

Além do mais existiam nesta via concentração comercial, de propriedade de Portugueses e brasileiros voltados para a comercialização de armarinho, aguardente, comércio de fazendas e comércio de exportação, fumo, secos e molhados e relojoaria e ourives como nos mostra o quadro 16.

---

<sup>73</sup> Hoje esta parte da cidade é corresponde ao bairro da Coroa.

**Quadro 16 - Atividades comerciais da Avenida 15 de Novembro no início do século XIX**

1893	David Findlay e cia	Inglês	100 contos de reis	15 de Novembro	Negócio de máquinas e fundição	5 anos
1899	E. Cannet e cia	Brasileiro	82.724,296 Reis	15 de Novembro	Aguardente	3 anos
1899	Souza e irmão	Brasileiro	50 contos de reis	15 de Novembro	Compra e venda de mantimentos	7 anos
1899	Simões Figueiredo	Brasileiro Português	60 contos de reis	15 de Novembro	Comércio de fazendas	X

12.1892	Domingos José Roberto Teixeira	Brasileiro	57	15 de Novembro	Comércio de exportação	X
01.1893	Victorina Lourenço de oliveira Cinha	Português	40	15 de Novembro	Comércio de armarinho	
01.1893	João Velho Neto Barreto	Brasileiro	31	15 de Novembro	Secos e molhados a atacado	
01.1893	Cypriano M. Castro Leal	Português	42	X	Negociante	
12.1892	Antônio Bento Barreto	Brasileiro	32	15 de Novembro	Comércio de secos e molhados	
12.1892	Antônio Teixeira Costa	Português	52	13 de Maio	Ourives e relojoaria	
9.1892	Jerônimo de Oliveira	Brasileiro	50	15 de Novembro	Comércio de Fazendas e Armarinho	
9.1892	Joaquim Simões David	Português	30	15 de Novembro	Comércio de Fazendas e armarinho	
11.1892	Joaquim da silva Sçeiro	Brasileiro	53	15 de novembro	Comércio de Carne seca	
11.1892	Flávio Fernades Medina	Brasileiro	35	15 de novembro	Comércio de secos e molhados	

11.1892	José da Silva Pereira	brasileiro	46	15 de Novembro	Armarinhos e fumos	
11.1892	Zeferino Martins Costa	Brasileiro	40	15 de Novembro	Comércio de secos e molhados	
11.1892	José Antônio Manrtins Montezuma	Brasileiro	46	15 de Novembro	Comércio e consignaço	
11.1892	Manoel Vicente Alves Da Silva	Brasileiro	X	15 de Novembro	Comércio de exportação	
11.1892	Ten. José da Silva Pereira	X	x	15 de Novembro	Comércio de armarinho, ferragens, papel, livro e cigarro	
12.1892	Adão Alves da Costa	Português	46	Pedro II	Comércio de consignados	

Fonte: Alves (1995).

Ao longo do tempo as atividades antes tradicionais nessa rua foram dando lugar a outros ramos da economia. Após a observação da rua no ano de 2016, foi possível chegar à conclusão que ocorre na atualidade um predomínio de atividades ligadas a prestação de serviços entre as Avenidas José Alves de Azevedo e Lacerda Sobrinho. Nesta parte ocorre o predomínio de atividades de manutenção de televisores, eletrodomésticos, eletrônicos e autoescolas.

Outro ponto que nos chamou atenção foi a eletrônica Lucian, fundada na década de 90 e especializada na manutenção de televisores e eletroeletrônico das marcas Phipils, CCE, Philco e gradiente. O circuito inferior se modernizou e inseriu elementos informacionais para venda de peças e manutenção de televisores para todo o Brasil.

**Quadro 17- Atividades comerciais na Avenida 15 de Novembro**

Ano	Estabelecimento	Ano	Nome do estabelecimento
2004	Posto Nova Ponte	1989	Eletrônica Lucian
2005	Auto escola Brasil		Clube campista
1998	Estacionamento	2012	Auto escola campista
1990	Manutenção de TV	2014	Bobs
2015	Consultório odontológico		Campos shopping
1995	Manutenção de tv		Loteria
1997	Manutenção de eletrodomésticos	2008	Hudson music
	Teatro de bolso	2010	Mc donalds
1996	Itapuã	1993	Noblese
2011	Drogaria pague menos	2011	Drogaria tamoio
1996	Rei do real	1999	Pipoca do lelei
1989	Casa eletro luz	1995	Churrasquinho do beto
2002	Tigrão acabamentos	2001	N. M Lanches
1986	Riala	1993	Quiosque do Jorge
	Bombeiros	1997	Lanchonete
	Igreja	2008	Balas e doces
	Clube de regatas		Receita federal

Autor: Dados obtidos através de atividade de campo realizado por Vinicius Féres no mês de março de 2017

Constatarmos ainda no terminal de desembarque, localizado nesta mesma via em frente ao Campos Shopping a existência de atividades do circuito superior em uma área de domínio do circuito inferior. Um quiosque do Mc Donalds, uma loja da franquia da Farmácia Pague Menos e Tamoios, uma franquia da loja de sapatos Itapuã e uma casa Lotérica são alguns deste elementos do circuito superior entre diversas microatividades de fornecimento de alimentos rápidos em carrinhos como churrasquinho, pipoca, vendedor de biscoito, vendedor de bala, quiosque de salgados e refrescos.

Entre a rua Carlos de Lacerda e Marechal Floriano estão localizadas lojas de material de construção e acabamento, lojas de máquinas pesadas e *offshore*, o quartel Militar dos Bombeiros e o prédio da Receita Federal.

De forma geral, essa rua possui 18 atividades comerciais e 13 prestadores de serviços que empregam 98 funcionários sem contar as lojas localizadas no Campos Shopping e Central Plaza que margeiam a avenida.

## **Outras ruas de importância comercial**

Com o passar do tempo algumas ruas com pouca tradição no comércio foram ganhando importância e ganhando destaque e intensificando sua função comercial. Dentre as ruas podemos citar a Rua dos Andradas, a Rua Lacerda Sobrinho e a Rua 21 de Abril.

A Rua dos Andradas que tem sua extensão entre a Tenente Coronel Cardoso e 15 de Novembro possui uma função comercial caracterizada por atividades de prestação de serviços em eletrodomésticos e ar refrigerado, dentistas populares e o Jockey Club, local de apostas, que intensifica o fluxo de pessoas principalmente no período noturno e finais de semana na parte da rua que envolve a rua dos Andradas e Santa Efigênia.

Nesta rua encontramos a Riviera Plásticos e Tecidos, uma franquia de lojas que possuem franquizados em diversos Estados do Brasil como PR, SP, ES, MG, BA, RN e MA, além de um suporte on line para vendas em atacado e varejo. Dessa forma, pela atuação em rede atendendo todo o Brasil podemos considerar essa rede ligada ao circuito superior marginal, por se tratar de uma atividade de venda de produtos de baixo valor agregado, mão de obra pouco especializada e trabalho intensivo, porém com estratégias de venda em escala nacional e o uso do sistema de franquias.

No trecho da Rua dos Andradas entre a Tenente Coronel Cardoso e Oliveira Botelho, ocorre uma área especializada na venda e manutenção de eletrodomésticos e ar refrigerado. Estas lojas se instalaram nestes pontos após 2014 com o objetivo de ampliar seu mercado, por estarem em um ponto da cidade de grande movimentação e que concentra essas atividades ligadas a refrigeração.

Outra área de especialização nesta rua está entre a 15 de Novembro e 21 de Abril com uma concentração de estabelecimentos comerciais voltados para a venda de máquinas, ferramentas para obra e *offshore*, além de ferramentas elétricas e manutenção de máquinas.

Ao todo a rua dos Andradas possui 24 estabelecimentos comerciais, 20 prestadores de serviços, 17 destes estão em pontos alugados que empregam juntos 82 funcionários.

A Rua 21 de Abril, liga a rua Marechal Floriano até a Lacerda Sobrinho, possui 32 estabelecimentos comerciais e 13 prestadores de serviços que empregam 96 empregados. Da totalidade de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços 25 estão em prédios alugados e apenas 4 não aceitam pagamento via cartão de crédito. No período noturno,

após o fechamento dos estabelecimentos comerciais, esta rua se torna ponto de prostituição de travestis.

A Rua Lacerda Sobrinho também se destaca no Centro de Campos dos Goytacazes por suas características comerciais. Nela estão estabelecimentos comerciais tradicionais como o ponto e linha, A Joia Nobre, Drogaria Isalvo Lima, Pacheco e Trier calçados como também, agência dos correios e previdência social, serviços públicos importantes para a sociedade e os prédios comerciais Ninho das águias e cidade de Campos, responsáveis por abrigar um grande número de consultórios médicos, odontológicos e profissionais liberais.

Destacamos que as atividades e a forma de construção da centralidade do centro muda com o horário e também com os dias da semana (fim de semana e dias úteis). Essa exaustiva descrição revela que o Centro acompanhou as mudanças da sociedade local, mas também se transformou em razão de ordens regionais, nacionais e globais. A mudança do conteúdo dos comércios como a chegada de franquias, revelam o papel das cidades médias como propulsoras do consumo no período recente. Ao mesmo tempo, o Centro não deixa de ser um lugar que atrai fluxos, segundo as necessidades quotidianas das pessoas. Além disso, o Centro é um lugar de geração de trabalho, em suas diversas formas.

### **CAPÍTULO 03. A CRIMINALIZAÇÃO DO COMÉRCIO POPULAR E A EXPANSÃO DOS SHOPPING CENTERS NO CENTRO: AGENTES E CONFLITOS**

Vem ocorrendo neste início de século na área central de Campos dos Goytacazes, período que corresponde os governos do médico Dr. Arnaldo Viana (2001-2004); do Advogado Dr. Carlos Alberto Campista (2005), do médico Dr. Alexandre Mocaiber (2005-2008), do governo interino de Roberto Henrique (2008) e da radialista Rosinha Garotinho (2009-2016) a implementação de projetos de reformas do espaço urbano na área central com forte influência modernista<sup>74</sup>.

Em todas as reformas feitas até então, percebe-se que as perspectivas das políticas de planejamento urbano têm influenciado na transformação de algumas partes da área central, principalmente no que tange as microatividades ambulantes<sup>75</sup>, caracterizadas como circuito inferior.

Realizamos uma análise das microatividades e para entendê-la como geradora de trabalho e renda para a população. Os pequenos comerciantes, especialmente os ambulantes ou os camelôs compõem uma população que resiste, que cria e recria trabalho na cidade. As normatizações impostas pelo poder público têm levado a um controle maior do espaço levando a conflitos com os agentes do poder público.

A restrição e o controle imposto pelo Estado sobre as atividades autônomas é algo histórico no cotidiano da cidade. Se averiguarmos no passado, verificaremos uma disciplinarização das atividades populares por meio de normas e valores mais adequados aos interesses capitalistas naquele momento.

---

<sup>74</sup> O planejamento urbano modernista teve na crença do progresso linear capitalista e na figura do Estado seus pilares principais de desenvolvimento na sociedade do século XX. Este planejamento possui um caráter exclusivamente técnico e não leva em conta a participação da sociedade civil (MARICATO, 2000).

<sup>75</sup> Microatividades executadas em carrinhos de pipoca, hot dog, milho cozido e água de coco.

### **3.1 – Os projetos de formalização das atividades do circuito inferior**

Como já foi dito no capítulo anterior a Associação Comercial de Campos exercia um forte poder de decisões sobre a organização do espaço, levando o poder público a ações levando em conta seus interesses econômicos. Uma questão sempre pertinente às associações comerciais foi questionar a atuação dos quitandeiros e comerciantes ambulantes, que não pagavam os devidos impostos e que aos poucos, iam tomando conta dos becos e ruelas próximas ao centro do comércio e a aplicação com rigor do código de posturas (ALVES, 1995). O poder público então, restringia de todas as formas a circulação de mascates e quitandeiros, como também a repressão através do delegado de polícia.

O desenvolvimento de uma cidade moderna não cabia a imagem na área central os quitandeiros, os vendedores ambulantes, as quituteiras, os meninos de recado, os exercícios de capoeiragem, as bancas de pescada, o que se via era a expulsão das atividades populares do Centro.

A volta ao passado nos remeteu a fatos que na contemporaneidade vem se repetindo, agora, através do poder de outras instituições comerciais como a CDL (Câmara de dirigentes lojistas), a CARJOPA e o sindicato dos comerciários. Todas estas instituições têm como propósito comum a colaboração na prestação de serviços a seus associados, criação de parcerias com outras instituições e contribuir com os poderes públicos para o fortalecimento da classe junto à sociedade.

Os gestores destas organizações são empresários de grande destaque em seus ramos comerciais e grande influência junto ao poder executivo e legislativo. Tomando como exemplo a CDL, dentre a diretoria podemos citar o presidente Joilson Barcelos, proprietário da rede de supermercados Superbom, Carlos Eduardo de Carvalho, presidente do sindicato dos comerciários e proprietário da Trier Calçados, Cledemilce Henrique de Souza (Cledemilce Joias), Samuel Willemen Sterch (Samuel atacado e varejo), Luís Carlos Cordeiro Chicri (Chicri Sports e Chicri calçados) e Alfredo Siqueira Dieguez (Proprietário da Dieguez)

Esses grupos empresariais pelo poder exercido junto ao Estado reivindicam seus interesses em detrimento das microatividades do circuito inferior, por serem consideradas ilegais, causadoras da desordem e desvalorização do patrimônio público. A medida do poder público de privar as microatividades de determinados espaços como exposto no

anteriormente, reflete o poder de interferência das decisões dos grupos empresariais na esfera política estatal em nível municipal.

Segundo o subsecretário de Posturas do município de Campos dos Goytacazes Fabiano de Araújo Mariano<sup>76</sup>, a atuação rigorosa da Prefeitura sobre os trabalhadores ambulantes foi resultado de uma TAC – Termo de Ajustamento de Conduta entre a prefeitura e o Ministério público Estadual, assinada em 2010, cumprindo ação da ACIC (Associação Industrial e Comercial de Campos), CARJOPA (Associação Comercial da rua João pessoa e comerciantes da Rua Barão de Amazonas) e CDL (Câmara dos Dirigentes Lojistas), iniciada no ano de 2006 alegando em processo a desordem da área central, a falta de acessibilidade nas calçadas e a desvalorização do patrimônio histórico da área causadas pelas microatividades, o que obrigou a prefeitura a seguir um processo de normatização a estas atividades comerciais e o seu deslocamento para novos pontos no Centro ou outros lugares da cidade<sup>77</sup>.

Nessa TAC, 126 trabalhadores autônomos deixaram de ocupar os espaços públicos onde vinham exercendo suas atividades comerciais e foram deslocados para a estrutura provisória construída para abrigar o Shopping Popular Michael Haddad enquanto o prédio localizado na Rua Barão de Amazonas fosse construído. Esses trabalhadores tinham seus espaços de venda no calçadão, no terminal rodoviário de desembarque, no Boulevard Francisco de Paula Carneiro, em frente aos Correios, no trecho localizado em frente à igreja Boa morte, em parte da Formosa e na Rua Barão de Cotegipe.

---

<sup>76</sup> Entrevista realizada no dia 25/04/16.

<sup>77</sup> Informação obtida através de entrevista com o subsecretário de postura no dia 25/04/16.

**Figura 19 - Microatividades que se encontravam localizadas em frente a agência dos correios e previdência social –2014**



**Fonte:** Jornal folha da Manhã: 15 mai.2014. Disponível em < [www.fmanha.com](http://www.fmanha.com)> acesso em: 10/09/2016

Os 126 trabalhadores se juntaram então aos outros 390 permissionários no Shopping Popular provisório no interior do Parque Alberto Sampaio. Essa nova estrutura foi idealizada para atender à necessidade de instituir um espaço delimitado aos ambulantes, antes dispersos, por várias ruas na área central da cidade, numa tentativa de regular sua atividade comercial. Agora institucionalizados por uma organização do Estado<sup>78</sup>, os camelôs tiveram que se enquadrar como uma estrutura comercial formalizada, nos moldes da Lei do Microempreendedor Individual.

Antes da transferência dos trabalhadores era comum conflitos entre os agentes da Secretaria de Postura, Guarda e ambulantes como mostra o Jornal Folha Manhã do dia

---

<sup>78</sup> Um exemplo desse controle do Estado sobre os permissionários aconteceu no dia 06/11/2014, em que a Companhia de Desenvolvimento do Município de Campos (CODEMCA), com apoio da Guarda Civil Municipal (GCM) e da Subsecretaria de Fiscalização de Posturas, lacrou 13 boxes do espaço provisório do Shopping Popular Michel Haddad, no Parque Alberto Sampaio, Centro por faltarem no sorteio dos boxes e descumprimento das cláusulas contratuais.

27/11/10 (Figura 19). A forma como foi feita a abordagem dos agentes demonstra o descaso do poder público com os trabalhadores e os seus meios de reprodução e trabalho.

**Figura 20– Embates entre fiscais da postura e Trabalhadores autônomos - 2010**



**Fonte:** Jornal Folha da Manhã: 27 nov.2010. Disponível em <www.fmanha.com>, Acesso em 12/09/2016.

Agora, parte dos trabalhadores foi inserida no programa de formalização do Governo Federal, os permissionários pagam seus impostos em dia e possuem os mesmos direitos do comércio lojista. No entanto, como nos conta o permissionário entrevistado, estes trabalhadores ainda continuam sem receber o mesmo tratamento dado pela Prefeitura e a população ao comércio tradicional.

Segundo ele, “é um descaso muito grande da prefeitura com os permissionários”. “O antigo camelô foi fechado em março de 2014 e a obra tinha uma previsão de ficar pronta em um ano (2015)”, no entanto, já se passaram dois anos e ainda a obra está na fase inicial, sem uma previsão para a sua conclusão”<sup>79</sup>. Neste espaço onde concentraram todas as

<sup>79</sup> Na data da entrevista não havia uma previsão para o retorno da obra, no entanto agora em véspera de eleição a prefeitura corre para entregar toda a estrutura antes do pleito municipal. Entrevista realizada no dia 13/07/2016.

atividades comerciais autônomas de venda de eletrônicos, o montante vendido hoje pelos permissionários corresponde a 30% apenas do que era comercializado no antigo espaço. Essa redução das vendas fez com que 100 dessas barracas tivessem que fechar, do total de 516.

Para a redução das vendas, foi apontado como fator a dificuldade do acesso ao local, que fica entre duas ruas de muito movimento de carros, o que na visão dos permissionários, “faz os pedestres terem medo de atravessar a rua para ir comprar no espaço provisório”. Segundo o permissionário eles deixaram para trás uma clientela e um conjunto de relações pessoais conquistadas durante anos de trabalho.

Pela queda nas vendas do Shopping Popular Michael Haddad muitos permissionários preferiram fechar seus estabelecimentos e tentar vender seus produtos novamente como ambulantes pelas ruas do centro, oferecendo seus produtos aos clientes e tentando fugir da fiscalização dos fiscais de postura. Pois como colocado pelo subsecretário de posturas se o permissionário “for pego realizando suas atividades pelas ruas do centro tem seus produtos apreendidos, pagam uma multa e perdem a concessão.

Dessa forma, sem poder voltar para seus espaços de venda tradicionais e a precariedade e falta de infraestrutura do espaço provisório gerou a revolta dos permissionários pelo descaso, motivo que levou a diversas manifestações e tentativas de reuniões dos permissionários com a prefeitura com o intuito de solucionar esse problema locacional.

Por outro lado, ele vê com bons olhos a reestruturação do espaço, pois já havia a um longo tempo a necessidade de obras de ampliação e melhorias, pois na visão dele o antigo espaço não suportava o grande contingente diário de clientes. Segundo ele, o novo prédio trará um conforto para os clientes, pois contará com corredores largos, com acessibilidade a portadores de deficiência física, box amplos e padronizados, com letreiros e instalação elétrica individual.

A atividade comercial exercida pelos comerciantes do Shopping Popular é importante para a cidade por representar uma grande forma de geração de trabalho, em torno de 500 trabalhadores<sup>80</sup>.

---

<sup>80</sup> Dados obtidos através de entrevista realizada no dia 13/07/2016 com Paulo Renato Gomes Pedra.

**Figura 21 – Obras do Novo Shopping Popular Michael Haddad - 2016**



**Fonte:** Jornal Campos 24h publicação dia 25/12/2016.

Em um outro extremo da área central, distante dos conflitos entre permissionários<sup>81</sup> do shopping popular e o poder público, e aproveitando das amenidades adquiridas pela área central a construtora 3w Engenharia gerido pelo grupo Pró-Mall, dono do Shopping Rio Sul, inaugurou no ano de 2012, o Central Plaza. Localizado ao lado da Praça São Salvador este empreendimento buscou formar uma gigantesca vitrine, tirando proveito de sua excepcional localização e visando atrair o imenso fluxo de pedestres que passa diariamente pela região.

Embasado pelas ideias de Pinaudi (1989), quatro pontos devem ser destacados para a existência de um shopping center: a identificação da iniciativa do empreendimento, se é público ou privado; a verificação se as lojas são alugadas ou podem ser vendidas; a composição e a natureza das lojas instaladas e a disponibilidade de um parque de estacionamento.

---

<sup>81</sup> A primeira etapa de reestruturação do Centro foi transferir os vendedores de alimentos de rua localizados na Alberto Torres para um espaço embaixo do Viaduto Leonel Brizola.

Atrelados as características mencionadas acima, a localização do shopping center, conforme aponta Pintaudi (1989), se revela como ponto primordial para o sucesso do mesmo. Ora, a localização de um Shopping Center é pensada estrategicamente para a reprodução do capital imobiliário, tendo em vista que sua implantação irá favorecer a valorização de seu entorno.

J. Santos (2008) chama a atenção para que a construção de tais centros do consumo vem criando símbolos que vão se incorporando ao cotidiano da vida urbana, independente da questão social do consumidor.

A presença deste espaço construído na realidade urbana representa uma grande força de concentração de atividades terciárias num único local. Os shoppings representam parte de um processo de inovação da cidade com a concentração de equipamentos, atividades comerciais e de serviços, necessários para ensejar uma dinâmica nos fluxos, sobretudo de mercadorias (PINTAUDI,1992).

Os shoppings incorporaram uma gama de serviços e atividades, e que essa tendência tem sido muito bem articulada aos interesses do capital, ampliando possibilidades e oportunidades de acumulação (J. SANTOS, 2008).

Assim, o shopping, constitui-se enquanto um novo espaço de consumo, que atende aos interesses do capital, mediante a criação de fluxos para si. Dessa forma, acaba por acatar a nova faceta do sistema capitalista de produção que se desenrola na sociedade atual, marcando um período de transição que se situa, em um momento que o consumo adquire importância fundamental para a mais valia (OLIVEIRA JR, 2008).

Nesse contexto, o Central Plaza mesmo sendo produzido por interesses locais e regionais (comerciais e imobiliários) produz uma lógica que não é da cidade, principalmente ao verificar seu tenant mix<sup>82</sup> que atesta a existência de franquias como o boticário, Havaianas, Pizza bus, Bobs e Hering

---

<sup>82</sup> Grupo das lojas que compõem o empreendimento

Figura 22 – Foto da fachada do Central Plaza Shopping (Vista da Praça 7 jornadas) – 2016



Fonte: Pesquisa de campo do próprio autor, 20 abr. de 2016.

Esse empreendimento veio a se unir ao Campos Shopping inaugurado no início da década de 80, foi o primeiro empreendimento nesse formato no município. Hoje esse espaço se caracteriza pela existência de um comércio de marcas locais<sup>83</sup>, e atendem a um consumo dos próprios trabalhadores da área central e os transeuntes que o utilizam como passagem entre as Ruas Santos Dumond e Governador Teotônio Ferreira de Araújo onde se localiza o terminal de desembarque de ônibus.

Como também visto anteriormente, o Centro da cidade de Campos vem incorporando diversos símbolos do circuito superior que antes estavam localizados no Centro expandido, mais especificamente na Pelinca.

---

<sup>83</sup> Se fizermos uma comparação no entorno dos dois Shoppings, observaremos que o Campos Shopping por ser detentor de um comércio popular, em suas calçadas e imediações encontraremos microatividades, como carrinhos de pipoca, milho cozido e vendedores de churros. Já no Central Plaza as calçadas são livres de qualquer tipo de trabalhador ambulante.

Figura 23– Entrada do Campos Shopping -2016



Fonte: Pesquisa de campo do próprio autor, 10 mar.2016.

No entanto, a expansão dos símbolos do circuito superior pela área central não significou necessariamente uma transformação no conteúdo social dos consumidores que frequentam o Centro, mas uma tendência deste circuito em abranger o consumo dos grupos sociais menos abastados. Tal afirmação pode ser comprovada segundo entrevista realizada com o proprietário da Farmácia Far Melhor, o senhor Alexandre<sup>84</sup>, dizendo que o fluxo de clientes na loja é intenso e o perfil de seus clientes contempla uma classe social menos abastada, esse fato segundo ele é responsável pela escolha de determinados produtos serem comercializados na loja. O que estamos analisando é que o circuito superior não muda seu conteúdo apenas por questões mercadológicas agregam a seu leque de consumidores, os grupos sociais de menor renda.

Os projetos de reforma urbana do período recente, assim como no passado, procuraram remover o comércio de rua – o comércio ambulante, as microatividades – do Centro de Campos. Os grupos de comerciários, unido ao poder público, veem praticando

---

<sup>84</sup> Entrevista realizada no dia 16/05/2016 realizada com o senhor Alexandre Miranda.

as concepções de cidade que criminalizam a população pobre e desprovida de poder de decisão nas áreas centrais, especialmente os ambulantes. Além disso, outros mecanismos estão sendo usados para ampliar a arrecadação do Estado, como o programa de adesão ao MEI.

Como uma forma de ampliar a sua arrecadação, o governo Federal e os municípios passaram a incentivar a formalização das microatividades através da Lei Federal n 128 de 2008 e no caso do município de Campos dos Goytacazes, a Lei Municipal 8.207 de 28 de dezembro de 2010.

Algumas atividades desempenhadas pelos trabalhadores individuais, de pequenas dimensões, já se enquadraram na Lei Municipal 8.207 de 28 de dezembro de 2010 e tiveram suas atividades formalizadas. Ao legalizar, adquiriram o (CNPJ) Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas e passaram a ter seus direitos trabalhistas garantidos por lei. Segundo o gerente do Espaço do Microempreendedor de Campos dos Goytacazes, Vinícius Madureira<sup>85</sup>, o grande número de formalizações se deve em primeiro lugar pelo direito do trabalhador à previdência social, pagando uma taxa inferior aos R\$ 72,00 pagos como autônomo, em segundo lugar a possibilidade de emitir notas fiscais e em terceiro acesso ao crédito fornecido pelo FUNDECAM – (Fundo de Desenvolvimento de Campos). Esse fato contribuiu para que no período de vigência da Lei do Microempreendedor (2009-2015) houvesse quase 13.000 atividades formalizadas (Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes)<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> Entrevista realizada no dia 13/04/2016

<sup>86</sup> A Formalização ocorre por iniciativa própria do trabalhador, a prefeitura apenas divulga o programa na mídia e o trabalhador procura o espaço para formalizar sua atividade.

**Quadro 18 – Evolução da formalização em Campos dos Goytacazes**

<b>Evolução da Formalização em Campos</b>			
<b>Ano</b>	<b>Adesões</b>	<b>Total</b>	<b>Porcentagem de aumento por ano</b>
2009	164	-	-
2010	2.654	2.818	1.618%
2011	2.911	5.729	103%
2012	2.425	8.154	42%
2013	2.019	10.173	24%
2014	1.539	11.712	15,8%
2015	1.379	13.091	11,7%

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (2015); Organização do autor.

No período entre 2009 e 2015, o número de trabalhadores autônomos que se tornaram formalizados chegou a 13 mil, representando um aumento significativo para as finanças do município. De acordo com o SEBRAE,<sup>87</sup> os segmentos que mais se formalizaram foram: cabelereiros, Lanchonetes (quiosques), construção civil e lojas de roupas.

Além dos direitos trabalhistas, este trabalhador poderá contratar um funcionário e ter acesso a um crédito fornecido pelo FUNDECAM – (Fundo de desenvolvimento de Campos) a 2% de juros ao ano. Segundo o gerente do espaço do microempreendedor este valor pode variar até R\$ 2.000,00 para capital de giro e R\$ 3.000,00 para investimento. Segundo o mesmo, o programa de microcrédito já contemplou 1.209 microatividades, com um valor próximo a R\$ 5 Milhões de reais. Outro ponto destacado pelo coordenador do espaço é a baixa inadimplência, pois se mantiver em dia as parcelas ao final do empréstimo o trabalhador recebe todo o juro pago.

Além do mais, esse trabalhador passa a ter o apoio técnico do SEBRAE, auxiliando os trabalhadores na legalização, alteração ou acréscimo de atividades, baixa, emissão de boletos de impostos e também na realização da declaração anual – DASN, além desses

---

<sup>87</sup> Entrevista realizada no dia 15/06/2016 com a funcionária Jéssica Rangel dos Santos.

atendimentos, oferecem orientação gratuita com horário agendado e cursos sobre planejamento, compra, venda, empreendedorismo e formação do preço.

Portanto, seja por fins de aumento de arrecadação ou redução de carga tributária para incluir uma faixa maior de trabalhadores, o projeto do governo federal e municipal para o trabalhador que atua em atividades reduzidas vem como uma nova forma destes trabalhadores se adequarem à legislação e possuir os mesmos direitos dos comerciantes com ponto comercial fixo da cidade.

### **3.2 - O circuito inferior do centro resiste: trabalho e renda**

Ao tratar da geração de renda e trabalho pelo circuito inferior da economia, devemos entendê-lo como um dos elementos organizadores da vida no território. O trabalho expressa cultura, que se desdobra em relações de produção e regulam a convivência entre a sociedade. Além disso, constitui um meio para alcançar, de forma remunerada, a reprodução material da família e as formas de inserção social (HORTA, 2001).

O trabalho ainda constitui um direito e define as formas do fazer da sociedade (SILVA, 2006), contribuindo para a organização do território. Já a sua ausência implica em falta de condições para a vivência plena de uma cidadania digna (HORTA, 2001).

A renda consiste na expressão monetária da produção econômica, ao gerar renda o trabalho se torna uma forma dos trabalhadores adquirirem bens e serviços, dando origem ao circuito produção, renda e consumo. Este circuito, pode ser compreendido por dois subsistemas distintos e complementares, denominados por Milton Santos como Circuito superior e circuito inferior (SANTOS, 2004), conforme já apontamos.

A relação entre esses dois circuitos é determinada por condições históricas, ligadas a penetração das atividades modernas no território, e pelo Estado, que atua como intermediário entre os agentes modernos e a realidade local.

Na atualidade, as dinâmicas recentes do mercado de trabalho vêm influenciando em grande medida na expansão do circuito inferior. O fato de uma grande parcela de trabalhadores estarem inseridas em atividades de baixa produtividade, sobretudo em microatividades, nos aponta a capacidade do circuito inferior como abrigo e fornecedor de renda para a população pobre.

Esse processo de expansão do circuito inferior acontece no Brasil e ganha intensidade com a urbanização e os períodos de crise. A década de 1980 é exemplar desse processo, quando o mercado de trabalho, passa a ter uma redução nos postos de trabalho regulamentado e uma expansão de postos de trabalho não regulamentados ou contratos flexíveis.

Segundo Silveira (2006) a combinação desses fatores acima citados e a emergência de novas técnicas extremamente poupadoras de mão de obra no seio do circuito superior e as novas formas de contratação baseadas nas novas medidas trabalhistas têm levado a precarização do trabalho e o aumento do desemprego.

Isso nos indica que a precarização do trabalho e o aumento do desemprego tem levado a expansão do circuito inferior no período atual, uma vez que este tem uma função de provedor de ocupações e fornecedor dos meios de sobrevivência (MONTENEGRO, 2006).

Ainda que o conceito de circuito inferior da economia urbana englobe todas as formas de trabalho que proporcionam renda e que sejam desenvolvidas com capital reduzido e baixo grau de organização, considerando-se os dados referentes às micro e pequenas empresas oficiais (SEBRAE, 2015), que muitas vezes não estão em total consonância com o que caracterizamos como circuito inferior, porém esses dados podem ser pertinentes a nos explicar o circuito inferior como gerador de renda e trabalho.

**Quadro 19 – Número de estabelecimentos e emprego por tamanho no setor terciário – 2015**

Campos dos Goytacazes	Comércio			Serviço		
	ME	PE	Média/ Grande	ME	PE	Média/ Grande
Remuneração (R\$)	885	1.032	1.071	1.000	1.253	1.588
Total de empregos	9.511	9.147	7.231	5.168	8.938	14.702
Número de estabelecimentos	3.357	503	55	2.029	451	102

**Fonte:** Anuário Sebrae (2015); Organização do autor.

Observando o quadro 19, os dados fornecidos pelo Sebrae nos indicam uma participação ativa das pequenas e microempresas na economia urbana de campos dos Goytacazes. Devemos destacar também que estes dados são referentes as atividades e geração de trabalho regulamentados pelo ministério do trabalho, então não é levado em

conta o trabalho não regulamentado, o que ampliaria a importância das pequenas atividades como geradores de renda e trabalho.

A participação das médias e grandes empresas em Campos representam 1,43% em relação as micro e pequenas empresas no que diz respeito ao comércio, no que diz respeito a geração de empregos as médias e grande empresa fornecem apenas 7.231 empregos, ou seja, 61% menos que as micro e pequenas empresas. Isso indica o poder de resistência dessas atividades a lógica contemporânea imposta pelo capitalismo, que mesmo sem investimento em capitais se expande pelas cidades e torna-se um refúgio para os trabalhadores não incorporado ao circuito superior.

Esse crescimento se deve as atividades comerciais que exigem menos investimento em capitais e demanda por mão de obra qualificada, daí a expansão de armarinhos, venda de produtos alimentícios, fornecedores de quentinhas, artesanato, etc.

Dessa forma, o circuito inferior e sua relação com o espaço revela-se como o território é usado (SANTOS e SILVEIRA, 2001), onde cada ator tem força diferente dentro de uma dinâmica na qual sistemas de objetos e sistemas de ações se condicionam mutuamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como objetivo compreender a dinâmica de estruturação das áreas comerciais e de serviços no espaço urbano de Campos dos Goytacazes. Nesse sentido, o Centro Histórico se destacou ao longo do tempo, como a principal centralidade urbana da cidade, ainda que subcentros comerciais tenham surgido.

No longo percurso da pesquisa pudemos verificar que o Centro é um lugar de coexistência do circuito superior, superior marginal e do circuito inferior. Esse último um grande gerador de trabalho, que se implanta nos interstícios do circuito superior. Além disso, fica claro que durante o século XX e XXI, o forte poder dos comerciantes tradicionais e dos proprietários fundiários das áreas centrais em criar e executar políticas de remoções das microatividades, caracterizadas aqui como circuito inferior da economia urbana.

Os circuitos da economia urbana em Campos dos Goytacazes adquirem formas diversas de existência que emergem da relação contraditória entre as condições socioespaciais locais e vetores externos. Também se verifica que esses circuitos apresentam características específicas em relação ao meio construído, geração de renda e trabalho.

Também é possível evidenciar que, ao mesmo tempo em que presenciamos a expansão de novas formas de consumo, temos uma expansão do circuito inferior, principalmente pelo atual processo ser guiado por uma lógica de reprodução desigual do capital.

O comércio de Campos localizados na área central apresenta um misto de atividades dos dois circuitos, com um processo recente de expansão do circuito superior. Já nos bairros de Goitacazes e Guarus são predominantemente do circuito inferior, composto por estabelecimentos comerciais de pequeno e médio porte ligados a comercialização de roupas, acessórios e alimentos.

É importante ressaltar que o processo de redefinição do centro tradicional aponta para o discurso de modernização do espaço público tendo como referência o espaço privado e uma apropriação dos shopping centers e de redes de franquias da área central. As novas atividades são impostas por novas racionalidades e estratégias de reprodução do capital que transcendem as parcelas do tecido urbano nas quais se instalam, redefinindo o conteúdo do Centro e a Periferia, além limitar a apropriação do espaço, que tende a se realizar pautada estritamente em interesses econômicos.

Assim, comprovamos que o Centro de Campos não perdeu atividades comerciais para outras centralidades comerciais a partir da década de 90. O que ocorreu na cidade foi a abertura de filiais de lojas tradicionais do Centro nestes bairros ou de redes comerciais regionais ou locais que por questões locacionais instalaram suas atividades na Pelinca.

Em relação ao Centro, existem ruas que compreendem em sua extensão um comércio do circuito superior voltado para venda de produtos, um comércio local tradicional e algumas ruas, principalmente as localizadas próximas ao Mercado Municipal com um comércio direcionado para um público menos abastado.

O comércio local apoiado pelas associações comerciais como a CDL e CAJORPA, exerce grande influência nas decisões políticas e organizacionais da cidade, levando o poder público deliberar ações que os beneficie em detrimento de outras atividades comerciais, também de suma importância para a economia urbana.

A influência dessas associações contribuiu para o poder público deliberar diversas medidas sobre as microatividades localizadas pela área central. Questionando a desorganização e falta de acessibilidade nas calçadas estas entidades impetraram com uma ação no Ministério Público para reprimir seu acesso a algumas partes do Centro. O resultado da retirada foi sentido pelo comércio lojista pela redução do movimento nestas áreas e uma consequente redução das vendas.

Outro aspecto a ser destacado na área central foi o discurso utilizado pelo poder público em realizar um projeto de reforma urbanística recente. No entanto, ao nosso entendimento o que ocorreu na área central foi um conjunto de reformas na forma, capazes apenas de embelezar alguns pontos ao invés de transformar o Centro e reestruturá-lo unindo todos os circuitos e integrar as microatividades, favorecendo sua comercialização pelas ruas.

Isso porquê as atividades do circuito inferior são intimamente ligadas aos conteúdos do meio geográfico no qual se localizam. Elas dependem dessa economia de aglomeração, aproveitando-se dos interstícios produzidos para os setores mais modernos. Uma vez que seus agentes não possuem a mobilidade espacial que caracteriza as grandes empresas, eles estão presos à sua localização primeira, dependem de um mercado local e contíguo. Por isso, questionamos a morosidade do poder público em finalizar a obra do novo prédio do Shopping Popular Michael Hadaad e a volta a rotina de comercialização no local de origem destes comerciantes.

As reformas urbanas recentes, ou as denominadas *revitalizações ou reabilitações*, configuram-se muitas vezes em mecanismos de racionalização do espaço urbano, cujo objetivo maior é a mudança do conteúdo desses espaços, privilegiando os interesses dos proprietários fundiários e de empresas, como as empresas comerciais e de serviços. Na situação geográfica analisada, o pequeno comércio e as microatividades foram segregadas tanto da decisão sobre o projeto de reformas, quanto com relação ao local onde foram deslocados provisoriamente. Esse processo revela, agora com elementos do período atual, os mecanismos de geração de segregação socioespacial das classes não abastadas. A análise do Centro principal de Campos dos Goytacazes expressa a negação de um tipo de economia, que é a economia do circuito inferior, em detrimento dos interesses dos agentes do circuito superior.

Para concluir, destacamos que o Centro de Campos dos Goytacazes é ainda bastante popular, diversificado e onde a maior parte da população se destina para o consumo, para a realização de atividades de serviços (públicos ou privados) e para o trabalho, pois o Centro, conforme vimos, também gera muitos empregos e trabalho. Outrossim, no período recente, há de certa forma, um novo interesse pelo Centro pelos agentes do circuito superior, verificado pela chegada de redes de franquias e shopping centers. Esse processo une os projetos de renovação urbanísticas aos processos de criminalização das microatividades, gerando conflitos e mudanças no conteúdo e na forma do Centro Principal de Campos. Entretanto, as microatividades resistem e se conformam como formador do circuito inferior da economia, gerador de trabalho para uma parte significativa da população.

## REFERÊNCIAS

ALVES, H. **Reformas Urbanas e Poder Político: os empresários e o projeto de modernização da cidade de Campos dos Goytacazes - 1890/1930**. Dissertação de conclusão do Mestrado em História. Niterói: UFF, 1995.

Awad, Elias. **Samuel Klein e Casas Bahia: uma trajetória de sucesso**. Novo Século Editora, 2003.

BARBOSA, Brígida Maria Pereira; LINHARES, Rita de Cássia Barreto. **Praça do Santíssimo Salvador – século XXI - Transformações no Espaço Urbano: permanências e rupturas**. Monografia de conclusão do curso de licenciatura em Geografia, Campos dos Goytacazes/RJ, CEFET-CAMPOS, 2007.

BOTTOMORE, T. B. **As elites e a sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

CARLOS, A. F. A. **Novos Caminhos da Geografia** (org.). São Paulo: Contexto, 2005. 204p.

CARVALHO, Waldir Pinto. **Gente que é nome de rua. Biografias, Vol. 1**. Rio de Janeiro, 1985. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.camaracampos.rj.gov.br/index.php/component/flippingbook/book/124?page=6> acesso em: 23/03/2016.

\_\_\_\_\_. **Campos depois do centenário, Vol 1**. Rio de Janeiro, 1991 Disponível em:<http://bibliotecavirtual.camaracampos.rj.gov.br/index.php/component/flippingbook/book/124?page=6> acesso em: 23/03/2016.

CASTELLS, M. & Borja, J. **As Cidades como Atores Políticos**. Novos Estudos, CEBRAP, n.45, São Paulo, 1996.

COELHO, Otávio de Melo; PEREIRA, Mirlei Fachini. **O circuito inferior da economia na área central de Uberlândia (MG): avaliação e caracterização em Geografia (Londrina)**, v.20, n.1, p.163-188, Jan/abr. 2011.

CRUZ, J. L. V. **Modernização Produtiva, Crescimento Econômico e Pobreza no Norte Fluminense (1970-2000)**. In: Roberto Moraes Pessanha, Romeu e Silva Neto. (org.). **Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense**. 1ª. ed. Campos dos Goytacazes: WTC Editora, 2004, v. 01,p.77-116, 2004.

\_\_\_\_\_. **Projetos Nacionais, Elites Locais e Regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense entre 1970 e 2000**, Tese (Doutorado) - IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

D'OLIVEIRA, Sonia Azevedo Le Cocq. **As Áreas de Especial Interesse Social em Campos dos Goytacazes**. Rio de Janeiro : PROURB/FAU/FRJ/CNPQ, 2002.

FARIA, Teresa de Jesus Peixoto. **O Plano Urbanístico de 1944: uma nova ordem sócio espacial para a cidade de Campos dos Goytacazes**. In GANTOS, Marcelo Carlos (org). Campos em perspectiva. Rio de Janeiro: Papel virtual/UENF, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gênese da rede urbana no Norte e Noroeste Fluminense**. In CARVALHO, Ailton Mota; FERREIRA, Eugênio; (org). Formação histórica e econômica do Norte Fluminense. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. **Campos dos Goytacazes nos anos 1870-1880: a modernização brasileira e o mundo citadino**. Agenda social (UENF), v. 2, p. 1-16, 2008.

\_\_\_\_\_. **Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades velhas estruturas**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. X Encontro de Geógrafos da América Latina Por uma Geografia Latino-Americana: Do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade, v. 1. p. 78-99, 2005.

FÉRES, Vinícius. **O processo de descentralização comercial na cidade de Campos dos Goytacazes e a nova centralização na área da Pelinca**. Monografia, Licenciatura em Geografia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Campos dos Goytacazes, RJ, 2009.

FEYDIT, Julio. **Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes – Desde os tempos coloniaes até a Proclamação da República**. Campos: Typographia de J. Alvarenga & Comp, 1900.

FORTUNA, D. S. Educação e mercado de trabalho no Norte Fluminense. In: Júlia Adão Bernardes; Catia Antonia da Silva. (Org.). **Modernização e território: Entre o passado e o presente do Norte Fluminense**. 1ed. Rio de Janeiro (RJ): Lamparina editora, 2014, v. , p. 58-70.

FREITAS, C. R. B. **O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes: a sedução persistente de uma instituição pública**. Dissertação de mestrado em Políticas Sociais. Universidade Estadual do Norte-Fluminense Darcy Ribeiro, 2006.

HARVEY, D. **Do Gerenciamento ao Empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio** In: Espaço & Debates - Revista de Estudos Regionais e Urbanos. Ano XVI, n. 39, Cidades: Estratégias Gerenciais. São Paulo: NERU/CNPq/FINEP, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HORTA, C. R. **Desemprego e cultura: uma leitura política da desconstrução da cidadania do trabalhador**. In: HORTA, C. R. & CARVALHO, R. A. A. de (org.). Globalização, trabalho e desemprego: um enfoque internacional. Belo Horizonte: C/ Arte, 2001.

IBGE. **As Micro e Pequenas Empresas Comerciais e de Serviços no Brasil**. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2001.

\_\_\_\_\_. IBGE. **Censo Demográfico atualizado 2015**. Disponível em: [Http://www.censo2010ibge.gov.br](http://www.censo2010ibge.gov.br).

Jornal 24h. **Obras do Centro Comercial Michel Haddad em andamento, disponível em:** <http://campos24horas.com.br/portal/obras-do-centro-comercial-michel-haddad-em-andamento-2/>, acesso em: 15/04/2017

KOWARICK, Lúcio. **A Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAMEGO, A. **O Homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: IBGE, 1945. 204 p.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MANSUR e NETO. **Caracterização da cadeia produtiva de confecções no município de Campos dos Goytacazes – RJ**. XII SIMPEP – Bauru, SP, Brasil, 7 a 9 de Novembro de 2005

MARICATO, Ermínia. **As Ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil**. In: ARANTES, O. et. al. (org.). A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 121-192.

MASCHIO, Maralice. **"Experiências dos trabalhadores das Lojas Pernambucanas no contexto da reestruturação produtiva (1970–2000)."** Marechal Cândido Rondon: Programa de Mestrado em História/UNIOESTE (2007).

MARICATO, Ermínia. **"A Cidade do Pensamento Único. Desmanchando Consensos"**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTENEGRO, Marina. **"O Circuito Inferior no Centro de São Paulo frente às Dinâmicas da Globalização e ao uso Corporativo do Território.** Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Dinamismos Atuais do Circuito Inferior da Economia Urbana na Cidade de São Paulo: expansão e renovação.** GEOUSP: espaço e tempo, v. 34, p. 33-45, 2013.

\_\_\_\_\_. **Reflexões para uma Teoria da Localização da Economia Popular nas Metrôpoles Brasileiras:** São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Novos Nexos entre os Circuitos da Economia Urbana nas Metrôpoles Brasileiras.** Revista da ANPEGE, v. 9, p. 27-40, 2013.

MORAES, Roberto. **Fotografia das Microatividades localizadas na Avenida Alberto Torres no ano de 2009.** [www.blogdorobertomoraes.blogspot.com](http://www.blogdorobertomoraes.blogspot.com) Acesso em: 12/04/2016.

MOTTA, Norma Aparecida Leite; SOUZA, José Henrique Aguiar de. **A Transformação Espacial da Praça São Salvador em Campos dos Goytacazes/RJ (2004/2005).** Monografia de conclusão do curso de licenciatura em Geografia, Campos dos Goytacazes/RJ: CEFET-CAMPOS, 2010.

OLIVEIRA, Francisco. **O Estado e o urbano no Brasil.** In. Revista espaço e debates, Jun/Set, 1982.

OLIVEIRA JR, G. **Novas Expressões de Centralidade e Aprofundamento do Estranhamento da Vida Cotidiana na Cidade.** In: Mercator, Revista de Geografia: UFC, ano 07, n.14, 2008.

OMPETRO. **Organização dos municípios produtores de petróleo.** Balanço de arrecadação de Royalties, disponível em: <http://www.ompetro.org.br/index.php/component/content/article?id=464:balanco-arrecadacao-royalties.html>, acesso em: 23/03/2016, Jan de 2016.

PINTAUDI, S. M. **O Templo da Mercadoria: Estudo sobre os shoppings centers do Estado de São Paulo**, 156f. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, letra e ciências humanas: Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

PINTO, Jorge Renato. **Um pedaço de terra chamado Campos – sua geografia e seu progresso**. 2 ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 1987.

PREFEITURA. **Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes**. Disponível em: <<http://www.campos.rj.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei número 7.974, de 31 de março de 2008**. Disponível em: <<http://www.campos.rj.gov.br/leis/2008/leis2008.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Campos Referência ao Lançar Microcrédito**. Disponível em:<<http://www.fundecam.campos.rj.gov.br/noticias/274-campos-referencia-ao-lancar-o-microcredito>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Juros de 2% mantidos pela Prefeitura**. Disponível em: <<http://www.fundecam.campos.rj.gov.br/noticias/272-juros-de-2-no-fundecam-mantido-pela-prefeitura>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Fundecam Equalizante devolve R\$ 11,7 mil de Juros à Microempresa**. Disponível em: <<http://www.fundecam.campos.rj.gov.br/noticias/271-fundecam-equalizante-devolve-r-11-7-mil-de-juros-a-microempresa>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Prefeita assina Parceria com Sebrae que beneficia Empreendedores**. Disponível: <[http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=32210](http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=32210)>. Acesso em: 19 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **INSS é o novo Parceiro da CODEMCA no Espaço do Empreendedor**. Disponível em: <[http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=7608](http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=7608)>. Acesso em: 02 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **FUNDECAM e BB definem Parceria para o Microcrédito**. Disponível em: <[http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=25161](http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=25161)>. Acesso em: 02 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **Rosinha Sanciona Lei que Beneficia Microempreendedores**. Disponível em: <[http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=5346](http://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=5346)>. Acesso em: 02 jan. 2016.

RODRIGUES, I.P. **As elites locais e a organização do território**. In XI encontro nacional da ANANPEGE, v.13 p. 6841-6852, São Paulo, 2015

SANTOS, J. **A Cidade Poli(multi)nucleada: a reestruturação do espaço urbano de Salvador**, Tese de Doutorado, 402f. – Faculdade de letras, ciência e tecnologia, Universidade Estadual Paulista: Presidente Prudente, 2008.

SANTOS, Milton. **A Pobreza Urbana**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido**: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos -2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção** -4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS. M. & SILVEIRA. M. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARMENTO, Marcelo. **A ação do Estado e dos promotores imobiliários na produção do espaço urbano vertical em Campos dos Goytacazes: concentração, especulação e simbolismo**. Monografia - CEFET. Campos dos Goytacazes, 2007.

SILVEIRA, M. L. **Metrópolis Brasileñas: un análisis de los circuitos de la economía urbana**. EURE (Santiago), v. XXXIII, 2007, p. 149-164.

\_\_\_\_\_. **Finanças, Consumo e Circuitos da Economia Urbana na Cidade de São Paulo**. Caderno CRH (UFBA), v. 22, 2009, p. 65-76.

\_\_\_\_\_. **Globalizacion y Circuitos de la Economia Urbana em Ciudades Brasileñas**. In Cuadernos del CENDES, ano 21, n.57, 2004.

SILVA, L.O. **Decadência e Reabilitação do Centro de São Paulo**. In Urbanismo: Dossiê São Paulo, Campinas, 2006.

SILVA, S. C. **O Circuito Inferior de Produção na MetrÓpole de São Paulo: elementos para o debate do território usado.** Caminhos de Geografia, 2012, p.282–292. Completar informações da revista.

\_\_\_\_\_. **O papel do Circuito Inferior na Construção da Centralidade da MetrÓpole de São Paulo.** XIII SIMPURB, UERJ, 2013.

SEBRAE. **Monitoramento da Implementação da Lei Geral nos Municípios Brasileiros.** Disponível em: <<http://app.pr.sebrae.com.br/leigeralnacional>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **Painel regional: Norte Fluminense/ Observatório Sebrae/Rj.** Rio de Janeiro: SEBRAE, RJ, 2015.

SOUSA, Horácio. **Cyclo Áureo: História do 1º centenário da cidade de Campos 1835-1935.** Campos dos Goytacazes, RJ: Essentia, 2014.

TEIXEIRA DE MELLO, J. **Campos dos Goytacazes em 1881.** Rio de Janeiro: Tipographia Laemmert & Cia, 1886.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual: natureza, capital e a produção do espaço.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. **Reestruturação Urbana e Segregação Socioespacial no Interior Paulista.** Scripta Nova (Barcelona), v. XI, 2007, p. 11.

\_\_\_\_\_. **O Centro e as Formas de Centralidade Urbana.** Revista de Geografia: São Paulo, v. 10, 1991, p. 1-18.

VAINER, C. **“Pátria, Empresa e Mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano”.** In ARANTES, Otilia, VAINER, Carlos. Petrópolis, 2000.

Villaça, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel-FAPESP-Lincoln Institute, 2001.